

MARCUS MOSIAH GARVEY

★ **A Estrela Preta** ★



**EU&EU
REALIDADE
RASTA**



1º volume

Edição Especial online

Direitos Reservados

É proibida toda e qualquer reprodução para fins lucrativos.

A divulgação, impressão e reprodução deste material, de forma gratuita, para fins de estudos estão autorizadas sem qualquer restrição.

Sista Luísa Benjamim
Agosto de 2013

ISBN: 9788562628535

Nota Editorial:

Saudações em Nome do Altíssimo JAH RASTAFARI!
Rei Alpha, Rainha Omega, Imperador Haile Selassie I, Imperatriz
Menen, Pai e Mãe de toda a Criação.

É com muita alegria e satisfação que o EU&EU Realidade Rasta traz mais uma edição especial, dessa vez inteiramente vivificada ao Honorável Profeta **Marcus MOSIAH Garvey**¹.

EU&EU, através dessas publicações, que já contam com mais de 5 anos de trabalho com muito amor e vivificação, desejamos ser servas de Suas Majestades no trabalho pela Real educação dos filhos e filhas de JAH em diáspora nos quatro cantos do mundo. Nosso trabalho é no sentido de proporcionar aos filhos que compreendem a língua portuguesa o acesso aos ensinamentos Rastafaris. Nossa intenção é que também os filhos em África que compartilham com EU&EU do mesmo idioma possam também estar sendo beneficiados por nosso trabalho.

Aos poucos estamos superando as dificuldades de encontrar nossa verdadeira história em língua portuguesa, em especial com relação a informações sobre a Vida e ensinamentos do Honorável Profeta, as informações sobre ele nessa língua são praticamente inexistentes. Esse material visa ser apenas um primeiro volume de outros que virão com informações sobre essa tão importante figura universal.

Marcus Mosiah Garvey, além de ser o principal Profeta para os Rastafaris, é um líder de fundamental importância para todos os movimentos pan-africanos da diáspora e do continente africano a partir do século 20. É considerado por muitos o mais importante líder Negro que influenciou os movimentos Negros surgidos após seus feitos e transformou os já existentes. Sua passagem pelos Estados Unidos, por exemplo, revolucionou os objetivos dos Negros que lutavam por seus direitos, fazendo com que percebessem que a luta Negra não se limitava às fronteiras do estado-nação em que estavam, mas que deveria haver uma solidariedade entre os Negros de todo o mundo, para fortalecer sua luta por liberdade. E ainda os mostrou que sua verdadeira pátria não é nenhuma das nações que os oprime e os escravizou, mas sim a Terra Original África.

¹ Os textos aqui trazidos foram traduzidos do inglês e espanhol por Sista Nanda e Sista Luísa com o auxílio e colaboração de José Fernandes e Sista Molly Rose.

A primeira parte desse livro, intitulada “O Líder e Profeta”, conta com textos que falam sobre a vida e as realizações de Marcus Garvey. O texto introdutório foi escrito por um Ancião Rastafari da Jamaica que traz uma narrativa da tentativa de repatriação física de Garvey e da U.N.I.A. a bordo da Blak Star Line. O segundo texto foi retirado e adaptado de um livro que é inteiramente destinado a falar da biografia e influência de Garvey, é muito rico em detalhes sobre sua vida. O terceiro foi elaborado por um jovem Irmão Rastafari da cidade de Campinas que, em seus estudos sociológicos e antropológicos sobre a fé e política Rastafari, organizou esse texto sobre o movimento de Garvey. Por fim, o último texto desta parte procura trazer um pouco sobre a importância de Marcus Mosiah Garvey para os Rastafaris e de como Sua Majestade Imperial O Imperador Haile Selassie cumpre as profecias anunciadas por ele.

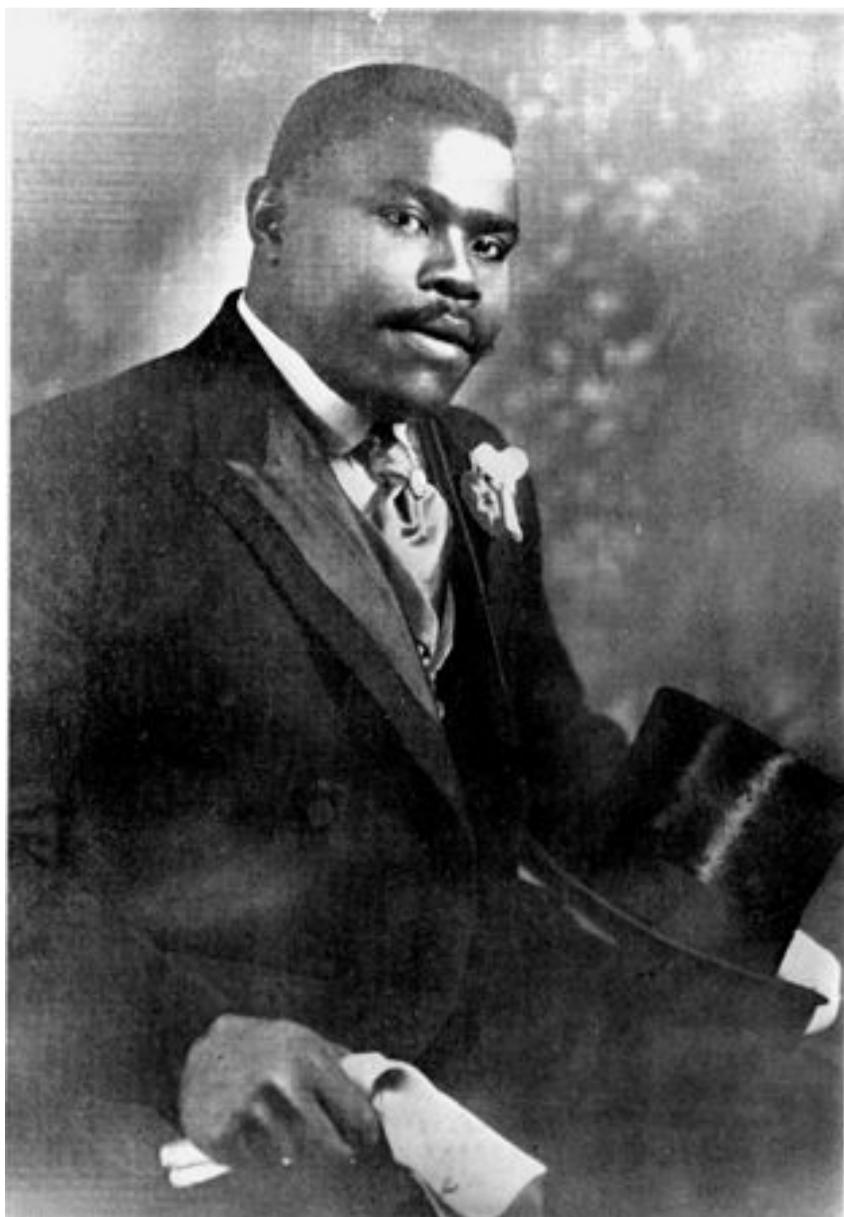
A segunda parte, intitulada “Palavras e Ensinamentos”, traz as próprias palavras de Marcus Mosiah Garvey, em discursos, artigos e poemas. Os temas abordados são os mais diversos. Alguns tratam sobre sua luta e pensamento político relacionados à luta da diáspora Negra e à África. Outros falam sobre a fé, a vida, a educação, Cristo, Deus, o Amor e a coração de Sua Majestade Imperial Haile Selassie. O que todos têm em comum é o compromisso e o desejo de Garvey em orientar o seu povo, educando, informado, preparando e capacitando.

Desejamos com muito Amor que esse estudo possa ser de grande benefício para todos que o lerem. Em especial, esperamos que essa leitura seja de grande significância para os africanos e africanas que foram dispersos pelos interesses escusos e a ambição da babilônia, e que através da vida e palavras do Honorável Profeta Marcus Mosiah Garvey possam retornar a seu lar, Terra Mãe África.

Um Amor, Um Deus, Um Objetivo, Um Caminho, Um Destino
JAH Rastafari!

Edição: Sistah Luísa Benjamim
Projeto Omega Nyahbinghi
Brasil, 2010.

luisabbenjamim@gmail.com – omeganya@gmail.com
omeganyahbinghi.blogspot.com



Sumário:

1ª Parte: O Líder e Profeta

Uma Introdução: Garvey e a Black Star Line.....	13
Vida e Realizações de Marcus Mosiah Garvey.....	17
A dimensão Espiritual e messiânica pan-africana de Garvey, “O Profeta” .	53
Marcus Garvey para os Rastafaris: Haile Selassie cumpre a profecia..	57

2ª Parte: Palavras e Ensinamentos

Declaração de Direitos dos Povos Negros.....	87
Verdadeira solução para o problema do Negro.....	97
Princípios da Associação Universal para o Progresso do Negro.....	99
África para os Africanos.....	107
O Louvor Africano de Batalha (poema).....	112
Branco e Preto (poema).....	113
Mãe Preta (poema).....	114
Rainha Preta (poema).....	115
Pois Ele é Deus (poema).....	117
Coroação da Santíssima Trindade	119
Deus	120
Homem conheça a ti mesmo.....	122
Uma mensagem de Natal para o povo Negro do mundo.....	124
A Verdadeira Arte de Amar	128
Inteligência, Educação, Conhecimento Universal e como conseguir isso .	130
Como ler	135
Real Caráter	138
Olhe para mim no olho do furacão.....	140
Referências	145

1ª PARTE:

O Líder e Profeta

Uma Introdução: Garvey e a Black Star Line²

Na virada do século 20, Marcus Mosiah Garvey ergueu-se para inspirar o povo a lutar por mudanças sociais, políticas e econômicas. Marcus Garvey e Amy Ashwood co-fundaram a Universal Negro Improvement Association³ (U.N.I.A.) em 1914. Além disso, ele estabeleceu uma imprensa e foi o produtor do primeiro jornal com proprietário negro na Jamaica. O jornal se chamava *O Homem Preto* (*The Black Man*).

Garvey desenvolveu fundamentos Africanos com o credo de “Um Deus, Um Objetivo, Um Destino”. Garvey deixou a Jamaica e viajou por Cuba, Haiti, Costa Rica, e outros países da América do Sul. Em 1916 ele migrou para os Estados Unidos onde iniciou um longo capítulo da U.N.I.A., com quartel general em Harlem, Nova Iorque. Ele então iniciou um jornal em Nova Iorque chamado *O Mundo Negro* (*The Negro World*).

A U.N.I.A. cresceu para se tornar a maior organização preta de todos os tempos, envolvendo aproximadamente cinco milhões de membros ativos no mundo. Marcus Garvey pregou que os ex-escravos Africanos deveriam ser repatriados para a África, e os antigos países negociadores de escravos deveriam pagar reparações por sua participação em tal empreendimento. Sua organização (U.N.I.A.) estabeleceu muitas empresas para encorajar o povo preto a ser independente e auto-suficiente. Ele então fundou uma companhia de navios chamada The Black Star Line (a Linha da Estrela Preta) em 1919. Esses navios eram usados para transportar cargas e passageiros por todo o mundo preto. Sua organização estabeleceu contato e assinou um contrato com o Presidente Rei da República da Libéria em 1920, com o propósito de realizar trocas comerciais com os Africanos em diáspora e repatriação do povo descendente Africano do oeste que desejava retornar para a África. Essa acordo incluía a locação de um quarto de milhão de acres de terra na Libéria.

Membros da U.N.I.A. avidamente embarcaram a frota de cinco navios dos portos no Caribe e Estados Unidos. Eles foram carregados de

² Texto traduzido e adaptado do livro: *From Babylon To Rastafari: Origin And History Of The Rastafarian Movement*. De Douglas MACK. Frontline Distribution International, 1999. Título Original do texto “The Garvey Era”.

³ Associação Universal para o Progresso do Negro.

sementes, grãos, tratores, água, bombas, ferramentas, caminhões, outros equipamentos e materiais necessários para construir um povoado em África. Logo que o contingente da U.N.I.A. deportou para Libéria, o governo dos Estados Unidos despachou um rápido cruzador com o secretário de estado a bordo. O cruzador passou a frota da U.N.I.A. em alto mar, desembarcando na Libéria na frente da frota de navios da U.N.I.A. O Secretário de estado dos Estados Unidos se encontrou com o Presidente Rei em uma secreta reunião. O conteúdo dessa reunião nunca foi revelado para o público. Quando a U.N.I.A. e sua frota se aproximou das margens da Libéria, a Marinha da Libéria bloqueou sua passagem, impedindo-os de chegar em terra. O capitão da Black Star Line procurou ter uma reunião com o Presidente Rei imediatamente. O exibiu o contrato de locação, assinado e acordado pelo Presidente Rei. No entanto, o Presidente Rei inflexível se recusou a conversar com a delegação da U.N.I.A.

Depois de semanas tentando negociar com o Presidente Rei a permitir que a tripulação da Black Star Line chegasse em terra, e com o esgotamento de comida e água fresca, o presidente da Libéria permitiu somente o descarregamento dos equipamentos e materiais do navio. O Presidente Rei recusou firmemente a deixar a tripulação chegar em terra. Os equipamentos e materiais foram confiscados pelo governo da Libéria. Finalmente, o governo da Libéria decidiu reabastecer os suprimentos necessários a bordo da frota de navios da U.N.I.A. e instruiu sua marinha a escoltar forçosamente os navios da U.N.I.A. para fora das águas da Libéria.

Desanimados e desapontados, a tripulação zarpou para sua jornada de retorno para o oeste. Depois de cruzar o Oceano Atlântico, a frota de navios aportou em Cuba. Naquela noite, a frota inteira foi sabotada e posta em fogo. Ninguém foi responsabilizado por esse ato bárbaro. Após, em 1923, Garvey foi prontamente detido e cobrado por fraude e conspiração. Ele foi acusado e culpado em 1925 e foi sentenciado por cinco anos de prisão, no estado da Geórgia.

Em novembro de 1927, Marcus Garvey teve o perdão concedido pelo Presidente Calvin Coolidge. Após sua libertação da prisão, Garvey foi deportado para a Jamaica, onde com seus fiéis tenentes, Saint William Grant, Stennett Kerr-Coombs, e outros, continuou seu trabalho com a U.N.I.A. Ele decidiu fazer campanha para um assento no conselho legislativo na Jamaica. No entanto, Garvey foi preso, acusado e culpado de insurreição. Logo após a sentença, o juiz recebeu uma carta

na sala do presidente do Conselho das Igrejas da Jamaica citando “Você vai Deixar o Tigre Solto?” Quando ele foi solto da prisão, deixou a Jamaica para a Inglaterra, onde residiu até a sua morte em 1940.

Após a Era Garvey na Jamaica, Alexander Bustamante, Norman Washington Manley, Ken Hill, e outros valentes, continuaram a luta por mudanças nas condições sócias-políticas e econômicas na Jamaica. Houve motins nos abastecimentos de água em Kingston, alvoroços nas plantações de açúcar, e desobediências civis em geral pela maioria da classe trabalhadora da Jamaica.

Bustamante fundou uma união de trabalhadores, The Bustamante Industrial Trade Union⁴ (B.I.T.U.). Ken Hill fundou a Trade Union Congress⁵ (T.U.C.). Norman Manley fundou um partido político chamado “The People’s National Party⁶” (P.N.P.). Em 1938, os eventos de desobediência civil intensificaram-se ao ponto do governo não ter controle do seu desenvolvimento. Eventos consecutivos fizeram o governo declarar estado de emergência dentro da ilha. Bustamante, Ken Hill e outros foram detidos e presos. Bustamante foi julgado e condenado, e encarcerado a disposição do governo.

Finalmente Bustamante foi liberto e formou o Jamaica Labor Party⁷ (J.L.P.). A Jamaica teve seu primeiro sufrágio universal no governo de 1944.

O Partido Trabalhador da Jamaica (J.L.P.) ganhou a eleição e Sir William Alexander Bustamante tornou-se o primeiro ministro da Jamaica e formou o primeiro governo a eleger Jamaicanos, o P.N.P de Norman Manley tornou-se o primeiro partido de oposição da Jamaica.

⁴ O Sindicato Industrial Bustamante.

⁵ Congresso dos Sindicatos.

⁶ O Partido Nacional do Povo.

⁷ Partido Trabalhador da Jamaica.

Vida e Realizações de Marcus Mosiah Garvey⁸

Origens

Origem familiar:

Marcus Mosiah Garvey nasceu no número 32 da Rua Market, na cidade portuária do norte de St. Ann's Bay, na Jamaica, em 17 de agosto de 1887. Diz-se que o pai de Garvey era pai de onze filhos, de seus três casamentos. Marcus nasceu no último grupo, do casamento de seu pai com Sarah Jane Richards.

O pai de Garvey era um pedreiro de profissão, e suas casas, igrejas e túmulos, tanto de tijolos como de pedra, eram muito conhecidos na paróquia de St. Ann, onde os campos eram separados por pequenos muros de pedra cinza. No entanto, o pai de Garvey não foi apenas um mestre de obras ele também era diácono da Igreja Metodista e o consideravam “advogado da vila”, resolvia casos, escrevia cartas, e aconselhava os camponeses. Adorava ler, tinha uma pequena biblioteca e assinava vários jornais locais. Ele transmitiu a seu filho não só seu caráter determinado, mas também seu amor pela leitura e sua capacidade intelectual.

Em termos de temperamento, o pai e a mãe de Garvey eram muito diferentes. Sarah, como seu filho a descreveria mais tarde, era “uma cristã moderada e consciente, demasiado suave e boa para a época em que viva”, enquanto seu pai, o qual até Sarah chamava de Senhor Garvey, seguia o estilo vitoriano, era um homem “rigoroso e firme, resoluto, forte e valente, e sem assentir a uma força superior, considerava que tinha a razão”.

De fato, o Sr. Garvey, o pai, parece ter sido formado dentro do molde de um cabeça de família masculino autocrático e reto.

Nas colônias, a personalidade masculina – nutrida por esses códigos, o exemplo da família, a Bíblia, a Igreja, e a instrução formal – era levada a sentir confiança em si mesmo, no seu orgulho por

⁸ Traduzido e adaptado do livro: Marcus Garvey Paladin Anticolonialista. De Rupert Lewis. Ciudad de La Habana: Casa de las Americas, 1989.

realizações. No entanto, sua vontade de ser intelectual, suas aspirações culturais, monetárias e sociais eram frustradas pelas restrições racistas e legais sobre “os nativos”. Com essa personalidade forte e orgulhosa de nascimento sentia que suas forças eram desafiadas e abatidas, e seu orgulho desonrado.

Houve um episódio com o Senhor Garvey em que essas questões aparecem. Um tal Senhor Gall, editor de um jornal em Kingston, enviava exemplares de seu jornal a ele fazia anos. Quando Gall morreu, seus executivos enviaram ao Senhor Garvey uma conta de trinta libras, uma soma considerável para aquela época, e ele se recusou a pagar. Ele foi processado, foi a julgamento e a causa foi perdida, e até mesmo se negou a abandonar a reclamação dos gastos, e por ordem do tribunal uma de suas propriedades foi embargada e vendida por muito menos do que valia. Considerando que haviam sido injustos com ele, entrou e saiu de tribunais acumulando muitos gastos. Perdeu praticamente todas as suas terras.

Já há muito tempo que a família Garvey havia migrado da casa de madeira em que Garvey nasceu. Quando Garvey se encontrava na sua adolescência, seu pai tornou-se lento e abstraído. Sua mãe, entretanto, consolou-se com a Igreja e as crianças, e se apoiava em um vantajoso trabalho caseiro, para subsistir fazia tortas e doces para vender. Para vender os seus produtos tinham que viajar do subúrbio onde vivem até o centro da cidade. Aqui também a injustiça colonial colocava obstáculos aos pobres. Em meados da década de 1880 um mercado foi construído para acomodar os feirantes, que quartas e sextas-feiras desciam as colinas com os seus produtos comestíveis. Mas os colonos que formavam a maioria do conselho da paróquia estavam mais preocupados com o rendimento de pagamentos para a utilização do mercado, e os vendedores teriam que pagar altos honorários, e inclusive aqueles que vendiam tortas e doces tinham que pagar uma licença para fazê-lo. Na segunda metade do século 19, os livros do conselho da paróquia revelam que os impostos do mercado e as licenças comerciais se constituíam como a principal fonte de renda da paróquia. A maior parte deste dinheiro se dedicava a reparações, construções de estradas perto das grandes propriedades e alguma coisa em alívio dos pobres.

Outro retrato da vida infortuna de um dos parentes de Garvey refletia a sufocante situação da existência colonial para aqueles que não possuíam nada e só tinha com o que subsistir na pobreza. Em 1929, o próprio Garvey relatou a seguinte história em Kingston:

“Lembro-me de um homem chamado Pratt em St. Ann. Ele possuía muita terra e arrendou-a a meu tio, cerca de vinte e cinco acres. Meu tio era um cristão trabalhador. Quando não lia sua Bíblia, trabalhava na terra. Plantou e cultivou os vinte e cinco acres de cana comestível e todos os produtos agrícolas que se pode imaginar. (...) Tio progrediu, ele era inteligente e ele me educou, pois meu pai não podia. Eu lhe ajudava na contabilidade e, dessa forma, no final de semana obtinha uma comissão de 13% nas vendas de bananas. Algumas ganhava honestamente, e outras roubava. Eu ia na escola dominical e quando as meninas estavam olhando mostrava o dinheiro da colheita (risos), saía com dinheiro no bolso para atrair as meninas. (Risos). Mas a minha mulher está aqui hoje e quero anunciar-lhes que não tenho mais esses maus hábitos. Bem, seguindo a história. Este tio meu, uma manhã, quando ia do povoado onde vivia para a fazenda encontrou cem vacas pastando em suas terras. Pratt ordenou que seu capataz entrasse com as vacas para tirar-lhe do lugar, e quando meu tio foi para a sua residência, voltou sem indenização e dessa forma tirou do meu tio seu pedaço de terra. Meu tio nunca se recuperou e logo morreu.”(12 de setembro de 1929.)

Esta passagem reflete um fato essencial na vida do povo: a ação arbitrária dos grandes proprietários de terra, quem, respaldados pelo colonialismo britânico, faziam da vida das massas um inferno. Experiências como estas contribuíram na formação da consciência de Garvey e o obrigaram a lançar-se desde cedo para a ação pública.

Formação escolar:

Garvey frequentou a escola infantil e primaria no Colégio Metodista de St. Ann's Bay. De acordo com todas as informações e com ele próprio, ele era muito inteligente. No último curso com frequência substituíu o mestre.

As principais matérias que ensinavam era literatura, ditado e aritmética. Também se estudava ensino religioso, conhecimentos gerais, gramática e composição, geografia, história, escrita, canto, organização

e disciplina.

Garvey gozava de uma intuição pessoal, que colaborou com seu desenvolvimento como aluno destacado, herdada de seu avô o senhor Alfred E. Burrowes, quem desde 1892 dirigia uma tipografia. Burrowes foi avô de muitos jovens do povoado, que iam ali não só aprender sobre impressão, mas também sobre a vida.

Garvey era amigo dos filhos do pastor Lightbourne, eclesiástico metodista branco, e vivia na casa vizinha. O eclesiástico tinha três filhas e três filhos. Em um ensaio autobiográfico, Garvey escreveu:

“... éramos crianças felizes, companheiros de jogo. A pequena menina branca que me agradava sabia menos que eu. Éramos dois tontos inocentes que nunca sonharam com o problema e o sentimento racial. Quando pequeno fui a uma escola com meninos e meninas brancos, da mesma forma que outros Negros de então. Não escutei o vocábulo até que tive quatorze anos. Ao chegar nessa idade, minha companheira branca de jogos nos separamos. Seus pais acharam que havia chegado o momento de dividirmos e traçarmos a fronteira da cor. Enviaram ela e uma irmã a Edimburgo, na Escócia, e lhe disseram que jamais me escrevesse, porque eu era um Negro.”

Esta foi a primeira lição de racismo que recebera Garvey. A divisão racial, o preconceito racial e a depreciação dos povos africanos eram característicos do colonialismo.

Garvey estava obrigado a experimentá-los. Desafortunadamente, alguns Negros consideravam isso seu destino e justificavam a opressão colonial com passagens bíblicas. Porém isto não representava a tendência dominante no pensamento social da população Negra que aspirava uma vida melhor, livre das cadeias do colonialismo.

Aos quatorze anos foi aprender sobre tipografia com seu avô, o senhor Burrowes, a quem descreveria como “um homem muito instruído e inteligente” de quem aprendeu muito. Rapidamente dominou o ofício, praticando em uma máquina de pesado metal de ferro.

Ainda assim continuou seus debates e leituras regulares com os muitos que paravam para falar dos assuntos políticos e sociais com o senhor Burrowes. Desta forma, Garvey foi aluno, crítico e mestre. Um ex companheiro de escola de Garvey descreveu seu comportamento de então:

“Sempre que o encontrava usava abrigo, e seus bolsos estavam cheios de papéis; os lia e nos contava as coisas que passavam no mundo. Como ele sabia eu não sei, mas nos contava. Se preocupava muito com os acontecimentos internacionais.”

Garvey deixou de estudar no sexto grau, no ano de 1903. O final de sua instrução escolar foi devido ao destino normal da maioria das crianças jamaicanas, as quais não podiam seguir um período contínuo de aprendizado. Muitos nunca tiveram a oportunidade de aprender a ler ou escrever devido à sua pouca saúde, falta de escolas e fundos, à necessidade de seus pais de contar com uma ajuda em casa, no campo, no mercado, ou pela perspectiva limitada de pais incultos que consideravam que não tirariam nada prático do inapropriado trabalho mental. Depois de tudo, estavam destinados a serem vaqueiros, operários ou sapateiros. A instrução colonial era limitada. Não podia levar ao estudante muito mais que suas habilidades e mentalidade das plantações.

Aos estudantes se ensinava a aceitar e amar a dominação britânica. Em todas as escolas havia retratos dos reis britânicos, os estudantes cantavam o hino nacional da Grã-bretanha e canções britânicas, e se ensinava a saudar ao governante da Ilha, que representava a coroa britânica. O próprio governador vivia em Kingston, a Casa do Rei, centro da vida oficial social dos colonos, comerciantes e altos funcionários da colônia. Como tal, a vida da classe dominante colonial era fundamentalmente diferente da do jamaicano comum.

Por exemplo, Sir Henry Norman, quem foi designado Governador da Ilha em 1883, obteve essa posição como resultado de ter servido fielmente ao colonialismo britânico na Índia.

Dessa forma, visto a instrução normal das crianças, elas sabiam mais da Grã-bretanha e de suas vitórias coloniais do que acerca do Caribe ou África. Igualmente dentro deste contexto político-social, muitos Negros buscavam na educação um meio de avanço social, para trabalhar em postos menores eclesiais, na administração colonial, no magistério, ou em uma carreira como pastor da religião. Mas independente, não importava qual era a profissão, na instrução colonial estava encaminhado a reproduzir a subserviência.

O sistema colonial produziu um dano político, social, econômico, cultural e sociológico na população.

St. Ann's Bay, pequeno povoado portuário com uma população de somente dois mil habitantes, não oferecia muitas oportunidades a Marcus. Porém, era um porto em contato, por navegação, com outros portos jamaicanos e com o estrangeiro e, portanto, mais exposto às trocas que os povoados rurais do interior, mesmo assim, oferecia muito pouca oportunidade para os jovens.

Por este motivo, depois de ter passado um tempo trabalhando com seu avô, Garvey se mudou para Port Maria, seguindo a outro dos alunos de Burrowes, um tal Cottrell, que estava tratando de fundar uma gráfica no lugar.

Mais tarde, por volta de 1906, Garvey se mudou para Kingston, aonde trabalhou na Oficina de Publicações do Governo por algum tempo, e mais tarde como tipógrafo da seção de impressão de P. A. Benjamin Ltd., uma companhia produtora de substâncias químicas, a qual era responsável por um forte comércio de exportação com a América Central, Cuba e demais ilhas do Caribe

Por sorte, conhecemos a descrição que seu amigo J. Coleman Beecher fizera de Garvey daqueles anos:

“Estava muito orgulhoso de ser Negro. Sempre levava um dicionário de bolso e dizia que aprendia três ou quatro palavras diárias, e, quando estava em casa, escrevia um ou dois parágrafos utilizando essas palavras.”

Ele tinha uma mentalidade madura, chegou em Kingston na adolescência, e sempre estava ocupado planejando e fazendo algo que a juventude necessitava.

Participação Política Inicial:

Denúncia sindical:

Em novembro de 1908, os trabalhadores do sindicato dos tipógrafos, organizados na dependência jamaicana do Sindicato Tipográfico da América, se declararam em greve. Nesse período, o jovem Garvey estava empregado na seção tipográfica da companhia

farmacêutica P. A. Benjamin, em Kingston, e tinha se tornado presidente do ramo de tipógrafos do sindicato. Uniu-se aos grevistas, mesmo tendo-lhe oferecido um aumento de salário.

A greve não teve êxito. Surgiram diferenças entre os tipógrafos e o antigo Sindicato de Artesãos e Trabalhadores da Jamaica (JTLU) organizado desde 1907. O JTLU discutia a filiação do Sindicato Tipográfico local na Federação Americana de Trabalho, reclamando uma associação anterior única a esta. Por outro lado, as exigências de maiores tarifas de pagamento da jornada de trabalho de oito horas, entre outras coisas, foram rechaçadas totalmente pela administração. Ademais, alguns trabalhadores não se uniram a greve.

A conexão de Garvey com o movimento sindical em geral foi positiva. Esteve vinculado desde o surgimento do sindicalismo na ilha na primeira década do século 20. Porém o sindicato não fora a principal de suas batalhas políticas.

Club Nacional:

A participação de Garvey no Club Nacional durante a primeira década do século 20 pode descrever-se como sua iniciação prática na política anticolonial. Em março de 1909, o Club Nacional foi formado por S. A. G. Cox, um advogado urbano quase branco, que havia sofrido os efeitos da discriminação na administração pública. O Club demandava a autonomia dentro do Império, similar a do Canadá e Austrália.

O período mais ativo do Club foi de 1909 a 1911. Garvey foi eleito secretário do Club em abril de 1910. Outros membros destacados foram S. M. DeLeon, mais tarde representante da U.N.I.A. em Londres; J. Coleman Beecher, mais tarde diretor de distribuição do jornal jamaicano Blackman⁹ de Garvey; e a figura nacionalista da década de 1940, W. A. Domingo.

A sede inicial do Club foi Kingston, sua influência se expandiu à América Central, aonde segundo se informa, Cox pronunciou um discurso diante de cinco mil trabalhadores no Panamá em dezembro de 1910. De vez em quando, a imprensa jamaicana também publicava uma série de cartas de emigrantes que apoiavam a política do Club.

⁹ “Homem Preto”.

Apesar da curta vida do Club, os temas tratados em sua publicação continuaram a ser desenvolvidos por Garvey no início da década de 1930.

O jornal tinha uma publicação quinzenal chamada ‘Our Own’¹⁰, entre julho de 1909 e julho de 1911, que tinha uma tiragem de três mil exemplares. O enfoque do jornal atacava a política da coroa sobre o subsídio das importações de mão de obra da Índia, argumentando que a carga tributária recaía no campesinato, o qual pagava dinheiro para garantir sua posterior exploração por parte dos colonos. Também criticava duramente o racismo existente na burocracia colonial. Demandava que os sindicatos fossem reconhecidos legalmente e que o campesinato sem terras pudessem utilizar as da coroa.

Na última edição de Our Own, em 1º de julho de 1911, Cox indicava um rumo que nunca se havia desenvolvido na política do Club Nacional, que se converteria em um princípio do movimento que Garvey iniciaria.

“Os Negros e mestiços na Jamaica somente podem ter esperança de melhorar suas condições quando se unirem aos Negros e mestiços dos Estados Unidos e com os das outras Índias Ocidentais e na realidade com todos os Negros do mundo.”

Pouco se conhece na verdade sobre as atividades de Garvey dentro do Club Nacional. Porém pode-se dizer que este período foi parte importante na iniciação de Garvey na teoria e prática política.

A agitação política em suas primeiras viagens:

A participação de Garvey nas atividades políticas do Club Nacional estiveram limitadas pelo fato de que, desde os finais de 1910 até 1911, viajou à América Central. Parece que viajou primeiramente à Costa Rica aonde seu tio lhe tinha conseguido um emprego em uma plantação. Ali presenciou o ultraje das condições que tinham que enfrentar os trabalhadores imigrantes. Protestou ao cônsul britânico, mas este disse que nada poderia fazer como cônsul; não poderia mudar as

¹⁰ “Nosso Próprio”.

condições na Costa Rica. Garvey também trabalhou como editor de um jornal chamado ‘La Nacion’¹¹.

De Costa Rica viajou a Bocas del Toro, no Panamá, aonde o trato racista e a selvagem exploração imposta a este povo o levou posteriormente à atividade política e jornalística. Durante sua estadia no Panamá novamente se vinculou a um jornal, nesta ocasião chamado ‘La Prensa’¹². Segundo Amy Jacques Garvey, também viajou à Guatemala, Nicarágua, Equador, Chile e Peru. Neste período viajou em busca de trabalho.

Em 1912 foi à Inglaterra. Os acontecimentos seguintes constituir-se-iam como um aporte a seu desenvolvimento político e pessoal. Assistia a conferências no Birbek College Londres, trabalhou como jornalista, conversou com pessoas de outras partes do Império, conheceu trabalhadores ingleses e teve uma melhor idéia das realidades políticas do Império Britânico.

A respeito desta primeira experiência na Inglaterra, Garvey manifestou anos depois:

“Nós, que somos Negros e não mulatos, não nos foi difícil encontrar alojamento. Conseguimos albergue não somente em Londres, mas também nas distintas cidades que visitamos, assim como nos diferentes lugares aonde estivemos na Escócia. Muitas vezes, então, até nos ofereciam emprego. Sem embargo, quando realizamos nossa terceira visita em 1928, nos surpreendeu ter que enfrentarmos marcado preconceito, que estremeceu nosso conceito das coisas inglesas.”

O Garvey de 1912 não era, por certo, o Garvey de 1928, que já contava com a rica experiência política de líder de movimento de massas, e de organização internacional.

Indiana, sua única irmã viva lhe havia comprado a passagem e lhe ajudado durante sua estadia na Inglaterra, visto que ela vivia lá. Garvey trabalhou nos arredores de Londres, Cardiff e Liverpool, e obteve muita informação de marinheiros africanos e antilhanos. Sua experiência como trabalhador Negro na Inglaterra e seus principais interesses intelectuais – que haviam sido descritos como de Direito e Filosofia – e suas relações com o jornalista egípcio Duse Mohammed

¹¹ “A Nação”.

¹² “A Imprensa”.

Ali criaram nele uma consciência firme sobre os problemas comuns que enfrentavam milhões de colonizados. Durante sua estadia em Londres trabalhou na African Times and Orient Review, editada por Ali. Este último havia ganhado fama com a publicação do livro “In the Lands of Pharaoh”¹³, conhecida como a primeira história do Egito contada por um egípcio e uma obra bem aceita pela crítica. Duse Mohammed Ali trabalhou mais tarde como editor de Relações Exteriores do jornal Negro World¹⁴.

A African Times and Orient Review apareceu pela primeira vez em julho de 1912 com o caráter de publicação mensal e desapareceu em 1919. Diz-se que seu principal objetivo era a África Ocidental, e, em verdade, em uma ocasião em que quase desapareceu foi salva por um grupo de nacionalistas da África Ocidental. Duse Mohammed, que havia participado do Primeiro Congresso Universal das Raças celebrado em Londres em 1911 (W. E. B. DuBois também assistiu), trouxe de lá a seguinte direção que estimava seguir:

“O Congresso Universal das Raças recém concluído demonstrou evidentemente que existe a grande necessidade de contar com uma publicação pan africana e pan oriental, que traga os objetivos, aspirações e intenções das raças Negra, morena e amarela, dentro e fora do Império diante do trono de César.”

Apesar das publicações estarem dirigidas à África Ocidental, também se preocupava com os acontecimentos ocorridos nas colônias alemãs da África, Egito, Marrocos, nas Antilhas, e com Afro-americanos dos E.U.A., Japão, China, Pérsia e Turquia.

A African Times and Orient Review foi precursora das publicações do Terceiro Mundo. Era conhecida em Kingston e era distribuída e anunciada através do Jamaica Times. Os Jamaicanos que visitavam Londres eram convidados a ir aos escritórios da African Times and Orient Review, e seus artigos eram reimpressos no Jamaica Times.

Em outubro de 1913, a edição de African Times and Orient Review incluía um artigo de Garvey titulado “As Antilhas britânicas e o espelho da civilização”, Este artigo se mostra significativo, pois mostra

¹³ “Na Terra do Faraó”.

¹⁴ “Mundo Negro”.

o desenvolvimento de uma perspectiva anticolonial de Garvey em relação à Jamaica. Dizia:

“...mas a causa da supressão da comunicação telegráfica, foram freados e reprimidos, de outra forma, a Jamaica é hoje tão livre como era o Haiti, que se livrou do jugo francês sob a liderança do famoso general Negro Toussaint L’Ouverture.”

E concluía seu artigo dizendo:

“Como alguém que conhece bem o povo, não me desculpo por prognosticar que rápido se produzirá uma transformação na história das Índias Ocidentais, e que o povo que habita essa parte do hemisfério ocidental será o instrumento que reúne a uma raça dispersa, a qual, antes que passem muitos séculos, fundará um Império no qual o sol brilhe incessantemente, como brilha hoje no Império do Norte.”

Estas predições nos dizem mais sobre as idéias de Garvey, as quais refletem um processo de despertar dos povos das colônias.

U.N.I.A. Associação Universal para o Progresso do Negro

Fundação da U.N.I.A.:

Garvey passou algumas dificuldades para pagar a viagem de regresso de barco à Jamaica, saiu da Inglaterra em 8 de junho de 1914 e desembarcou na Jamaica em 18 de julho. Nessa data, já havia chegado a determinadas conclusões como resultado de suas extensas viagens e participação política:

“Ao voltar-me incansável para poder ter a oportunidade de fazer algo pelo progresso de minha raça, tomei a determinação de que o homem Negro continuaria sendo chutado de um lado a outro pelas demais raças e nações do mundo, como presenciei nas Índias Ocidentais, América do Sul e Central, e Europa; e

segundo eu li sobre eles nos Estados Unidos. Minha jovem mentalidade me proporcionou vôos de grande imaginação. Logo vi diante de mim, assim como vejo agora, um mundo novo de Negros, não peões, serventes, cães, nem escravos, mas sim uma nação de homens tenazes que impressiona a civilização e faz com que uma nova luz se ponha no horizonte da raça humana. Não podia permanecer mais em Londres. Minha mente ardia. Havia um mundo de ideais por conquistar. Tinha que partir. Peguei um barco em Southampton, com destino à Jamaica, aonde desembarquei em 15 de julho de 1914. A Liga de Comunidades (Imperiais) Africanas e Associação Universal para o Progresso do Negro foi fundada e organizada cinco dias depois da minha chegada, com o programa de organizar todos os povos Negros do mundo em uma grande entidade e estabelecer um país e governo absolutamente próprios.”

O Garvey que escreveu estas palavras fazia isso com a perspectiva do tempo transcorrido e de sua disposição que haveria de convertê-lo no líder Negro mais conhecido de seu tempo. Sem embargo, na realidade, no período compreendido entre os anos de 1910 e 1914, havia se formado na América e na Europa uma nova visão que é óbvia em sua escrita, que continuava:

“*De onde provém o nome da organização?* Enquanto falava com um Negro antilhano, passageiro da mesma embarcação que partiu de Southampton, que regressava proveniente de Basutoland à sua casa nas Índias Ocidentais com sua esposa basuta, foi que conheci melhor os horrores da vida nativa na África. Me contou histórias tão terríveis e penosas que meu coração sangrou dentro de mim. Ao regressar ao meu camarote, todo o dia e a noite seguinte, passei pensando no tema da conversa, e à meia-noite, recostado, me veio a idéia e a visão de que nomearia a organização de Liga de Comunidades (Imperiais) Africanas e Associação Universal para o Progresso do Negro. Pensei que esse nome abarcaria o propósito de toda a humanidade Negra.”

Dessa forma, desde seu início, a U.N.I.A. não foi o resultado das experiências em um só país. O fato é que o Imperialismo desde os

finais do século 20 havia estado assaltando aos povos não-brancos da África, Ásia e Caribe. Os movimentos contra este assalto se desenvolveram em todas as partes entre os povos coloniais. A U.N.I.A. representou uma resposta a este processo. Garvey apareceu no cenário histórico, por assim dizer, no momento preciso; o momento em que os Negros estavam cada vez mais radicalizados por causa de sua participação na Primeira Guerra Mundial, pelo conhecimento da Revolução de Outubro e seu impacto e pelo incremento dos movimentos de libertação nacional.

Em julho de 1914, quando Garvey estabeleceu a U.N.I.A., pouco compreendia o alcance do papel que estaria destinado a desempenhar nos Estados Unidos e das forças históricas que o impulsionariam ao centro desse cenário.

A Liga de Comunidades (Imperiais) Africanas e Associação Universal para o Progresso do Negro apareceu em 1º de agosto de 1914. Se faz significativo que tenha aparecido no Dia da Independência, o qual era celebrado tradicionalmente como o dia que marcava a liberdade dos escravos nas colônias do Caribe britânico. O 1º de agosto, até a independência de 1962, sempre havia sido na Jamaica um dia de profunda importância cultural, social e política.

A primeira sede da U.N.I.A. se estabeleceu na rua Charles no oeste de Chancery Lane. Garvey era presidente; Adran A. Daily, secretário; enquanto que Amy Ashwood, que viria a ser esposa de Garvey, ocupava o cargo de secretária correspondente. Depois da partida de Garvey até os Estados Unidos em 1916, a U.N.I.A. da Jamaica continuou sua expansão.

Quando W. E. B. Dubois e o Major Moton, visitaram a Jamaica em 1916, Dubois recebeu uma carta de boas vindas da U.N.I.A.. Nela Garvey lhe opusera fortemente a declaração que Dubois fizera que o problema da raça chegava a seu fim na ilha. Garvey desejava muito conhecer ao Major Moton, e a oportunidade de ter uma entrevista com ele chegou em uma celebração em homenagem a Moton. A disposição e ousadia de desafiar as “autoridades” mostrada pelo jovem Garvey foi um fato significativo no cenário de uma ilha colonizada. Estas qualidades se faziam visíveis em sua carta com aproximadamente duas mil palavras dirigida ao Major Moton referente à situação colonial na Jamaica. Nela argumentava que o povo Negro, que constituía maioria, era o mais oprimido.

“Se você deseja uma viagem à Jamaica, deve pedir àqueles que rodeiam as tribunas públicas que lhe expliquem em que tanto por cento as diferentes pessoas aqui desfrutam da riqueza e dos recursos do país. Imprima isto e publique suas cartas de resposta; então terá toda uma farsa em poucas palavras”

Esta carta corrobora a opinião de que Garvey estava ganhando fama de ser um agitador político, e se compreende a tendenciosa campanha iniciada contra ele mais tarde nos Estados Unidos.

O movimento de Garvey surge das lutas contra os abusos coloniais empreendidas pelo doutor Robert Love¹⁵, pelo Club Nacional, e pelo bedwardismo¹⁶; e também esteve conformado pela influência das tendências progressistas do pensamento democrático burguês afronorteamericano, oeste-africano e europeu. Sem embargo, não permaneceu assim depois de 1918, quando o movimento de Garvey se separa de sua etapa embrionária jamaicana. Esta transformação se realizou durante o período da estadia de Garvey nos Estados Unidos, quando seu movimento se arraiga à luta afronorteamericana da autodeterminação, uma luta à qual Garvey deu uma perspectiva internacional.

Radicalização de Garvey:

A visita de Garvey aos Estados Unidos em 1916 se constituiria em um fator decisivo de sua carreira política. Se houvesse decidido ir a qualquer outro lugar, poderia ter sido uma das figuras anticolonialistas da história da Jamaica, mas não seria o líder internacional que é.

Em 1916, Garvey decidiu viajar aos Estados Unidos com o

¹⁵ Joseph Robert Love (1839 - 1914). Nascido em Bahamas, negro, professor e médico. Na Jamaica, defendia um governo próprio, e lutava pela melhoria da situação e dignidade do povo jamaicano. Defendia também que a educação não deveria ficar somente para os rapazes, mas que as moças também deveriam ter acesso à educação.

¹⁶ Movimento religioso fundado por pelo pastor negro Alexander Bedward na Jamaica no século 19 que se estendeu pelo século 20. O bedwardismo se espalhou pela ilha, na capital e nas áreas rurais, com entusiasmo e esperança de renovação. A renovação ou “cura” do mundo era esperada como uma espécie de renascimento após uma conflagração universal. Essa idéia funcionou na salvação individual como a cura, ‘renovando’ seus seguidores. N.T.

propósito de buscar ajuda para a construção de um “Tuskegee¹⁷ jamaicano”.

Nesse período permaneceu nos Estados Unidos até que o deportaram do país em 1927. Na verdade, pouco depois de sua chegada à Nova Iorque o programa sofreu uma transformação de nacionalismo neo-reformista a nacionalismo Negro militante.

W. A. Domingo, amigo e camarada político de Garvey na Jamaica, descreveu sua chegada à Nova Iorque da seguinte maneira:

“Um dia de 1916, enquanto me encontrava sentado em casa, escutei um jamaicano perguntar: Vive aqui um senhor chamado Dolfus Domingo? A empregada estava na porta e indicou a Garvey o caminho ao interior da casa. Garvey me mostrou a carta que lhe havia enviado Booker T. Washington e me contou seu plano de fazer um Tuskegee na Jamaica. Lhe disse que considerava que a Jamaica não necessitava de um Tuskegee, que o país não deva ter a educação limitada de um Tuskegee.”

A situação dos Estados Unidos havia obrigado o próprio Domingo a tomar posições socialistas e se afastar do liberalismo. O encontro com Domingo foi um entre vários outros com ativistas políticos Negros. Por exemplo, Garvey também se encontrou com o jornalista radical afronorteamericano John Bruce, quem posteriormente foi colunista do Negro World. Sobre seu primeiro encontro, Bruce escreveu:

“Fui um dos primeiros Negros americanos a quem o acudiu. Era um pequeno Negro curto e pequeno, com a determinação escrita no rosto, e um sorriso comprometedor que cativava e obrigava a escutar o que tivesse pra contar. O senhor Garvey se expressa com muita rapidez, e quando pronuncia um discurso se necessita dos taquígrafos para segui-lo”

Bruce simpatizava com as idéias de Garvey e o escreveu uma lista dos principais homens em Nova Iorque e outras cidades que poderiam lhe ajudar.

Outro contato importante que realizou Garvey foi com o erudito

¹⁷ Uma histórica universidade Negra dos Estados Unidos. N.T.

norteamericano Willam Ferris, editor associado da *Champion Magazine* com sede em Chicago. Bruce e Ferris haviam sido colaboradores do *African Times and Orient Review*, pelo que não é surpreendente que Garvey os visitasse. Ferris era autor de um ensaio titulado *The African Abroad or his Evolution in Western Civilization Tracing His Development Under Caucasian Milieu*¹⁸ (1913) e apoiou totalmente os passos de Garvey até a criação de uma organização internacional para Negros. Ferris e Bruce foram os editores do *Negro World*. Em Harlem, Garvey conheceu a Hubert Harrison, quem em junho de 1917 o apresentaria em uma manifestação na inauguração da Liga Antibelicista pela a Liberdade dos Afroamericanos. Harrison era um radical muito conhecido que havia tido vínculos com o jornalista marxista John Reed e com Max Eastman, na edição de *The Masses*¹⁹, uma publicação esquerdista. Um documento britânico de 1919, o qual tratava sobre os grupos e agitadores radicais afroamericanos, apontava que:

“As conferências do senhor Harrison bem poderiam considerar-se como escola preparatória do pensamento radical, pois preparam a mentalidade dos Negros conservadores para receber e aceitar a doutrina mais extrema do socialismo.”

Também se dizia que Hubert Harrison possuía uma riqueza de conhecimentos de história e cultura africanas, o que constituiu um grande aporte para a obra de imprensa de Garvey.

Estes contatos de Garvey serviram para o desenvolvimento de suas idéias com relação às aspirações nacionais de seu povo. Além disso, Garvey viajou por 38, dos então 48 estados norteamericanos. Estas viagens lhe proporcionaram um sentimento mais íntimo por tudo o que havia escutado. E em seu regresso à Nova Iorque decidiu criar uma U.N.I.A. lá. Na realidade pensava em voltar à Jamaica para fundar a associação jamaicana, mas por razão de já ter afiliados 800 ou 1000 membros no distrito de Harlem e eleito seus funcionários, preferiu permanecer no lugar e supervisionar o nascente movimento dirigido pelo caminho pensado e aproveitar a perspectiva mais ampla que representava ter a base em uma metrópole Negra.

Garvey estava tão envolvido com a U.N.I.A. de Nova Iorque

¹⁸ “O Africano no exterior ou sua evolução na civilização ocidental traçando o seu desenvolvimento em meio caucasiano”.

¹⁹ “As Massas”.

que em 1917 as oficinas centrais de Kingston haviam se convertido em uma extensão.

Por tanto, com a energia, o otimismo e o entusiasmo de um homem no início de seus trinta anos, Garvey continuou expandindo o movimento nos Estados Unidos. Sem embargo, o trabalho nestes primeiros meses não foi fácil. Vivia com uma família jamaicana em Harlem e trabalhava como tipógrafo. O pouco dinheiro que podia arrumar gastava em suas viagens e em estabelecer contatos.

Ainda assim, tinha que fazer frente não só ao racismo branco, mas também ao preconceito e às idéias de predisposição existentes entre os Negros. Os afro-americanos, que estavam na América desde muito tempo não tinham intenções de ir a nenhum lugar e mantinham atitudes ambivalentes com relação aos caribenhos que inundavam Nova Iorque e que, com sua mentalidade de imigrantes, se convertiam em empreendedores sempre ativos na política e na educação.

Os afro-americanos conheciam muito pouco dos países que os rodeavam, e nada sobre a história de seus antecessores africanos; consideravam os africanos selvagens e nus.

Por outro lado, os mestiços norteamericanos não podiam entender porque Garvey passava fome e parava a falar de África até as lágrimas brotarem dos olhos de algum interlocutor.

Em duas ocasiões Garvey desmaiou e passou mal de fome nas ruas em que estava parado. Também pegou muitos resfriados, pois as solas de seus sapatos estavam cheias de buracos. Em março de 1918 teve que ser hospitalizado com pneumonia.

Sem embargo, o chamado que fizera na véspera de sua saída para a Jamaica, para que os Negros participassem do movimento mundial em fazer algo para promover o interesse nacional, industrial, comercial, social e intelectual da raça oprimida ao qual pertenciam, agora encontrava um terreno favorável.

Como havia desejado, seções da intelectualidade Negra se prepararam para vincular uma liderança consciente e verdadeira às massas do povo que permaneciam em ignorância. Consideravam que eles e outros que respondessem a esse chamado cumpriam seu papel histórico na batalha contra o racismo. Sua identidade étnica deve ser vista sob a luz dos Faraós do Egito, dos Simones di Cirene, dos Aníbal de Cartago, dos L'Ouverture e Dessalines do Haiti, dos Blyden, Barclay e Johnson de Libéria. Os Lewis de Serra Leoa, e Douglas e Dubois da América. Que fizeram e fazem a história da raça, para que não sejam

depreciados e, em muitos casos, não descritos.

Com esse chamado uniu a U.N.I.A. e a Liga de Comunidades Africanas. Uma força que é um marco na história das lutas do povo Negro neste século. Na década seguinte o movimento se encontrou no seu apogeu. Estudos indicam que entre 1925 e 1927, nos Estados Unidos existiam entre 719 e 725 divisões, e se haviam disseminados por outros 41 países, 271 dependentes.

Portanto, dito a grosso modo, Garvey podia contar com o apoio e a simpatia de vários milhões de Negros em todo o mundo.

Elaboração dos objetivos da U.N.I.A.:

Garvey, educado em uma colônia britânica de ultramar aonde os privilégios estavam priorizados de acordo com a propriedade, cor da pele e detalhes de fenótipo; exposto na Inglaterra à tolerância decepcionante de sustentadores profissionais do Império, foi sacudido do reformismo político pela manifesta barreira de cor institucionalizada nos Estados Unidos e pela ebulição de idéias esquerdistas a que agora havia sido exposto.

E o mais importante de tudo é que, em 1920, a U.N.I.A. era uma organização internacional capaz de realizar seu primeiro congresso e tribuna e adaptar coletivamente uma declaração principal, a qual se converteria em um programa do movimento. A Declaração de Direitos dos Povos Negros do Mundo se constituiu em um documento mais elaborado que os objetivos iniciais da U.N.I.A. de 1914. Foram também mais agressivos, pois detalhavam os abusos experimentados pelos africanos, particularmente nos Estados Unidos, nas Índias Ocidentais e na própria África. Apesar de algumas cláusulas estarem relacionadas com abusos locais, outras poderiam aplicar-se de forma geral às condições locais em que se encontravam os africanos. Sob essa luz, esse documento condenava a discriminação e a privação mundial dos direitos comuns dos seres humanos, aos quais estavam vedados, com muito raras exceções, os homens e mulheres Negros e Negras por nenhum outro motivo além de sua raça e sua cor. Além disso, protestavam contra a tentativa de inculcaram nas crianças Negras, através do sistema branco de educação, a idéia de que os povos brancos colonizadores eram superiores à raça Negra, e a publicação de artigos escandalosos e difamatórios por parte de uma imprensa estrangeira tendenciosos a criar

uma rivalidade racial, e a exibição de filmes que mostravam os Negros como se fossem canibais. Denunciava-se a segregação na indústria, nas viagens às residências, a discriminação nos tribunais de justiça, nos direitos, nos impostos, nos códigos penais e nos interrogatórios.

A declaração incluía, além disso, o ponto de vista refletido na Resolução 16 de que todos os homens devem viver em paz uns com os outros. Porém, quando as raças e as nações provocarem a ira de outras raças e nações com o intento de violar seus direitos, as guerras se fazem inevitáveis, e o tratar de qualquer forma de libertar-se ou de proteger seu direito ou patrimônio se faz justificável.

Tratou-se como um aspecto especial a violação colonial de África. Na introdução se lastima que as nações européias estivessem dividindo entre elas e tomando posse de quase todo o continente africano, forçando os nativos a entregar suas terras a estranhos e tratados na maior parte dos casos como se fossem escravos.

A Resolução 14 especifica:

“Acreditamos no direito inerente ao Negro de ser dono de África, e que sua possessão da mesma não deve ser considerada como uma violação do reclamo ou aquisição feita por nenhuma raça ou nação.”

Na Resolução 27:

“Acreditamos na autodeterminação de todos os povos.”

Para este fim o objetivo político da U.N.I.A. se centrava em um poder estatal dentro do continente africano.

“A culminação de todos os esforços da U.N.I.A. deve finalizar em uma nação Negra independente no continente africano. A dizer, tudo deve encaminhar-se até o objetivo final de ter uma nação poderosa para a raça Negra. O nacionalismo Negro é necessário. Significa o poder e o controle político.” (Folheto de Informação e Instrução aos presidentes da U.N.I.A., Kingston, 1929)

Foi dentro do contexto da reivindicação da África que os africanos ocuparam os principais postos honorários na estrutura

organizativa da U.N.I.A.: o Potentado Supremo, Major Gabriel Johnson, da Libéria; e Subpotentado Supremo, George O. Marke, de Serra Leoa.

Ao mesmo tempo o Garvey de consciência política não rechaçava todos os ensinamentos de Booker T. Washington²⁰. Mas sim os substituíra. A seguinte avaliação, cuidadosamente escrita, sobre Washington refletia sua própria modificação desse precedente:

“O mundo se satisfaz em acreditar que os futuros dirigentes Negros seguiriam absolutamente os ensinamentos de Washington. Desafortunadamente, o mundo está sofrendo um rude despertar, porque estamos desenvolvendo um novo ideal que inclui o programa de Booker T. Washington e tem tido um alcance muito maior.

A situação tem dado uma reviravolta surpreendente desde que Washington entrou na palestra. Sua visão incluía oportunidade industrial para o Negro, mas o Sábio Tuskegee tem passado a etapa da vida e tem relegado um novo problema, um problema que deve ser resolvido, não somente pelos dirigentes políticos e militares.

Se Washington vivesse teria que mudar seu programa. Nenhum líder pode guiar com êxito a nossa raça sem lhe dar uma interpretação do espírito de despertar do Negro Novo, que não busca somente a oportunidade industrial, mas sim uma voz política. E o mundo se surpreende diante do desejo do Negro Novo, pois com esta forte voz, exige um posto nos assuntos do homem.”

Atividades da organização

A relação entre os aspectos nacionais e internacionais do movimento se refletia na autonomia relativamente ampla que gozavam as dependências locais do organismo nova-iorquino.

Seja nos Estados Unidos, América Central, Caribe ou África, todos os cidadãos tinham uma flexibilidade para interpretar os objetivos gerais da organização e adequá-los a sua situação nacional.

²⁰ Booker T. Washington (1856-1915). Negro estadunidense, escritor e educador. Considerava que a educação e a qualificação profissional era melhor caminho para a libertação dos negros do que a luta política. N.T.

Visto que a U.N.I.A. se encontrava significativamente descentralizada, os congressos internacionais das décadas de 1920 e 1930 não foram simples demonstrações, mas sim tinham a intenção de organizar, e tirar das experiências mais variadas, programas práticos para o progresso da organização e a recuperação de África por parte dos africanos.

As dependências locais deviam ser financeiramente independentes, coletar seus próprios impostos, custear os fundos benéficos por morte ou enfermidade e enviar uma pequena parte de seus ingressos ao fundo central da U.N.I.A.. Assim como as distintas divisões norte-americanas, outras divisões da U.N.I.A. no Panamá aumentavam suas finanças com projetos comerciais.

As oficinas centrais da U.N.I.A. tinham a possibilidade de participar na Companhia de Navios Black Star Line, o programa da Libéria e outras empresas comerciais. Estes projetos estavam bem respaldados pela adesão mundial da U.N.I.A.. As petições de dinheiro e os depósitos estavam entre os meios com que se contava para efetuar arrecadações de capital para estes programas. As conferências públicas realizadas por Garvey e outros membros executivos proporcionavam fundos para a organização central.

Existiam distintas oficinas regionais, e estas e as atividades locais se centravam ao redor do Liberty Hall (Salão da Liberdade), que a divisão comprara para este fim. O Liberty Hall constituía o eixo internacional de uma divisão, e em alguns casos um vigia se encarregava de sua manutenção. Sem embargo, as divisões menores locais alugavam instalações sobre uma base ad hoc ou utilizavam a casa de um membro para as reuniões.

Quando se formava uma divisão, se notificava as oficinas centrais e se recebia uma carta de incorporação à U.N.I.A..

As divisões realizavam suas reuniões aos domingos pela noite. Em Kingston, por exemplo, se celebravam reuniões de negócio, aonde os secretários das divisões informavam sobre as atividades da organização realizadas no transcórrer da semana. As atividades incluíam debates; conversações com marinheiros, mercadores, profissionais, estudantes, reuniões itinerantes; campanhas de recrutamento; aulas de costura; bailes e concertos. No Panamá, as reuniões dos domingos pela noite começavam com uma nota religiosa e se seguiam as atividades seculares, como os discursos, concursos de elocuições, etc. Se tratava de atrair os jovens à organização mediante os grupos de exploradores e

educadores para meninos e meninas, estabelecidos pelos membros mais velhos da U.N.I.A. e os quais serviam de ajuda para a própria U.N.I.A..

Outra entidade auxiliar foi o Exército Motorizado (em Nova Iorque e outras grandes cidades) para o sexo feminino, tanto para jovens, como para adultas. As mulheres se reuniam uma vez por semana para praticar a habilidade militar e aprender a como proceder no momento que acontecessem as guerras de libertação da África, o Exército Motorizado conduziria os carros, táxis e ambulâncias como serviço de apoio. Os homens podiam formar parte da Legião Africana, a qual se encarregava do adestramento e o treinamento militar rudimentar (nos Estados Unidos se fazia com armas). Também se formou um corpo de guarda-costas que se utilizaria durante os atos públicos dos funcionários da U.N.I.A.; este corpo vestia uniforme com uma lista vermelha e outra verde em ambos os lados da calça. Além disso, se constituíam forças paramilitares nos distintos lugares para enfrentar o Ku Kux Klan e as agressões racistas que se realizavam contra as reuniões da U.N.I.A. e as comunidades Negras. Outro corpo auxiliar foi o das enfermeiras da Cruz Negra, que uma vez por semana aprendiam primeiros socorros e cuidados médicos sob a tutela de uma enfermeira graduada membro da U.N.I.A., recebendo por seus trabalhos certificados da U.N.I.A.. Da mesma forma, seus serviços foram reservados para as guerras de libertação de África, e ainda serviam de assistência temporária nos hospitais locais e em algumas ocasiões se especializavam no cuidado geriátrico.

Assim, a U.N.I.A., durante seu período de máximo esplendor, possuía vida religiosa, educacional e social independente. Muitos casais que se conheceram através das atividades da U.N.I.A. (como aconteceu com Garvey e suas duas esposas) se casaram com “a benção” da organização; e seus filhos eram chamados “filhos da U.N.I.A.” ou “filhos de Garvey”; em Nova Iorque, se emitiam certificados de nascimentos da U.N.I.A.. Isto constituía um aporte para o registro estatal. A U.N.I.A. também organizava grupos de jogos pré-escolares, e nas situações de emigrantes com diferenças de idiomas, como os do Panamá, se incluía o ensinamento primário e técnico. Também existia a escola dominical no primeiro dia da semana pela manhã.

Aos “filhos de Garvey” se contava relatos sobre Marcus Garvey, George Washington Carver, e sobre heroínas Negras como Harriet Tubman, e Sojourner Truth. Tinham que aprender um poema de Garvey por semana, ler a “A Cabana do Tio Tom”, de Harriet Beecher Stower e

repassar as doutrinas da U.N.I.A. sobre o fundamentalismo africano. Lhes mostravam lâminas e gravuras de anjos Negros e os apresentavam com bonecas Negras²¹. E o próprio Garvey era mostrado para as crianças como um símbolo de valores positivos que aspiravam a raça. Garvey se converteu em um anjo guardião. Quando os pais iam corrigir seus filhos falavam “Garvey não gostaria disso”. O objetivo era a superação da conduta para alcançar o mérito que levava consigo a compreensão do exemplo que os simpatizantes de Garvey deviam seguir.

Certamente, a idéia subjacente sob todas estas atividades locais da U.N.I.A. era que o Negro, assim como os demais seres humanos, estava dotado de habilidades que poderiam materializar-se se lhe proporcionassem as oportunidades apropriadas. O movimento de Garvey serviu para se criar um núcleo no qual se davam essas oportunidades e se materializavam essas habilidades.

Os projetos industriais:

A U.N.I.A. iniciou uma série de empresas comerciais, uma delas foi a Black Star Line, em 1919 quando Garvey discutiu a idéia de “uma companhia de navios Negra que uniria a todos os povos Negros do mundo em um intercâmbio comercial e industrial”.

Em 1919, Garvey não somente estabeleceu a Black Star Line, mas também fundou a Corporação Negra de Indústrias (NFC). A NFC criou uma série de negócios, entre os quais temos a cadeia de lojas cooperativas de alimentos, um restaurante, uma lavanderia a vapor, uma sala de costura, uma tenda de modas e um editorial. A corporação estava valendo um milhão de dólares, segundo uma cédula do estado de Delaware. A corporação oferecia “duzentas mil ações ordinárias à raça Negra pelo motivo de cinco dólares por cada ação”. O objetivo era: construir e pôr em funcionamento fábricas nos grandes centros industriais dos Estados Unidos, América Central, nas Índias Ocidentais e África para fabricar qualquer tipo de mercadoria comerciável.

Este aspecto do plano se fazia precisamente para inculcar em milhões de Negros o raciocínio do nacionalismo africano e a independência do Negro. As empresas de Garvey, concebidas em

²¹O movimento de Garvey foi o primeiro a ter a iniciativa de fabricar bonecas Negras. N.T.

grande escala, tinham um motivo político que correspondia com a luta dos povos coloniais pela autodeterminação. Os negócios da U.N.I.A. não eram empresas pessoais de Garvey. Pessoalmente não obtinha ganhos delas.

Com relação ao capitalismo, Garvey argumentava que “devia existir um limite do uso individual ou de corporação”. Não se deveria permitir a nenhum indivíduo a posse, uso ou privilégio de investir por conta própria mais de um milhão de dólares. E não se devia permitir tampouco a nenhuma corporação controlar mais de cinco milhões. Mas estas quantias seriam prerrogativa do Estado com a autoridade concomitante do povo.

Garvey reconhecia por completo a fundamentação capitalista das guerras modernas e da agressão imperialista contra os povos não europeus:

“As guerras modernas são no geral o resultado dos interesses capitalistas insatisfeitos, qual seja entre povos ou nações estranhos. [...] não deve se permitir implicar o país em disputas estrangeiras que conduzam à guerra, somente para satisfazer seu egoísmo e ambição pessoal, individual ou associada para alcançar maior riqueza ao prejuízo das massas inocentes de ambos países. As “concessões” de petróleo no México, Pérsia; as “concessões” de borracha na Libéria, África Ocidental; as “concessões” de açúcar ou café em Haiti, Antilhas, que seriam exploradas para o enriquecimento egoísta dos indivíduos, tarde ou cedo acabarão em desastre”

O Plano Liberiano:

O passo mais custoso e significativo realizado pela U.N.I.A. na África teve lugar na Libéria. Existe ainda uma confusão a respeito da concepção política que acarretou o programa liberiano, o qual se conheceu na imprensa internacional como: “Movimento de Retorno à África”. Um editorial no Negro World explicava a idéia da seguinte maneira:

“Não quer dizer que todos os Negros deviam abandonar os Estados Unidos e as Antilhas e marchar à África para constituir

um governo. Não foi necessário que toda a população da Europa viesse à América para assentar as bases da grande república; portanto, aqueles que escrevem com menosprezo sobre o grande programa de África, o fazem sem prestar atenção à história... dizemos a todos os Negros dos Estados Unidos, Antilhas e todas as partes, aproveitem todas as oportunidades que têm, mas lembrem que nosso êxito na educação, na indústria e na política se baseia na proteção de uma nação fundada por nós mesmos. Essa nação não pode estar em outro lugar que não seja a África.” (Negro World, 6 de fevereiro de 1926)

Em 1920, 1923 e 1924, as delegações da UNIA realizaram negociações com o governo da Libéria. O Presidente King em pessoa designou uma comissão nacional liberiana para coordenar as atividades com a U.N.I.A. em Nova Iorque, e também ofereceu uma concessão de um território experimental de 500 acres.

Em 1920, Garvey havia iniciado uma campanha para obter um empréstimo de construção de três milhões de dólares para a reabilitação da Libéria.

Porém o plano de concretizar o estado Negro na África na Libéria não obteve sucesso.²²

O Dom da Palavra

A Oratória:

Um dos maiores dons de Garvey era sua habilidade para a oratória com a qual atraiu muitos seguidores. A experiência na elocução e no debate de seus primeiros anos lhe permitiram grande proveito na vida pública.

Sua reputação como conferencista se refletia amplamente nos documentos, da mesma forma era confirmada por seus amigos e críticos. Um jornalista do Panamá American escreveu:

²² Este episódio foi relatado com mais detalhes no texto introdutório deste livro: “Uma Introdução: Garvey e a Black Star Line”. N.E.

“Provavelmente passava inadvertido em uma multidão até que começasse a falar. Tem o dom mais precioso de todos: o dom da eloquência; e quando fala seus pequenos olhos pardos parecem crescer, seus parelhos dentes brancos resplandecem entre os negros lábios. Seu discurso é suave e agudo, sem o acento nasal americano, a pesar de sua prolongada permanência nos Estados Unidos. Seu inglês se parece ao de qualquer experto de Oxford e quando fala, todos o escutam.”

J. Edgar Hoover, quem posteriormente se converteu em presidente do Departamento Federal de Investigações (FBI) escreveu em 1919: “É excepcionalmente bom”. E Robert Minor, um jornalista comunista norte-americano, escreveu em 1924, enquanto informava sobre o Congresso da U.N.I.A. do mesmo ano:

“À noite escutei Garvey. É uma das personalidades mais vigorosas que se tem visto sobre o palco. É o tipo extraordinário que a história vê surgir em cada período de incerteza para expressar as Novas correntes entre as massas.”

Outro jornalista corroborava:

“Marcus Garvey fala com singular eloquência. Pode dizer-se que domina a arte da palavra, e que exerce um entranho encanto em seu auditório. Pode fazê-los rir, chorar e afetá-los emocionalmente segundo diz.”

E um de seus companheiros de estudo, que anos posteriores assistiu a um de seus serviços eclesiásticos em Edelweiss Park em Kingston testemunhou:

“Garvey é um dos melhores pregadores que ouvi na minha vida. O reverendo J. T. Dillon pregava, mas não como Marcus. Dillon era um ministro batista daqui de St. Ann, foi a St. Andrew e morreu ali, era um bom pregador, mas Marcus era ainda melhor que ele.”

Os discursos de Garvey se repetiam muitas vezes ao pé da letra nas publicações, sendo copiados por taquígrafos adeptos, cuja

habilidade no método contemporâneo de registro data de antes do uso difundido da tecnologia de gravação dos sons. Desta maneira, sua oratória não se perdeu e uma quantidade substancial de seus discursos estão publicados em seus jornais, e nos folhetos da época.

Um discurso característico de Garvey levantava o auditório por suas repetições de frases, estruturas sintáticas paralelas, e sua faculdade de captar a experiência de seus ouvintes marcada pelas perguntas retóricas, os desafios diretos e as referências na primeira pessoa. Por exemplo, em um discurso pronunciado em Montego Bay em 1921, Garvey indicava:

“Tenho vindo até vocês na Jamaica para fornecer idéias novas a 800 mil Negros desta Ilha, por ser Montego Bay parte desta Ilha, sabia que vocês não tinham outro pensamento que o proporcionado a vocês como servos que lançam a vista para ver o branco como amo e senhor. Não estou aqui com nenhuma simpatia pelo velho espírito da Jamaica, me encontro aqui para dar-lhes, se puder, um novo espírito de valor. Não é o espírito de reverência e adulação da desculpa, mas sim o espírito da luta pelos direitos do povos Negros do mundo. Eu, assim como a maioria de vocês, nasci nesse país, fazem trinta anos, rodeado pelas condições do país, e o ambiente deste país, um entorno que se apóia sobre o homem Negro, de que só deve ser lenhador, carregador de água, um servo que lança a vista para ver o branco como amo e senhor, e quem nasceu para crer-se inferior às demais raças, nascido para não portar esperanças. Todos vocês o sabem. Mas não me limito a esse ambiente que mantém o Negro ao pé da escada. Eu, assim como qualquer outro homem, seja branco, amarelo ou Negro, estava destinado a ascender.”

Muitos dos discursos de Garvey incluíam este impulso psicológico, esta exortação a deixar de lado a passividade e a negação e a tomar seu destino com suas próprias mãos de forma ativa. Esta era uma questão crucial, porque o legado da escravidão e do colonialismo era tão pesado que muitos sentiam que sua condição era a cruz que tinham que carregar ou uma penitência que deviam suportar. Se consolariam com a aceitação desse papel diante de uma justificação bíblica. Por isso a apelação psicológica dos discursos de Garvey nunca

devia ser subestimada, pois nesta luta contra a base psico-cultural do colonialismo, o trabalho político e organizativo não havia sido possível.

Em seus discursos também se acentua o fato de que os africanos formavam uma parte de um grande universo de povos iguais a eles e, por conseguinte, se fossem mobilizados e organizados podiam pôr fim a esta opressão e ocupar seu lugar sob o sol, poderiam, “caminhar erguidos diante das forças criadoras”.

Garvey também se referiu ao assunto da hierarquia entre os descendentes africanos, “tem que se corrigir a mentalidade de alguns de vocês que vieram aqui como negros claros e mulatos claros, e que não são mais que o que são.”

Estes indivíduos não somente se acreditavam melhores que os Negros, pois a pele branca era o ideal, mas, além disso, muitos deles tinham uma melhor posição que a maioria Negra, ou tinham uma perspectiva social e política. Alguns deles não somente haviam aceitado sua posição favorável na hierarquia social da colônia, mas ainda em efeito se auto-confirmavam líderes, diante a aceitação de muitos Negros. Na sociedade Jamaicana, assim como em muitos povos do Novo Mundo, havia se estabelecido uma grande diferenciação social hierárquica baseada na tonalidade da pele, textura dos cabelos e traços fenotípicos, no qual os que mais se aproximavam do fenótipo branco estavam melhor posicionados, enquanto os mais Negros estavam em uma situação desprivilegiada. Aos que se convertiam culturalmente a um padrão europeu eram chamados de “Negros assimilados”.

Em contraposição a tudo isso, Garvey via como incomodas estas preocupações racistas divisórias e simplificava o espectro sócio-racial em brancos e Negros. Para as pessoas era muito difícil aceitar isso, mas o êxito que ele alcançava vinha do fato de que sua mensagem tinha muita força.

A Imprensa de Garvey

Para a criação de um movimento fazia falta a organização e o apoio da imprensa. A instrução que Garvey recebeu como tipógrafo e sua experiência como jornalista lhe situavam em uma posição vantajosa na criação de jornais aonde quer que fosse. Publicou o *Blackman* na Jamaica, e publicou e participou de outros jornais em outros países.

Mas a publicação mais importante de Garvey foi o *Negro*

World, editado em Harlem de 1918 a 1933. Este jornal desempenhou um papel mobilizador elementar na promoção da agitação nacional contra o colonialismo e o imperialismo. Seu alcance foi ampliado com a inclusão de seções em francês e espanhol. Contava ainda com uma página feminina e outra seção sobre temas internacionais.

A circulação do Negro World sofreu variações com os anos devido às flutuações do movimento e à situação política. Começando com alguns mil exemplares aumentou drasticamente até 1920. Ano que se celebrou o Primeiro Congresso da U.N.I.A.. Sua edição de 2 de agosto de 1920 mencionava uma tiragem garantida de 50 mil cópias. No seu máximo esplendor, chegou a 200 mil exemplares. Além disso, é provável que um mesmo exemplar do Negro World fosse lido por várias pessoas, assim sua disseminação excedia naturalmente a sua circulação.

O Negro World tinha de 10 a 16 páginas. Na primeira página aparecia uma declaração de Garvey dirigida aos “Companheiros da Raça Negra” e assinava “Seu fiel servo, Marcus Garvey, Presidente Geral”. Garvey tratava dos temas mais variados, desde assuntos históricos até os organizativos e políticos contemporâneos. Seu lema era o lema da organização: **“Um Objetivo, Um Deus, Um Destino”**, e a afirmação de ser “um jornal dedicado unicamente aos interesses da raça Negra”.

A repressão imposta ao Negro World fornece uma ampla mostra de seu poder político no estímulo do sentimento anticolonialista e na germinação da semente da organização nacionalista. O Negro World foi declarado perturbador no território colonial francês de Dahomey, aonde a pena de possuir um exemplar era a morte, e nas outras colônias francesas era de cinco anos de privação de liberdade. De fato em uma época esteve proibido na África em todas as colônias francesas, italianas, portuguesas, belgas e algumas britânicas. Além disso, esteve proibido nas colônias britânicas nas Antilhas, em Trinidad Tobago, Guiana Inglesa, Barbados e Granada, nos anos de 1919 e 1920.

W. F. Elkins assinalava que as leis que tratavam sobre as publicações perturbadoras estavam dirigidas ao Negro World e haviam sido instigadas pelo Secretário Colonial em Londres, que em setembro de 1919 havia garantido aos governadores das Índias Ocidentais que, por causa da intranquilidade entre os Negros, estudaria a aprovação de uma lei que permitiria o estrito controle da imprensa. Mas nas várias ocasiões que o projeto de lei encontrou uma oposição militante, por exemplo, em Honduras e Guiana Inglesa, a legislação foi relegada; e em

Trinidad se tomaram medidas extra oficiais para evitar a circulação do Negro World.

Garvey também publicou o Daily Negro Times, no Harlem de 1922 a 1924. Na Jamaica publicou o jornal Blackman desde finais de março de 1929, publicação que terminaria em 1931. Em 1932-1933 dirigiu o New Jamaican²³, e em seguida fundou em Kingston a revista Black Man em dezembro de 1933, a qual continuou na Inglaterra até 1939. Garvey escreveu artigos para outras publicações, mas seu papel na fundação de jornais e revistas teve uma importância política e cultural significativa.

O jornal Blackman serviu não somente como órgão local da U.N.I.A., complementando assim o Negro World com sede em Nova Iorque, mas também representou um fórum para a agitação política do Partido Político do Povo (PPP), fundado por Garvey.

Na primeira edição do jornal, Garvey havia indicado que este era o início de uma cadeia de jornais, controlados pela U.N.I.A., que seriam publicados no término de dez anos nas principais cidades dos Estados Unidos, Europa, África Ocidental e do Sul e em todas as Ilhas mais importantes das Índias Ocidentais. A política do Blackman abarcava uma ampla esfera da atividade jornalística. A declaração de sua política expressava em parte:

“Como tribuna independente de um povo oprimido, o Blackman registra as confissões que afetam as massas Negras em todo o mundo. Suas funções abarcam a posição e solução do terrorismo e da injustiça a que o Negro está submetido. Seu alcance é internacional. Desde as cantos remotos de Seni Gambá, Senegal e Congo; capta o grito das tribos desgarradas que sofrem a opressão de saqueadores; e o transmite aos milhões de Negros e Negras disseminados pela Europa, Estados Unidos e Índias Ocidentais.” (21 de junho de 1930)

O Blackman tinha uma tiragem muito fiel de 15 mil exemplares em 1929. Mas essa tiragem se alcançava com grandes obstáculos, pois havia tentativas consecutivas de obstruir sua entrega e seus vendedores.

Em outra ocasião se informava que um residente judeu de St. Andrew havia despedido seu empregado por portar um exemplar do

²³ “Novo Jamaicano”.

Blackman. Mais tarde houve outros casos de difamação que ameaçavam a própria existência do jornal.

O jornal começou suas funções como diário em 1929, depois de um ano se converteu em semanal e parou sua publicação em fevereiro de 1931. Garvey estava endividado e até expressou que pagaria com tudo que possuía e abandonaria a Jamaica. Mas em julho de 1932 Garvey começou a publicação de um diário vespertino o “New Jamaica”, sua última edição foi de setembro de 1933.

No entanto, novamente, o fechamento do New Jamaican não se constituiu no fim dos projetos jornalísticos de Garvey. Em dezembro de 1933 se arranhou para lançar o primeiro número da revista Black Man, que continuou sendo publicada em Londres até 1939. A revista Black Man circulou na América do Norte, nas Antilhas, América Central e África Ocidental e do Sul.

Os jornais de Garvey tinham um caráter internacional, pois mostravam os assuntos locais de distintas nações, a repressão na Jamaica, ou o crédito irrestrito ao comércio Negro não somente como eventos puramente locais, mas sim relacionados com um sistema mais amplo de domínio e exploração global. Proporcionaram um veículo importante para a educação das massas. E os projetos de Garvey eram muito ambiciosos, tratavam de organizar a publicidade a uma escala tal que os Negros puderam responder individualmente à vil propaganda dos termos coloniais. A dificuldade de distribuição dos jornais Negros em distintas partes do mundo o motivou a fundar estas publicações como um exemplo de que se podia fazer isso. Era um voto de confiança para seu próprio povo de que eles também podiam fazê-lo.

Os congressos

Os congressos da U.N.I.A. aconteceram em Nova Iorque, em agosto de 1920, 1921, 1922, 1924 e 1926; em Kingston, Jamaica, em 1929 e 1934; e em Toronto, Canadá, em 1938. Os congressos permitiam aos delegados reunirem-se em um foro coletivo internacional, autorizado para o intercâmbio de experiências e o desenvolvimento das iniciativas da organização em torno dos temas políticos, econômicos e sociais. As resoluções diretivas dos congressos funcionavam para mobilizar as massas. Quem não podia assistir tinha acesso às atas e aos informes detalhados dos debates, os quais se publicavam no jornal

Negro World da U.N.I.A..

O primeiro congresso se inaugurou na véspera do 33º aniversário de Garvey. Começou com três serviços religiosos e uma marcha de todos os membros e delegados pelas ruas de Harlem. Ela foi seguida por um desfile das unidades massivas da U.N.I.A. pelas ruas da cidade. Marchando ao compasso das notas musicais tocadas pela banda da U.N.I.A., estavam A Legião Africana, com seus trajes cerimoniais, as 200 enfermeiras da Cruz Negra, acompanhadas pelos coristas e crianças da U.N.I.A., que formavam parte do corpo auxiliar juvenil. Este desfile atraiu centenas de milhares de curiosos e se constituiu em uma intrépida demonstração simbólica de que o povo africano tinha que aliar-se e expor seu próprio chamado pela dignidade e autodeterminação.

Os vestuários cerimoniais, chapéus de plumas, uniformes distintos de gala e as luvas eram utilizados por Garvey, pelos altos dignitários da U.N.I.A. e pelos grupos da massa. Com o objetivo de irradiar uma impressão de ordem e orgulho, essas figuras tinham que ser compreendidas com um sentido positivo.

Os delegados se reuniram no Madiso Square Garden para escutar o discurso inaugural de Garvey no qual declarava:

“Nós, os Negros, não podemos seguir sofrendo em nome da democracia. As nações do mundo mergulharam no sangue da Europa durante quatro anos. Pediram aos Negros do mundo que lutassem. Depois da guerra não tivemos a democracia pela qual havíamos lutado, em muitos casos, nos estados do Sul, alguns dos soldados Negros de uniforme, depois de regressarem dos campos de batalha da Europa, foram linchados; antes do que foram desmobilizados, foram atropelados, nesta terra de valentes. Mas não nos renderemos. Vamos levantar a bandeira da democracia na África e 400 milhões de nós dirão a Deus porquê. Conservaremos nosso sangue para os campos de batalha de África, aonde lutaremos pela verdadeira liberdade, a democracia e a irmandade dos homens.”

Levantando ainda mais a bandeira do nacionalismo africano, mencionava:

“Vamos 400 milhões de homens fortes e recuperaremos cada quadra das 12 milhões de milha de quadras do território

africano, saíamos para tomar o que nos pertence política, social, economicamente, e de qualquer outra forma.”

Os dois mil delegados dos 25 países e quatro continentes realizaram a reunião de Negros mais representativa que jamais se havia visto. O congresso havia levado meses de planejamento e testemunhava a viabilidade da organização que Garvey havia criado e a eficácia do momento histórico.

O documento mais importante produzido pelo Congresso foi A Declaração de Direitos dos Povos Negros do Mundo. Em 12 artigos expunha as condições que enfrentavam os Negros de todo o mundo e terminava com 54 demandas, as quais constituíam um amplo programa de nacionalismo Negro.

Como iniciativa do Congresso de 1924, se inaugurou um “Sindicato Político de Negros” com o propósito de arrecadar dinheiro para financiar ou apoiar os candidatos Negros à política. Esta idéia de desenvolver partidos políticos Negros nacionais nunca se concretizou em verdade nos Estados Unidos. Ainda assim, Garvey fundou o Partido Político do Povo na Jamaica, o qual esteve ativo entre 1929 e 1930, formando parte de um plano mais ambicioso de Garvey de criar partidos nacionais nos países coloniais do Caribe.

Foi também neste Congresso que delegados esquerdistas queriam que Garvey denunciasse o Ku Kux Klan em duros termos. Foi lida uma declaração de guerra. De acordo com Amy Garvey, muitos delegados ficaram nervosos com essa declaração e ficaram com medo que ela fosse aceita pelo restante da organização, pois assim eles se colocariam em guerra. Os comunistas esperavam que Garvey tomasse uma posição e iniciasse alguma ação. Garvey de forma estratégica apresentou uma monção suave e não comprometedora na qual se condenavam as alegadas atrocidades cometidas em nome do Ku Kux Klan.

De fato, as possibilidades que se apresentavam aos seguidores de Garvey na década de 1920 eram escassas. Suas ações devem ser percebidas tendo em vista o racismo nos Estados Unidos, o qual, apesar dos ganhos obtidos depois da década de 1960, ainda nos tempos de hoje se mantém forte e endêmico neste sistema social.

Em agosto de 1929, o Sexto Congresso Internacional foi celebrado em Kingston. Este foi o primeiro Congresso celebrado fora dos Estados Unidos. O ato de inauguração foi assistido por A. E.

DaCosta, guardião de Kingston, e outras autoridades locais. Deu-se início com uma assembléia de 15 mil pessoas no Edelweiss Park, a qual foi precedida por uma gigantesca peregrinação como nunca antes se havia visto. De igual forma, se diz que a peregrinação esteve formada por 70 carros, um número consideravelmente grande para aquela época.

No desfile inaugural, as autoridades, inquietas por cartas alarmistas, puseram em alerta vários destacamentos adicionais de policiais e soldados para qualquer distúrbio que ocorresse durante a marcha por Kingston. Se comprovou que isso era desnecessário, pois não houve nenhum tipo de violência.

Os delegados foram convidados de todas as instituições, organizações, congregações, sociedades, movimentos constitucionais, legais, mantenedores da lei e pacíficos, pertencentes à raça Negra. Os representantes provinham de Detroit, Louisiana, Mississippi, Texas, Baltimore, San Luis, Nova Iorque, Miami, Chicago, Kansas, Nova Haven, Cleveland e Washington, nos Estados Unidos, assim como do Panamá, Cuba, Costa Rica, e alguns deles falaram em nome da Nigéria.

Neste Congresso se tratou amplamente o tema da reorganização. Fizeram-se proposições para o ressurgimento do serviço em uma entidade chamada Companhia de Navios de Vapor Africana. A ressuscitação do braço político da U.N.I.A. norteamericana, o Sindicato Político Universal de Negros, cujo objetivo principal era garantir os direitos da população Negra dos Estados Unidos. Determinados delegados insistiram em que a U.N.I.A. se dedicasse à produção agrícola em grande escala nas Antilhas, nos Estados Unidos e na África. Também fez parte dos debates Otto Huiswood, comunista e representante do Congresso Americano de Trabalhadores Negros, quem se referiu “aos métodos que se devem adotar para aliviar as condições dos trabalhadores Negros”.

Ainda, o Congresso estudou o estabelecimento de jornais nas principais capitais européias, na África Ocidental, Cidade do Cabo e as mais importantes das Antilhas de fala inglesa para “firmar um sentimento a favor de toda a raça Negra”. Esses jornais serviam de suplementos ao Negro World e a revista Black Man. Outros temas discutidos se relacionavam com os cônsules da U.N.I.A. nas zonas povoadas por Negros para proteger seus direitos; a fundação de universidades para Negros com institutos tecnológicos adjuntos, nos Estados Unidos e nas Antilhas de fala inglesa e África Ocidental, e a arrecadação de fundos. Criou-se um novo Departamento de Saúde

Pública e Educação da U.N.I.A., o qual se dedicaria a determinadas questões sociais.

Em agosto de 1934, o Sétimo Congresso Internacional coincidiu com o centenário da Abolição da Escravidão nas Antilhas de fala inglesa. No seu discurso de abertura, Garvey falou dos abolicionistas britânicos e sugeriu a possibilidade de uma aliança com os brancos liberais anticolonialistas.

O Congresso adotou um plano quinquenal que permitiria o “desenvolvimento da navegação, da produção, da mineração, da agricultura e outras indústrias que afetam aos Negros ns Estados Unidos, nas Índias Ocidentais, Centro e Sul da América e África”. O dia do aniversário de Garvey, o 17 de agosto, foi declarado feriado Negro mundial. Condenou-se o controle de natalidade e os delegados sugeriram que se adotasse um idioma comum africano.

O Oitavo Congresso Internacional celebrado em Toronto em 1938 assistiram 110 delegados e havia representantes de organizações associadas como o Movimento de Paz de Etiópia e a Liga de Comunidades Africanas com sede em Nova Iorque.

Este Congresso debateu a intenção em concretizar o retorno de Garvey aos Estados Unidos. Os delegados também decidiram enviar uma resolução ao governo Britânico sobre o centenário da emancipação dos escravos nas Índias Ocidentais, na qual protestavam que a maioria dos Negros ainda continuava sob as formas mais primitivas de civilização e condições econômicas, que estavam mais perto da escravidão da qual haviam se emancipado.

Os congressos da U.N.I.A. se converteram nas reuniões mais importantes dos Negros nas décadas de 1920 e 1930. Permitiam que nosso povo se expressa-se com uma voz mais poderosa contra o racismo e o colonialismo. Mas o que é mais significativo é que proporcionava uma estrutura organizativa mediante a qual se podiam desenvolver os programas específicos locais e nacionais.

A dimensão Espiritual e messiânica pan-africana de Garvey, “O Profeta”²⁴

“Se o homem branco tem a imagem de um Deus branco, deixe-o adorar seu Deus da forma que ele deseje. Se o Deus dos homens amarelos é da sua mesma raça, deixe-os adorar a Deus da forma que lhes cabe. Nós somos Negros, achamos um novo ideal. Embora Deus não tenha uma só cor, porém é visto de acordo com a cor do ser humano, e desde que o homem branco enxergue seu Deus, nós começamos apenas agora (tardiamente) a enxergar a Deus através da nossa própria imagem. O Deus de Isaac e o Deus de Jacob. Nós Negros acreditamos no Deus da Etiópia, o eterno Deus – Deus o pai, Deus o filho, Deus o filho de Deus o Espírito Santo, o Deus de todas as idades. Esse é o Deus no qual acreditamos, então nós devemos o adorar através de nossa própria imagem e através da Etiópia”. (Garvey).

O pan africanismo garveysta ou o garveyismo pode ser definido como um movimento social, anticolonialista como também nacionalismo Negro destinado ao progresso, autoconhecimento e orgulho racial das populações africanas e afro-descendentes espalhados pelo mundo. Foi uma corrente do pan-africanismo que já vinha sendo pensado desde Du Bois, que pensava o pan-africanismo não como separatismo Negro dos Estados Unidos da América mais sim implicava na liderança dos Negros norte americanos em relação aos assuntos relativos aos Negros de todo o mundo, sobre toda África, que em grande medida estava dominada pelo imperialismo. Marcus Garvey via em Du Bois, “o maior inimigo que o povo Negro teve no mundo”, pois o pensamento de Du Bois era apenas uma reversão do sistema branco.

O pensamento garveysta estava pautado na noção de nacionalidade, ou nacionalismo africano todos os povos deveriam ter o direito de reivindicarem suas nacionalidades, o que tornava necessária uma Nação Negra como afirmava o próprio Garvey, a nacionalidade é a segurança mais firme de todo o povo e é por ela e pelo povo que luta neste momento a UNIA. Em 1914, Garvey criou um organismo

²⁴Texto organizado por André Uiarra Borges Toledo. Contato: u_iarra@hotmail.com

destinado principalmente a promover a emigração para a África, Universal Negro Improvement and Conservation Association and African Communities Leanguage (mais tarde conhecida simplesmente por UNIA). Em seu primeiro manifesto chamava a todos os povos de descendência Negra ou africana a estabelecer a Confraternidade Mundial. A organização criada por Garvey veio a se tornar a maior em prol dos Negros em todo mundo, chegando a conter 996 filiais, em 43 países, com mais de cinco milhões de membros.

É surpreendente a quantidade e diversidade de atividades que desenvolvia a UNIA, que realizava suas reuniões nos chamados Salões da Liberdade. Nas seguintes entrevistas do historiador africano Rupert Lewis, se alcança apreciar seus alcances: “As atividades incluíam debates; conversações com marinheiros, mercadores, profissionais, estudantes, reuniões itinerantes; campanhas de recrutamento; aulas de costura; bailes e concertos”; “Portanto, a UNIA, durante seu período de máximo esplendor, possuía vida religiosa, educacional e social independente. Muitos casais que se conheceram através das atividades da UNIA (como sucedeu com Garvey e suas duas esposas), se casaram com “a bênção” da organização; seus filhos se chamavam “crianças da UNIA” ou “crianças Garvey”; e em Nova York, se emitiam certificados de nascimentos da UNIA”. Que, além disso, contava com a Cruz Negra e o Exército Motorizado, composto por mulheres e a Legião Africana, um corpo de guarda-costas e grupos de autodefesa (contra o Ku Klux Klan e outros racistas) compostos pelos homens.

Marcus Garvey, é o mais alto Profeta para todo o Movimento Rastafari, é guia e exemplo para todo africano e para qualquer um que lute pela igualdade e justiça. Não só pela sua profecia mais transcendente, pois é possível afirmar que ele foi o líder africano fora de África mais importante e influente dos últimos tempos. Foi um dos maiores lutadores anticolonialistas da história e iluminou como poucos o caminho de libertação às raças, nações e povos oprimidos do mundo. Especialmente, o caminho de emancipação do povo Preto que foi trazido escravo a estas terras e disperso pelo branco opressor. Garvey devolveu a toda sua raça, sua dignidade e honra de ser homens e mulheres africanos e seu orgulho de serem Pretos. “África para os Africanos, em casa e no estrangeiro”, afirmava.

Na dimensão espiritual, Marcus Garvey é considerado profeta inspirado por Deus, o anjo precursor e anunciador de Haile Selassie I. Em 1916, durante uma de suas pregações Garvey disse a seus

seguidores: “Olhe para a África, para a coroação de um Rei, para saber que a redenção está próxima”.

Norman Hugh Redington, editor de The St. Pachomius Orthodox Library, afirma que “O messianismo garveysta está muito ligado à Igreja Ortodoxa Africana”. Para enfatizar que tal Igreja não seria nem Católica nem Protestante, foi adotada a denominação “Ortodoxa”, ainda que não correspondendo aos cânones da tradicional Igreja Cristã Ortodoxa do Oriente, herdeira de antigas tradições doutrinárias desde a primeira ruptura da comunidade cristã, nos primeiros anos da Idade Média. A Igreja Garveysta tinha milhares de fiéis em três continentes e foi um símbolo do anticolonialismo no Quênia e em Uganda. Naqueles países, os Ortodoxos Africanos rapidamente romperam relações com a Igreja de Nova Iorque e passaram a integrar o Patriarcado Grego de Alexandria, inteiramente Ortodoxo. O mesmo processo se repetiu em Gana, onde o Frade Kwami Labe, graduado do Seminário de Santo Vladimir, em Nova Iorque, conduziu a formação de uma comunidade Ortodoxa fortemente influenciada pelas idéias garveystas.

No entanto seu messianismo está além da referência à igreja ortodoxa que no contexto se remete principalmente a uma aproximação com os coptas etíopes, como mais uma reafirmação do caráter real de sua profecia. O movimento desencadeado por Garvey e a sua concepção de pan-africanidade que passa a ser vivida entre os antilhanos, estadunidenses e africanos é o que irá efetivamente despertar a África em sua referência transcontinental, Garvey é o principal teórico e idealizador da africanidade expressa no lema da UNIA: “um propósito, um deus, um destino”. O propósito, a repatriação; um deus; o deus da Etiópia; um destino, África.

“A cor se tornou importante porque o homem branco achou conveniente usar a diferença racial para explorar os homens Negros do mundo. Como africanos, nós vamos usar a questão da raça para nos unirmos, e escapar da opressão por parte dos homens brancos. Enquanto pessoas negarem nossa humanidade pelo fato de ser Negro, nós iremos defender nossa humanidade como Negros”.

Marcus Garvey para os Rastafaris: Haile Selassie cumpre a profecia²⁵

Marcus Mosiah Garvey, pioneiro do movimento pan-africano no Caribe e Estados Unidos, falava que, para que se saiba quem é e para onde se vai, é preciso que se saiba de onde se veio. Nesse sentido, seus ensinamentos eram na direção de apontar a África como Terra Original de todos os homens Negros e mulheres Negras do mundo.

Nas primeiras décadas do século 20, por todo o mundo, a auto-estima Negra era constantemente diminuída e submetida a um padrão de beleza branco-europeu, os Negros e Negras eram induzidos a não perceberem sua descendência africana e a aceitarem sua inferioridade relacionada à sua cor. Nesse contexto, Marcus Garvey dizia que todos os homens pretos e mulheres pretas, não importando aonde haviam nascido, eram Africanos e Africanas. Os brancos sempre sabiam sua descendência, eram italianos, irlandeses, ingleses..., e os pretos eram apenas chamados de “pretos” ou ainda de “niggers”. Dessa forma, Garvey afirmava a descendência africana e ia além da identidade racial para a afirmação étnica.

Além disso, ele apontava para a Etiópia como sendo o local de soberania governamental e religiosa de todos os africanos e africanas em África ou em diáspora. Lá estava o Governo Preto, o Cristo Preto, o Deus Preto. Esses esforços eram no sentido de dar aos Negros e Negras em diáspora uma referência positiva de África, mas principalmente lhes dar o direito de ter uma identidade, uma história, uma ascendência, tudo que lhes foi negado pelo colonizador.

Por sua grande percepção em identificar o ponto que deveria ser trabalhado em todos os afro-descendentes para que eles percebessem sua situação e a revertissem, Marcus Garvey teve muita influência na mobilização e organização Negra no início do século 20 que possui grande repercussão até os dias de hoje.

Garvey não aceitava a posição política de alguns contemporâneos seus como Du Bois, por exemplo. Segundo Garvey, eles tinham como objetivo a inserção do Negro na sociedade branca racista, que com o tempo acabaria por eliminar a raça Negra. Garvey considerava que dessa forma o Negro sempre ocuparia uma posição

²⁵Texto organizado por Luísa Andrade de Sousa. Contato: luisabendamim@gmail.com

inferior, ele sempre seria um cidadão de segunda, terceira categoria. Somente em um Estado Negro, em que o Negro ocupasse todos os cargos de liderança, e principalmente tivesse controle nos arcabouços ideológicos da construção da nação e da identidade cultural e política de seus membros, ensinando nas escolas a sua história, só assim os Negros e Negras realmente seriam livres.

A liberdade dos africanos em diáspora para Garvey viria na completude do processo de Repatriação. Esse processo se inicia na percepção de Negros e Negras como Africanos, posteriormente conhecendo sua história passariam a saber quem são, para então saberem para onde vão, para Garvey, retornar à África. Mas não qualquer África, mas uma África descolonizada sobre o poder e autoridade de Africanos.

Temos que ressaltar também a importância de Marcus Garvey e seus seguidores, incluindo os Rastafaris, como construtores de formas reais de pensar a diáspora Negra, não de forma mítica, mas real, apontando soluções para seus próprios problemas, mesmo que os tenham sido proporcionados por outros. Sendo assim contadores de sua própria história e senhores de seu próprio destino. Essa era afinal a luta de Garvey, que os africanos e descendentes pudessem realmente ser livres e decidir seu futuro.

“Aguardamos ansiosamente o dia em que os estados Africanos em territórios dependentes partam as correntes da soberania estrangeira e tornem-se mestres do seu próprio destino. Neste dia solene, todos devemos pausar e relembrar a situação dos nossos irmãos africanos que vivem sobre regra estrangeira e que lutam desesperadamente pela sua liberdade e os básicos direitos humanos fundamentais.”²⁶

O objetivo de Repatriação tem um forte sentido espiritual profético de retorno à Terra Original, “Motherland”, África, Etiópia. Garvey sabia que na Etiópia é que estava o Real governo africano e que de lá surgiria o então esperado Rei que governaria a Nação Negra e conduziria os povos pretos à sua casa.

Foi a partir das profecias de Garvey sintetizadas em sua famosa frase “Olhem para África, lá um Rei Negro será coroado, então a

²⁶ Haile Selassie, 1965.

redenção africana estará próxima”, que o Imperador Haile Selassie foi visto por muitos na diáspora como redentor dos africanos, pois Sua coroação ocorreu alguns anos após essa pronúncia de Garvey. Foi então que aqueles que reconheceram essa coroação como a redenção anunciada passaram a se reconhecerem e serem reconhecidos como ‘Rastafaris’, pois eram seguidores de Ras Tafari Makonnen, nome civil do Imperador Haile Selassie.

Assim, mesmo após sua passagem, o ideal de Marcus Garvey permaneceu nas mentes e corações dos Rastafaris, de forma espiritual cantada em melodias de lamento e louvor, mas também com ações políticas e governamentais, e suas lideranças se auto-reconheciam como autoridades e representantes do governo etíope na diáspora na ainda colônia britânica no Caribe. O objetivo central dos Rastafaris não era a independência da ilha Jamaicana, mas a Repatriação para África, em especial Etiópia.

Na primeira metade do século 20, os Rastafaris eram muito discriminados na Jamaica e sofriam forte repreensão por parte da polícia. Foi então que, em 1960, pesquisadores da University of the West Indians começaram a fazer pesquisas sobre esta forma de vida. Algumas das conclusões que chegaram foi que não havia razão para as punições e ações agressivas que eram destinadas por parte do governo e da ação policial aos Rastafaris e suas comunidades, e, ainda, que o governo Jamaicano deveria entrar em contato com os governos Africanos, em especial Etiópia, para tratar sobre o desejo dos Rastafaris de se repatriarem²⁷.

O Primeiro Ministro da Jamaica então aceitou a sugestão dos investigadores e contactou alguns governos da África. Alguns países responderam ao contato feito, e o Primeiro Ministro solicitou que se formasse uma comissão que iria em missão aos países que se pronunciaram, para tratar com seus governantes sobre o assunto do retorno à África. Foram selecionados para a comissão três Homens Rastafaris, mais um membro da U.N.I.A., um do Afro-Caribbean Council, um da Afro-West Indian Welfare League e um da Ethiopian World Federation, além de um assessor e um jornalista²⁸.

A Missão iniciou em 1961, e o seu itinerário e as audiências com os governantes dos países africanos mostram interessantes dados a

²⁷ Mack, 1999.

²⁸ Ibidem.

respeito da influência de Marcus Garvey, e dos movimentos pan-africanos da diáspora, no próprio continente africano:

Antes de irem para o continente africano, a comitiva passou por Nova Iorque e Londres, para se reunirem com as organizações locais pan-africanas, e inclusive ficaram em locais e hotéis que possuem forte presença na história da luta Negra na diáspora, como Harlem, por exemplo.

Na Etiópia, primeiro país da missão, o Arcebispo e Patriarca da Igreja Ortodoxa Etíope, Sua Santidade Abuna Basílios, deu aos membros da comitiva, logo em sua chegada, trajes típicos etíopes, e disse a eles que não deveriam aceitar aquilo como presente, mas que era algo para eles vestirem e perceberem-se eles próprios como etíopes. O Imperador Haile Selassie falou que muitos Negros do oeste eram irmãos de sangue dos etíopes e que Ele sabia que etíopes haviam sido enviados como escravos da Etiópia para a Jamaica²⁹.

Na Nigéria, um dos membros do governo relatou que conhecia muitos caribenhos que já haviam voltado para as terras de seu país; outro disse que havia sido educado por professores caribenhos e que foi muito influenciado pelos ensinamentos de Marcus Garvey. Outro ainda comparou o movimento de retorno dos africanos do Caribe de volta à África com a criação do Estado de Israel. O Primeiro Ministro do país disse ter muito prazer em ver como os membros da comitiva olhavam para a África como sua casa, pois a África é o lar original do povo Negro; e ainda mencionou que os antepassados de sua tribo Ibo foram mandados como escravos para a América e que ele ficava muito feliz em saber que eles não foram esquecidos³⁰.

Em Gana, o chefe dos chefes dos estados do país, um ancião de 92 anos, com um importante papel religioso, falou aos membros da comitiva que lembrava que muitos escravos deixaram Gana no passado e que acordos foram feitos entre os portugueses e os chefes locais de que os escravos retornariam depois de um certo tempo, mas eles nunca retornaram. Ele falou que vendo a comitiva lembrava disso e que já estava na hora do retorno. O presidente do país falou que a chegada da comitiva era um fato histórico, pois muito já havia sido feito para que os africanos pudessem retornar ao continente. Lembrou da tentativa de Marcus Garvey de retorno que foi sabotada. Ainda falou que Marcus

²⁹ Mack, 1999.

³⁰ Ibidem.

Garvey foi sua inspiração. E disse a eles que eles poderiam ver a si próprios como Africanos³¹.

Na Libéria foi falado que o país foi fundado por 88 membros do movimento de retorno à África que emigraram de Nova Iorque e compraram terras dos chefes locais. O presidente falou que Marcus Garvey adoraria saber sobre o trabalho da comitiva. E que muitos Caribenhos afro-descendentes haviam enviado contribuições para a sociedade da Libéria. Serra Leoa também foi fundada por africanos retornados da diáspora, escravos libertos da Inglaterra, América e Caribe³².

Em todas as situações pudemos ver forte relação entre os países, sua história e os africanos em diáspora. Era fato conhecido pelos membros dos governos e líderes religiosos de várias esferas a disseminação dos africanos pelo novo mundo, e foi generalizada a aceitação, em todos os países, de que os Negros que desejavam retornar eram legítimos africanos, “blood brothers”. Além disso, a forma como os líderes dos países relatavam a influência que os movimentos pan-africanos, em especial Marcus Garvey, tiveram em sua formação, é muito relevante, ainda mais se levarmos em conta que, nessa época, muitos países africanos a recém haviam se emancipado do colonialismo europeu, e que seus líderes e membros do governo haviam participado das guerras de independência – como o caso de Serra Leoa que havia se libertado um mês antes da comitiva chegar. O Caso da Libéria e Serra Leoa serem Estados formados por africanos retornados da diáspora também é um dado forte dessa relação da África com seus filhos seqüestrados.

Todos os países se demonstraram abertos para os movimentos de retorno dos Africanos da Jamaica e outros locais do Oeste. Inclusive a Etiópia que iniciou o processo de repatriação em 1964 para a localidade de Sheshamane, local que já havia sido cedido pelo Imperador Haile Selassie aos afro-descendentes do hemisfério oeste que colaboraram na defesa da Etiópia contra a invasão da Itália em 1935, e já era habitada por algumas famílias retornadas³³. Atualmente Sheshamane é um importante local de referência política e espiritual para os Rastafaris, e possui algumas das mais importantes comunidades Rastafaris do mundo.

³¹ Mack, 1999.

³² Ibidem.

³³ Ibidem.

Outra importante liderança Rastafari, tendo muito reconhecimento como líder espiritual é Emmanuel Charles Edwards, também conhecido como Príncipe ou Rei Emmanuel, cabeça de uma das organizações Rastafaris mais importantes da Jamaica, a Casa Bobo Shanti e fundador do E.A.B.I.C, Ethiopia Africa Black Internacional Congress. Além de sua grande importância na compreensão da fé Rastafari, e seu caráter Crístico Sacerdotal, Emmanuel também assumiu um forte papel governamental nas demandas pela repatriação, fazendo articulações diplomáticas com o governo Jamaicano e Britânico enquanto a Ilha ainda era colônia inglesa. Por exemplo, enviando cartas à rainha da Inglaterra reivindicando a repatriação, ao qual tinham direito.

“Apelamos à O.N.U. que veja todos esses direitos feitos para nós, o povo. Nós, o povo devemos reencontrar a nossa própria vinha e figueira desde a O.N.U. e a casa branca para à casa negra, projeto de lei dos direitos do povo negro, para nós povo negro termos nosso próprio governo [...]

Invocamos Sua Majestade, sendo a cabeça de estado na Jamaica, junto com a oposição, para aderir através desse direito internacional, governamental da justiça humana, pois ela é a Rainha da nação”³⁴

Essa carta de Emmanuel à rainha mostra que os ideais de repatriação estavam relacionados a uma conscientização de um erro grave que foi cometido, que a humanidade possui uma dívida com os africanos em diáspora, em especial aqueles governos que foram beneficiados pela escravização. Mesmo após alguns países africanos já terem aberto suas portas para a repatriação, Emmanuel reivindicava uma posição oficial do governo que deveria arcar com os recursos para a repatriação por ter uma dívida com os afro-descendentes.

Assim, os Rastafaris manifestavam em seus costumes e ações os ensinamentos, orientações e profecias de Marcus Mosiah Garvey, tendo como seu Cabeça(Ras) e líder o governante da Etiópia, Sua Majestade Imperial O Imperador Haile Selassie.

Quando olhamos para a Vida e Realizações de Haile Selassie, percebemos claramente a Real concretização da profecia de Garvey, sendo Sua coroação apenas o primeiro momento do seu cumprimento.

³⁴ Emmanuel, 1967, p. 24, tradução livre.

Enquanto um líder de governo realizou muitas demandas junto às organizações internacionais, pela restituição de direitos dos africanos em África e na diáspora. Antes mesmo de se tornar Imperador, enquanto ainda era Ras(Duque ou Príncipe) no governo de Imperatriz Zauditu, Ras Tafari incluiu a Etiópia na Liga das Nações³⁵ (L.N.). Para isso teve que acabar com a escravidão no país, centralizando e fortalecendo o poder do governo nacional, articulando as lideranças internas das províncias etíopes, que possuíam um governo muito descentralizado – muitas vezes com diferenças políticas, e às vezes religiosas e étnicas.

Após sua coroação, Haile Selassie passou a ser membro da Liga das Nações como único representante de uma Nação Livre Africana. Nesse sentido recaía sobre Ele uma grande responsabilidade. Apesar de ser líder de governo somente da Etiópia, Ele responderia pelos direitos e demandas de todo o continente, que, em sua maioria, estava submetido a governos coloniais, além de estar atento a situação dos Negros na diáspora, e de forma ampliada a todos os oprimidos do mundo. Ele foi o único líder de uma nação que ocupou uma cadeira na Liga das Nações (L.N.) e posteriormente na O.N.U. como Chefe de Estado.

Seus discursos e cartas aos líderes da L.N. e da O.N.U., assim como para chefes de países, eram sempre no sentido de corrigir as injustiças que estavam sendo feitas em seus países, no continente africano, e com a humanidade em geral.

Em 1935, assim como o restante da África, a Etiópia sofreu uma tentativa de invasão por parte de um país europeu. A Itália já havia invadido a Etiópia em 1895, mas foi expulsa pelo exército do então imperador Menelik II e da Imperatriz Taitu, tios de Tafari. Em 1935, Mussolini fez nova tentativa, mas se deparou novamente com o exército etíope sobre a liderança de Haile Selassie, a guerra durou 7 anos, mas a colonização não foi efetivada, sendo considerada apenas uma invasão. Mussolini e suas tropas foram expulsos, sendo ainda permitido por Haile Selassie a permanência dos italianos que quisessem ficar na Etiópia, se estivessem dispostos a fazer parte da Nação Etíope.

Logo no começo da invasão, Haile Selassie foi até a Liga das Nações apresentar o ocorrido e exigir uma posição por parte dos países da Liga³⁶. Lá proferiu um de seus mais famosos e marcantes discursos:

³⁵ Liga que precedeu a Organização das Nações Unidas (O.N.U.).

³⁶ Selassie, 1999.

“Diante do reino de Deus não há nenhum governo humano que possua maior mérito do que outro. Mas nessa terra, quando um governo poderoso lança-se na crença de que é correto exterminar outra nação, mesmo que nenhuma ofensa tenha sido feita, então a hora chega da parte injuriada trazer as injustiças que sofreu diante da Liga das Nações. Deus e a história observará como testemunha o julgamento que vocês darão.”³⁷

A presença com autoridade de Haile Selassie na Liga das Nações, proclamando esse discurso diante de líderes de todo o mundo, tendo sido aplaudido de pé por todos que assistiam a um chefe de Estado africano defendendo a soberania de sua Nação, enquanto o restante do continente era submetido ao jugo das nações européias, é um grande marco para o movimento Rastafari, e potencializou a luta africana em diáspora e no continente nas então colônias.

Nesse discurso Haile Selassie pôs a prova o próprio ideal da L.N.. Após ter sido criada no final da primeira guerra mundial, a L.N. tinha por objetivo manter a ordem internacional, respeitar as fronteiras e a soberania dos países, mantendo a paz mundial. Haile Selassie, nessa e em outras de suas intervenções, mostrava como os ideais da Liga serviam apenas para os países europeus e defendiam apenas seus próprios interesses. O continente Africano não era considerado digno de decidir seu futuro e defender seus territórios.

O Imperador Haile Selassie, como líder de um Estado africano livre, foi um dos principais fundadores da O.U.A, Organização da Unidade Africana, a qual ficou sediada em Addis Ababa, capital da Etiópia. As reuniões eram realizadas na mesma cidade e contavam com representantes de diversas localidades da África. Essa organização teve um papel muito importante na luta política pela independência dos países africanos.

Outra organização liderada por Haile Selassie foi a Ordem Nyahbinghi. Pouco se tem de registros sobre essa organização, pois ela era praticamente uma organização secreta. Existia em algumas localidades da África e lutava contra as invasões e tentativas de colonização. Com a proliferação das colônias em África a Ordem passou à clandestinidade, foi abrigada em exílio na Etiópia, assumindo Haile Selassie como seu líder, e veio a se tornar uma espécie de guarda-

³⁷ Selassie, 1936, *apud* Salassi, 1997, p. 29.

exército pessoal do Imperador. Seus guerreiros tinham uma forte inspiração religiosa e quando estavam em confrontos faziam o voto religioso com Deus, conhecido como voto Nazireu³⁸. Assim, chegavam nas batalhas com cabelos grandes naturalmente crescidos, o que era seu grande diferencial em relação aos seus oponentes. O lema dessa Ordem é “morte a todo tipo de opressão”, um dos significados atribuídos a palavra ‘Nyahbinghi’. As notícias dessa organização secreta chegavam por debaixo dos panos na diáspora, instigando os jovens militantes a defender e lutar por seus direitos. Seu nome foi adotado por uma das principais e mais antigas organizações Rastafaris na Jamaica.

Haile Selassie possuía relações diplomáticas com líderes de nações de todo o mundo, de todos os continentes. Além disso, possuía relações com as lideranças de movimentos pan-africanos e Rastafaris. Após sua coroação, O Imperador convidou Negros e Negras dos E.U.A. e Caribe para ajudarem na modernização da Etiópia. A organização desses Negros no continente americano originou a Ethiopia World Federation, um de seus membros, Melaku Bayen, editava um jornal chamado The Voice of Ethiopia que difundia informações sobre a Etiópia e o governo de Haile Selassie na diáspora³⁹. Esse foi um importante instrumento de notícias estreitando os laços da diáspora Negra, posteriormente proporcionando a ida desses Negros para ajudar a Etiópia na guerra contra a Itália em 1935.

Outra mostra dessas relações foi em 1966 na visita do Imperador à Jamaica. Os líderes oficiais do país estavam esperando o Imperador para mais uma visita diplomática entre governantes de países, como Haile Selassie costumava fazer pelo mundo naquele período. Foi preparada sua recepção no aeroporto de maneira formal, com guardas, exércitos e toda a infra-estrutura necessária para receber um chefe de Estado internacional. Paralelamente a isso, os Rastafaris, principalmente, mas também outras organizações pan-africanas, organizaram-se em frente ao aeroporto para receber o Imperador. A tentativa de deter os Rastafaris, militantes e muitos curiosos em geral, não teve sucesso, ninguém conseguiu impedir os Rastafaris e seus

³⁸Voto que se faz com Deus-Jeová-JAH de se viver uma vida natural e espiritual sem fazer parte do “mundo”, esse voto é caracterizado por não se cortar os pelos do corpo, deixando-os crescer naturalmente. Esse voto se encontra em Números, um dos livros de Moises, capítulo 6. No Antigo Testamento pode também ser lido como o voto de Sansão, aquele que tinha a força nos cabelos, e é também o voto feito por Jesus, o Nazareno.

³⁹ Tafari, s/d.

milhares de acompanhantes de fazer também a sua recepção a Haile Selassie. Mortimer Planno, importante liderança Rastafari, organizou a multidão e recebeu o Imperador na porta de seu avião. Planno era já conhecido por Haile Selassie na missão de retorno dos africanos à África, como um dos três representantes Rastafaris.⁴⁰

Nessa sua visita à Jamaica, O Imperador Haile Selassie, foi o tempo todo acompanhado por um membro da organização de Marcus Garvey, e não só se reuniu com líderes oficiais do governo jamaicano, como se reuniu com diversas lideranças reconhecidas por sua população, entre eles as principais lideranças das casas e organizações Rastafaris: Mortimer Planno, Príncipe Emmanuel, entre outros⁴¹. Isso mostra que Haile Selassie reconhecia essas organizações e seus líderes como legítimos, e também mostra o diálogo e relacionamento governamental e diplomático entre um líder de uma nação africana e os representantes da diáspora Negra. Esse não foi um fato isolado, mas serve para ilustrar um marcante e importante momento dessa relação.

O ideal de repatriação não se trata apenas de uma questão governamental, política ou diplomática, mas possui um forte sentido espiritual. Mas esses aspectos não se contradizem, pelo contrário, se complementam e são mutuamente necessários. No próprio exemplo de vida de Marcus Mosiah Garvey se percebe a relação complementar desses aspectos. Além de ser um líder religioso e espiritual, também era uma importante liderança política e preparava e liderava um exército. Da mesma forma, Haile Selassie com seu Real e Supremo exemplo também mostrou a EU&EU que para a batalha ser bem sucedida, é necessário estar harmonizado com Deus e suas leis, e estar baseado na justiça. Como mostrou o exemplo dos guerreiros Nyahbinghi que antes de iniciarem a batalha realizavam um voto espiritual. Também assim procedia o Rei Davi, que, de acordo com as escrituras⁴², antes de mais nada, ao tomar uma decisão, baseava-se sobretudo na justiça divina.

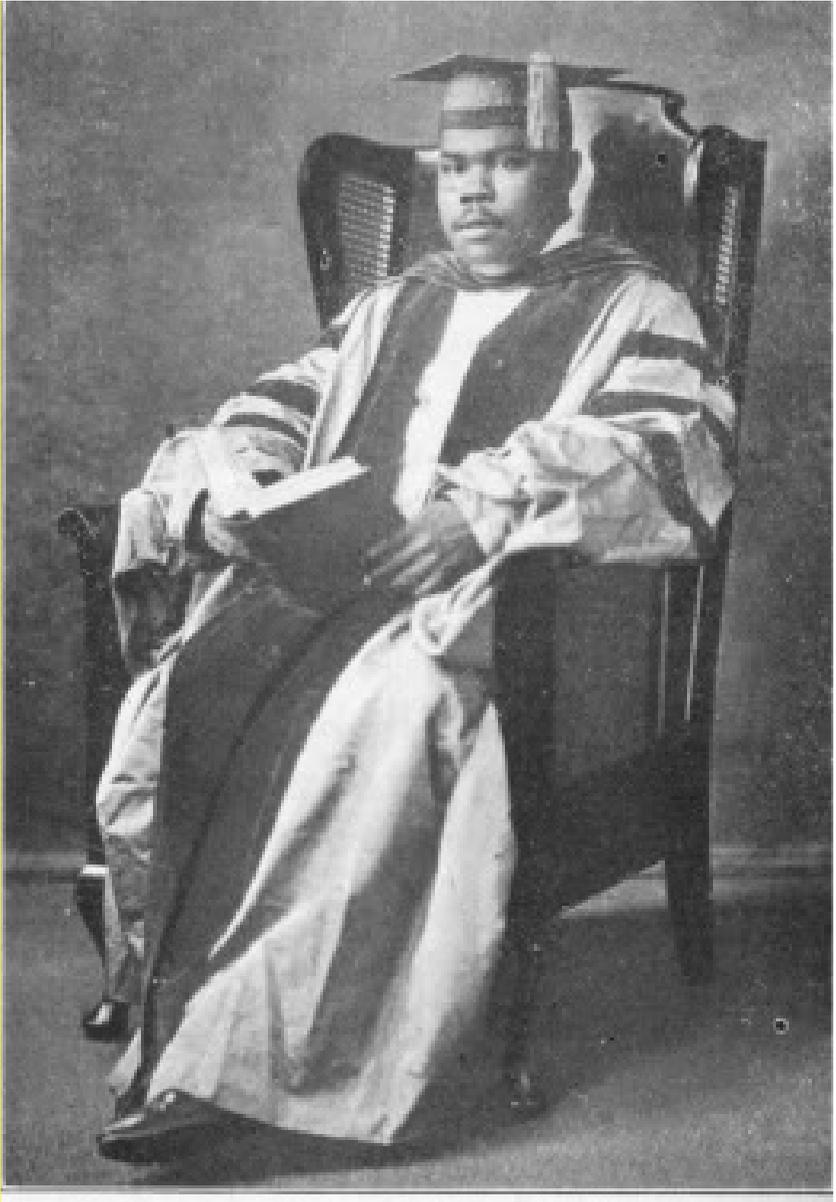
⁴⁰ Mack, 1999.

⁴¹ Kelly, s/d.

⁴² 2Samuel.



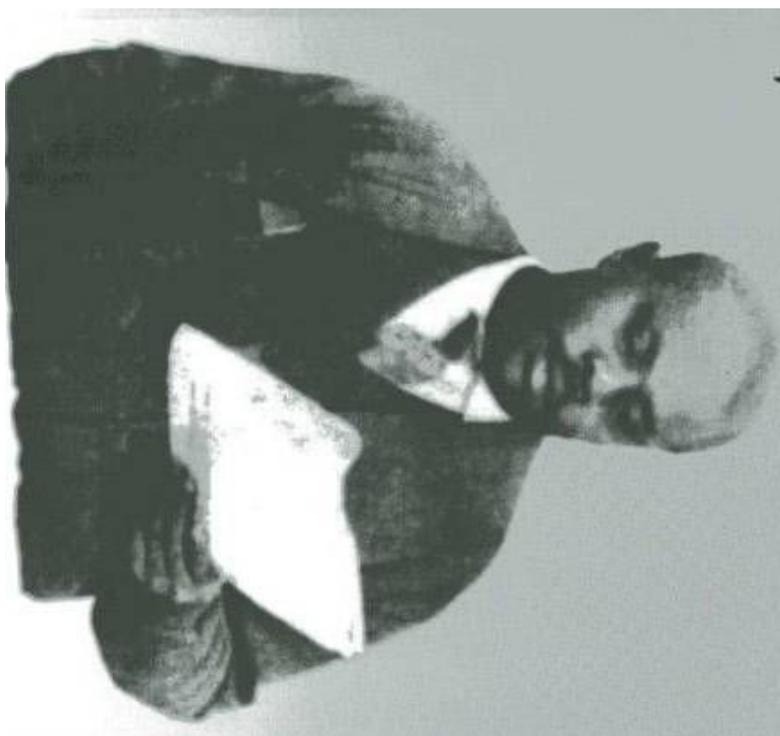














Garvey com sua esposa



Garvey discursando em conferência

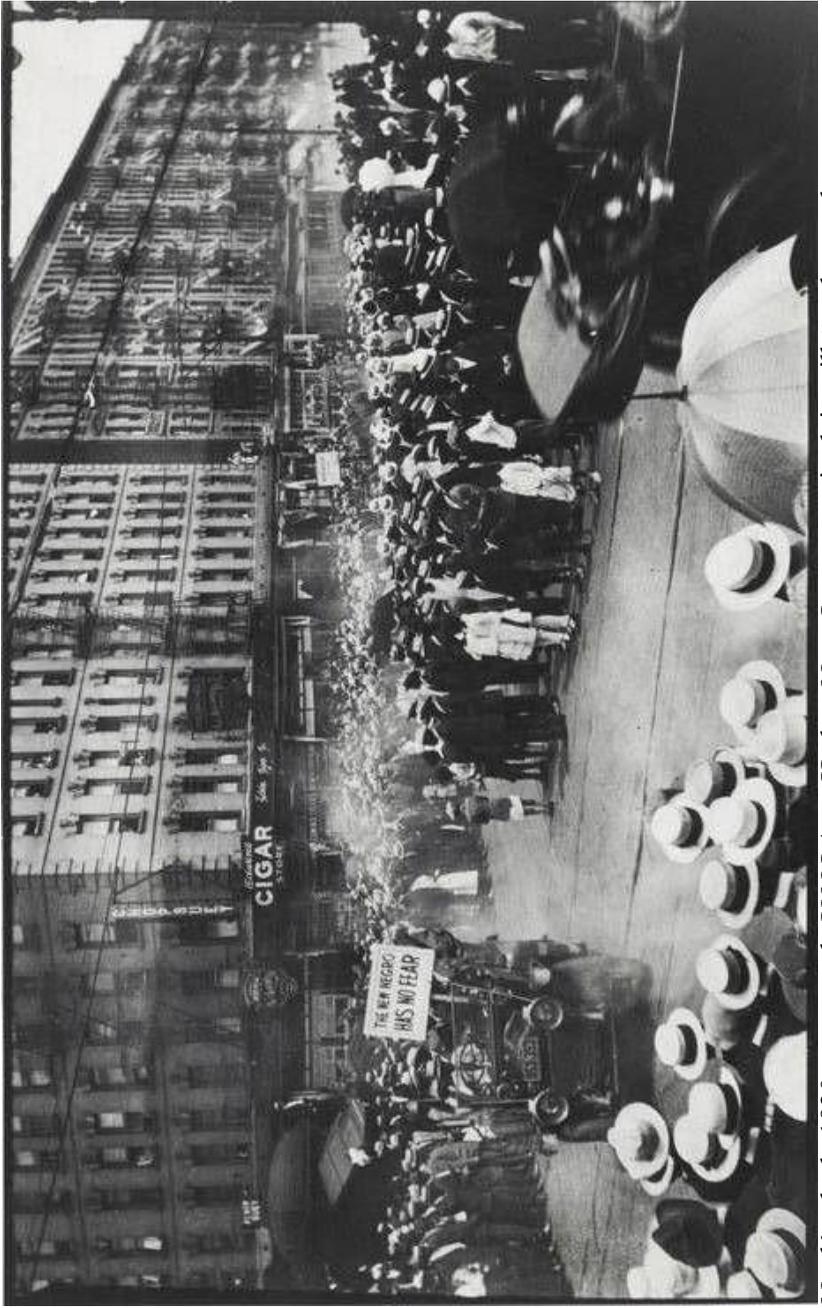




Garvey com outros membros da U.N.I.A.



Passata em Nova Iorque, 1922. Imagem registrada pelo fotógrafo James Van Der Zee.



Na década de 1920, passeata da U.N.I.A no Harley, Nova Iorque, atraiu dois milhões de membros.



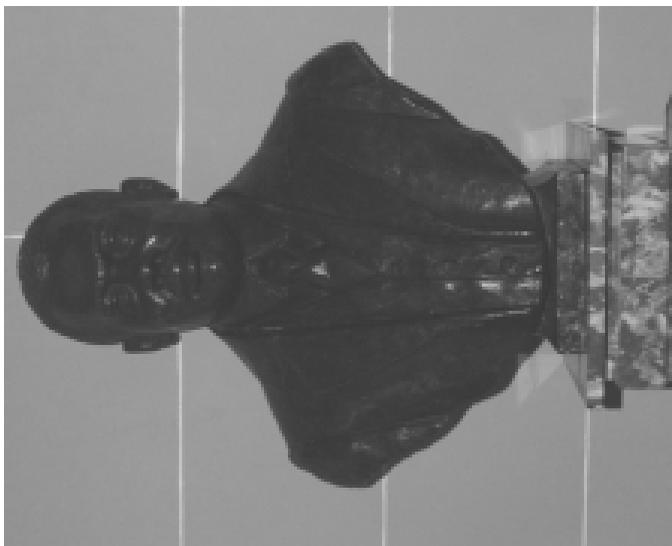
U.N.I.A em Nova Iorque em frente ao Liberty Hall.



Marcus Garvey com o príncipe Kojo Tovalou-Houenou do Daomé, chamado de Garvey da África, e George O. Marke, 1924.



Estátua de Marcus Garvey em St. Ann, Jamaica.



Busto de Garvey em Washington DC, EUA.



Estátua de Garvey na Jamaica

2^a PARTE:

Palavras e Ensinaamentos

Declaração de Direitos dos Povos Negros

13 de Agosto de 1920

Seja resolvido que o povo Negro do mundo, através dos seus representantes escolhidos em convenção reunidos no Liberty Hall, na cidade de Nova Iorque, Estados Unidos da América, de 1º de agosto a 31 de agosto, no ano de Nosso Senhor, 1920, protesta contra os erros e injustiças que estão sofrendo nas mãos dos seus irmãos brancos, e indica o que estes consideram serem seus justos direitos e, bem como o tratamento que propomos e demandamos de todos os homens no futuro.

Nós reclamamos:

I. Em lugar nenhum do mundo, com poucas exceções, os homens Negros são tratados em pé de igualdade com os homens brancos, embora na mesma situação e circunstâncias, mas, pelo contrário, são discriminados e têm negados os direitos comuns aos seres humanos devido a não outro motivo que não a sua raça e cor.

Não somos aceites de bom grado como hóspedes nos hotéis públicos e pousadas em todo o mundo por nenhuma outra razão além de nossa raça ou cor.

II. Em certas partes dos Estados Unidos da América à nossa raça é negado o direito de um julgamento público conferida a outras raças quando acusadas de crime, mas são linchados e queimados por multidões, e esse brutal e desumano tratamento é ainda praticado sobre as nossas mulheres.

III. Que as nações europeias têm parcelado entre si e tomado posse da quase totalidade do continente da África, e os nativos são obrigados a entregar as suas terras para estrangeiros e, na maioria dos casos, são tratados como escravos.

IV. Na porção sul dos Estados Unidos da América, embora cidadãos sob a Constituição Federal, e, em alguns estados, quase igual à dos brancos em termos populacionais e qualificados proprietários de terras e contribuintes, somos, no entanto, impedidos de ter vozes na

elaboração e administração das leis e são tributados sem a representação nos governos estaduais, e, ao mesmo tempo, compelidos a fazer o serviço militar em defesa do país.

V. Em veículos públicos e transportes comuns, na porção meridional dos Estados Unidos, nós estamos no *jim-crow* e obrigados a aceitar distintas e inferiores acomodações, e feitos a pagar a mesma tarifa cobrada para a acomodação de primeira classe, e as nossas famílias são muitas vezes humilhadas e insultadas por homens brancos embriagados que habitualmente passam pelo vagão do *jim-crow*, indo para o vagão de fumar.

VI. Aos médicos da nossa raça é negado o direito de atender a seus pacientes, mesmo nos hospitais públicos das cidades e estados onde residem, em certas partes dos Estados Unidos. Nossos filhos são forçados a freqüentar escolas separadas e inferiores com menores condições do que as crianças brancas, e os fundos para escolas públicas são desigualmente repartidos entre as escolas de brancos e dos de cor.

VII. Nós somos discriminados e nos é negada uma chance igual de ganhar salários para o sustento de nossas famílias e, em muitos casos, são recusadas a admissão nos sindicatos, e praticamente em todos os lugares são pagos salários menores do que os dos homens brancos.

VIII. Nos Serviços públicos e nos escritórios departamentais, nós somos, em todos os lugares, discriminados e nos fazem sentir que ser um homem Negro na Europa, América e nas Índias Ocidentais é equivalente a ser um proscrito e um leproso entre as raças dos homens, não importando qual seja o caráter e as realizações que o homem Negro possa ter.

IX. Nas Ilhas britânicas e outras ilhas e colônias das Índias Ocidentais, os Negros são secreta e engenhosamente discriminados, e têm negados os completos direitos no governo para os quais os cidadãos brancos são indicados, nomeados e eleitos.

X. Que o nosso povo nessas partes é forçado a trabalhar por salários mais baixos do que o padrão médio de homens brancos, e é

mantido em condições repugnantes para os bons e civilizados gostos e costumes.

XI. Que os muitos atos de injustiça contra os membros da nossa raça perante os tribunais da lei nas respectivas ilhas e colônias são de tal natureza de modo a criar desgosto e desrespeito para o senso de justiça do homem branco.

XII. Contra todos esses desumanos, anticristãos e incivilizados tratamentos estamos aqui e agora protestando energicamente, e invocando a condenação de toda a humanidade. A fim de incentivar a nossa raça em todo o mundo e para estimulá-la a um superior e grande destino, nós exigimos e insistimos na seguinte Declaração de Direitos:

1. Seja conhecido por todos os homens que considerando que todos os homens são criados iguais e intitulados para os direitos de vida, liberdade e a busca da felicidade e, por causa disso, nós, os representantes devidamente eleitos dos povos Negros do mundo, invocando a ajuda do justo e do Todo Poderoso Deus, declaramos todos os homens, mulheres e crianças do nosso sangue por todo o mundo cidadãos livres, e os afirmamos como cidadãos livres de África, a Terra Mãe de todos os Negros.
2. Que acreditamos na autoridade suprema da nossa raça em todos os aspectos raciais; que todas as coisas são criadas e dadas ao homem em uma comum posse; que deveria haver uma distribuição e repartição eqüitativa de todas essas coisas, e, tendo em consideração o fato de que como uma raça nós estamos agora desprovidos daquelas coisas que são moralmente e legalmente nossas, cremos que é certo que todas essas coisas devam ser adquiridas e detidas por qualquer meio possível.
3. Que acreditamos que o Negro, como qualquer outra raça, deve ser governado pela ética da civilização, e, portanto, não deve ser privado de qualquer desses direitos ou privilégios comuns aos outros seres humanos.
4. Declaramos que os Negros, aonde quer que seja, formam uma comunidade entre si, devem lhe ser dado o direito de eleger seus

próprios representantes para representá-los em legislaturas, tribunais de justiça, ou que tais instituições possam exercer controle sobre essa determinada comunidade.

5. Nós afirmamos que o Negro tem direito à justiça imparcial diante de todos os tribunais de justiça e equidade em qualquer país que ele pode ser encontrado, e quando isto lhe é negado, em virtude da sua raça ou cor, essa recusa é um insulto à raça enquanto houver e deve ser ressentida por todo homem Negro.
6. Nós declaramos injusto e prejudicial para os direitos dos Negros, em comunidades onde eles existem em número considerável, ser julgados por um juiz e um júri composto inteiramente por uma raça alheia, mas em todos esses casos, os membros da nossa raça têm direito a representação no júri.
7. Nós acreditamos que qualquer lei ou prática que tende a privar qualquer Africano das suas terras ou os privilégios da cidadania livre dentro do seu país é injusta e imoral, e nenhum nativo deve respeitar qualquer desse tipo de lei ou prática.
8. Nós declaramos as taxações sem representações injustas e tiranas, e, por parte dos Negros, não devem ser obrigação obedecer à imposição de um imposto por um órgão legislativo a partir do qual ele é excluído e lhe é negado representação em virtude da sua raça e cor.
9. Nós acreditamos que qualquer lei especialmente dirigida contra o Negro em seu detrimento e excluindo-o, por causa de sua raça ou cor, é injusta e imoral, e não deve ser respeitada.
10. Nós acreditamos que todos os homens têm direito ao comum respeito humano, e que a nossa raça não deve, de maneira alguma, tolerar insultos que podem ser interpretados no sentido de desrespeito à nossa cor.
11. Nós depreciamos o uso do termo “nigger”[“crioulo”] aplicado aos Negros, e exigimos que a palavra “Negro” seja escrita com um “N” maiúsculo.

12. Nós acreditamos que o Negro deve adotar todos os meios para se proteger contra práticas bárbaras infligidas a ele por causa da cor.
13. Nós acreditamos na liberdade de África para o povo Negro do mundo, e pelo princípio da Europa para os europeus e da Ásia para os asiáticos; nós ainda exigimos África para os Africanos em casa e no exterior.
14. Nós acreditamos no direito inerente do Negro de apossar-se da África, e que a sua posse da mesma não deve ser considerada como uma violação de qualquer reivindicação ou compra feita por qualquer raça ou nação.
15. Nós condenamos veementemente a cobiça das nações do mundo que, por agressão aberta ou esquemas secretos, tomaram os territórios e riquezas naturais inesgotáveis da África, e nós registramos nossa mais solene determinação em reclamar os tesouros e posses do vasto continente dos nossos antepassados.
16. Nós acreditamos que todos os homens deveriam viver em paz uns com os outros, mas quando raças e nações provocarem a ira de outras raças e nações, tentando violar os seus direitos, a guerra torna-se inevitável, e a tentativa de qualquer forma de libertar a si mesmo ou proteger seus direitos ou herança torna-se justificável.
17. Considerando que o linchamento por queima, suspensão, ou qualquer outro meio, de seres humanos é uma prática bárbara, e uma vergonha e desgraça para a civilização, nós portanto declaramos qualquer país culpado por essas atrocidades fora dos limites da civilização.
18. Nós protestamos contra o crime atroz, de chicotadas, flagelação e sobrecarga de trabalho das tribos nativas da África e dos Negros por toda parte. Estes são os métodos que devem ser abolidos, e todos os meios devem ser tomados para impedir a continuação de tais práticas brutais.

19. Nós protestamos contra a prática atroz de raspar a cabeça dos Africanos, especialmente de mulheres Africanas, ou indivíduos de sangue Negro, como uma punição para o crime quando colocados em prisão por uma raça alheia.
20. Nós protestamos contra os distritos segregados, os meios de transporte público separados, a discriminação industrial, linchamentos e limitações de privilégios políticos de qualquer cidadão Negro em qualquer parte do mundo em razão de raça, cor, ou credo, e exerceremos nossa total influência e poder contra tudo isso.
21. Nós protestamos contra qualquer punição infligida sobre um Negro com severidade, contra leve castigo infligido a outra pessoa de uma raça alheia pela mesma ofensa, como um ato de injustiça do preconceito, e deve ser ressentido por toda a raça.
22. Nós protestamos contra o sistema de educação em qualquer país onde os Negros tenham negados os mesmos privilégios e vantagens que possuam outras raças.
23. Nós declaramos desumano e injusto boicotar Negros das indústrias e do trabalho em qualquer parte do mundo.
24. Nós cremos na doutrina da liberdade de imprensa, e, portanto, enfaticamente protestamos contra a supressão de jornais e revistas Negros em várias partes do mundo, e chamamos os Negros em todos os lugares para empregar todos os meios disponíveis para evitar tal supressão.
25. Nós ainda exigimos a liberdade de expressão universal para todos os homens.
26. Nós, por este meio, protestamos contra a publicação de artigos escandalosos e inflamatórios pela imprensa estrangeira, que tendem a criar conflitos raciais, e a exposição de filmes mostrando o Negro como um canibal.

27. Nós acreditamos na autodeterminação dos povos.
28. Nós declaramos a liberdade de culto religioso.
29. Com a ajuda de Deus Todo-Poderoso, nós declaramos nós mesmos protetores da honra e da virtude das nossas mulheres e crianças, e comprometemos a nossa vida para a sua proteção e defesa em todos os lugares e em todas as circunstâncias de erros e desmandos.
30. Nós exigimos o direito à educação plena e sem preconceitos para nós mesmos e nossa posteridade, para sempre.
31. Nós declaramos que o ensino em qualquer escola, pelos professores estrangeiros, para nossos meninos e meninas, de que a raça estrangeira é superior à raça Negra é um insulto para o povo Negro do mundo.
32. Onde os Negros constituam uma parte dos cidadãos de qualquer país, e passem no exame de serviço público desse país, nós declaramos que eles têm direito à mesma consideração que os outros cidadãos como às nomeações no referido serviço público.
33. Nós vigorosamente protestamos contra os tratamentos cada vez mais abusivos e injustos concedidos aos Negros viajantes em terra e no mar pelos agentes e funcionários da ferrovia e das companhias de vapor e insistimos que, pelas tarifas iguais, recebamos privilégios iguais aos viajantes de outras raças.
34. Nós declaramos injusto para qualquer país, Estado ou nação promulgar leis que tendem a dificultar e impedir a livre imigração de Negros em virtude da sua raça e cor.
35. Que o direito do Negro de viajar tranqüilamente em todo o mundo não pode ser abreviado por qualquer pessoa ou pessoas, e todos os Negros são chamados a dar ajuda a um companheiro Negro quando molestado.

36. Nós declaramos que todos os Negros têm o mesmo direito de viajar pelo mundo como os outros homens.
37. Nós, por esse meio, exigimos que os governos do mundo reconheçam nosso líder e os seus representantes escolhidos pela raça para cuidar do bem-estar do nosso povo sob tais governos.
38. Nós exigimos o controle completo de nossas instituições sociais sem interferência de qualquer raça ou raças alheias.
39. Que as cores Vermelho, Preto e Verde, são as cores da raça Negra.
40. Determinamos que o hino “A Etiópia, A Terra dos Nossos Pais”, etc, deve ser o hino da raça Negra.
41. Nós acreditamos que qualquer liberdade limitada, que prive a pessoa de plenos direitos e prerrogativas da cidadania plena, é uma forma modificada de escravidão.
42. Nós declaramos ser uma injustiça para com nosso povo e um impedimento grave para a saúde da raça, negar a competentes médicos Negros licenciados o direito de praticar nos hospitais públicos das comunidades em que residem, por nenhuma razão além de sua raça e cor.
43. Nós apelamos aos vários governos do mundo a aceitar e reconhecer os representantes Negros, que serão enviados para os referidos governos para representar o bem-estar geral dos povos Negros do mundo.
44. Nós lamentamos e protestamos contra a prática de confinar os jovens prisioneiros em prisões com adultos, e recomendamos que tais prisioneiros jovens tenham ensinamento de negócios lucrativos, sob supervisão humana.
45. Esteja, além disso, resolvido que nós como uma raça de pessoas declaramos a Liga das Nações nula e sem efeito no que diz

respeito ao Negro, na medida em que visa privar os Negros da sua liberdade.

46. Nós exigimos de todos os homens a agir conosco como nós gostaríamos de agir com eles, em nome da justiça, e nós alegremente acordamos a todos os homens todos os direitos que afirmamos aqui para nós.
47. Nós declaramos que nenhum Negro deve se envolver em batalha por uma raça alheia, sem primeiro obter o consentimento do líder do povo Negro do mundo, exceto em uma questão de defesa nacional própria.
48. Nós protestamos contra a prática de recrutamento de Negros, e de enviá-los para a guerra com forças estranhas, sem formação adequada, e exigimos que em todos os casos os soldados Negros recebam o mesmo tratamento que os outros.
49. Nós exigimos que as instruções dadas às crianças Negras nas escolas incluam o tema “História do Negro”, para seu benefício.
50. Nós exigimos uma relação comercial livre e sem restrições com todo o povo Negro do mundo.
51. Nós declaramos a liberdade absoluta dos mares para todos os povos.
52. Nós exigimos que aos nossos representantes devidamente credenciados seja dado o reconhecimento adequado em todas as ligas, conferências, convenções ou tribunais de arbitragem internacional, sempre que os direitos humanos são discutidos.
53. Nós proclamamos o dia 31 de agosto de cada ano um feriado internacional que deve ser observado por todos os Negros.
54. Queremos que todos os homens saibam que devem manter e lutar pela liberdade e igualdade de todo homem, mulher e criança da nossa raça, com as nossas vidas, nossas fortunas e nossa sagrada honra.

Estes direitos, acreditamos serem justos a nós e adequados para a proteção da raça Negra em geral, e, devido a esta crença, nós, em nome dos quatrocentos milhões de Negros do mundo, prometemos, daqui em diante, pelo sangue sagrado em defesa da raça, e por esse meio subscrevemos nossos nomes como garantia da veracidade e da fidelidade deste instrumento na presença de Deus Todo-Poderoso, no dia 13 de agosto, no ano do Senhor de 1920.

Verdadeira solução para o problema do Negro

No que diz respeito à causa dos Negros, na América nós temos o problema de linchamento, peonagem e o não direito ao voto. Nas Índias Ocidentais, América do Sul e Central nós temos o problema da peonagem, servidão, desigualdade política governamental e industrial. Em África, temos, não só peonagem e servidão, mas escravidão permanente, exploração racial e monopólio político estrangeiro. Nós não podemos permitir a continuação desses crimes contra nossa raça. Como quatrocentos milhões de homens, mulheres e crianças, dignos da existência dada a nós pelo Criador divino, estamos determinados a resolver os nossos próprios problemas, pelo resgate da nossa Terra Mãe África das mãos de exploradores estrangeiros, e encontrar lá um governo, uma nação própria, nossa, forte o suficiente para dar proteção aos membros da nossa raça espalhados por todo o mundo, e exigir o respeito por parte dos povos e raças da terra. Eles lincharam ingleses, franceses, alemães ou japoneses? Não. E por quê? Porque essas pessoas são representadas por grandes governos, nações poderosas e impérios, fortemente organizados. Sim, e sempre prontos a derramar a última gota de sangue e gastar o último centavo do tesouro nacional para proteger a honra e a integridade de um cidadão ultrajado em qualquer lugar. Até o Negro atingir esse ponto de independência nacional, tudo que ele fizer como uma raça não vai contar para nada, porque o preconceito que irá se sobressair contra ele, mesmo com a sua cédula na mão, com o seu progresso industrial para mostrar, será como uma esmagadora natureza como a perpetuar a violência e regra marginais, a partir do qual ele vai sofrer, e que ele não será capaz de parar com a sua riqueza industrial e com o seu voto. Você pode argumentar que ele pode usar sua riqueza industrial e seu voto para forçar o governo a reconhecê-lo, mas ele deve compreender que o governo é o povo. Que é a maioria das pessoas que dita a política dos governos, e se a maioria é contra uma medida, uma coisa, ou uma raça, então o governo é impotente para proteger essa medida, coisa ou raça. Se o Negro fosse viver neste Hemisfério Ocidental por outros quinhentos anos, ele ainda estaria em desvantagem por outras raças, que são preconceituosas contra ele. Ele não pode recorrer ao governo por proteção, pelo governo estar nas mãos da maioria das pessoas que são preconceituosas contra ele, e daí pelo o Negro depender do voto e seu progresso industrial sozinho, é inútil e

não ajuda ele quando é linchado, queimado, submetido ao jim-crow⁴³ e segregado. O futuro do Negro, portanto, fora da África, é como chuva e desastre.

⁴³Jim-Crow - leis estaduais e locais que estabeleciam a separação dos Negros da minoria étnica dos brancos.

Princípios da Associação Universal para o Progresso do Negro

Liberty Hall, Nova Iorque, 25 de novembro de 1922.

Durante o transcorrer dos últimos cinco anos, a Associação Universal para o Progresso do Negro (U.N.I.A.) colocou-se no mundo como um movimento através do qual o novo e ascendente Negro pudesse expressar seus sentimentos. Esta Associação adotou uma atitude de não hostilidade perante as outras raças e pessoas do mundo, e também uma atitude de auto-respeito, a favor dos direitos do homem em nome de 400 milhões de Negros do mundo.

Nós representamos paz, harmonia, amor, simpatia humana, direitos humanos e justiça humana, e por isso é que lutamos tanto. Aonde quer que os direitos humanos sejam negados a algum grupo, aonde quer que a justiça seja negada a algum grupo, ali a U.N.I.A. encontrará uma causa. Nesse momento, entre todas as pessoas do mundo, o grupo que sofre mais injustiça, o grupo ao qual mais se negam esses direitos que pertencem a toda a humanidade, esse é o grupo Negro de 400 milhões. Por essa injustiça, por essa negação de nossos direitos, nós avançamos sob a liderança daquele que está sempre do lado do direito de lutar pela causa comum da humanidade, lutar como lutamos na Guerra Revolucionária, como lutamos na Guerra Civil, como lutamos na Guerra Espano-Americana, e como lutamos na guerra entre 1914-1918 nos campos de batalha de França e Flandres. Como lutamos nas alturas da Mesopotâmia; assim então sob a liderança da U.N.I.A. estamos comandando os 400 milhões de Negros do mundo para lutar pela emancipação da raça e a redenção do país de nossos pais.

Nós representamos uma nova linha de pensamento entre os Negros. Chamem-no pensamento avançado ou pensamento reacionário, não me preocupa. Se é reacionário para as pessoas buscar um governo independente, então somos reacionários. Se é um pensamento avançado para as pessoas buscar liberdade, então nós representamos a escola do pensamento avançado entre os Negros deste país. Nós da U.N.I.A. acreditamos que o que é bom para os outros companheiros é bom para nós. Se um governo é algo que vale a pena, se um governo é algo apreciável, de ajuda e proteção para outros, então nós também queremos uma experiência de governo. Não falamos de um governo que nos faça cidadãos sem direitos ou sujeitos sem consideração. Nós falamos de um

tipo de governo que coloque a nossa raça no controle, assim como outras raças estão no controle se seus próprios governos.

Isso não sugere nada que não seja razoável. Não era razoável que George Washington, o grande herói e pai do país, que lutou pela liberdade da América, dando a esta grande república e esta grande democracia; não era razoável que os liberais da França tenham lutado contra a anarquia para dar ao mundo a democracia francesa e republicanismo francês; não foi injusta causa que levou Tolstoi a pronunciar a chamada da liberdade na Rússia, que acabou dando ao mundo a social-democracia da Rússia, uma experiência que, provavelmente, revela-se uma dádiva e uma bênção para a humanidade. Se foi uma injusta causa que levou Washington a lutar pela independência deste país, e levou os liberais da França a estabelecer a República, não é, portanto, uma causa injusta para a U.N.I.A. conduzir 400 milhões de Negros de todo o mundo a lutar pela libertação do nosso país.

Portanto, a U.N.I.A. não assume a causa de construir igrejas, porque temos um suficiente grande número de igrejas entre nós para ministrar as necessidades espirituais, e não vamos competir com aqueles que estão encarregados de tão esplendido trabalho; não estamos encarregados da construção de uma nova instituição social, Y.M.C.A. ou Y.M.W.A., porque há suficientes trabalhadores sociais nesses preciosos e dignos esforços. Não estamos encarregados da política, porque temos suficientes políticos locais, Democratas, Socialistas, Soviéticos, etc., e a situação política está bem atendida. Nós não estamos encarregados da política doméstica, da construção de igrejas ou em trabalhos de desenvolvimento social, mas sim estamos encarregados da construção nacional.

Evocando os princípios desta Associação encontramos que fomos muito mal interpretados por homens de dentro de nossa própria raça, assim como de fora. Qualquer movimento de reforma que busque trazer mudanças para o benefício da humanidade está sujeito a ser mal interpretado por aqueles que sempre colocam sobre eles a administração e a liderança dos desafortunados, e a direção daqueles que serão colocados em temporária desvantagem. Assim tem sido em todos os outros movimentos sejam sociais ou políticos; também entre aqueles de nós na U.N.I.A. que lideramos sobre esta má interpretação dos Propósitos e Objetivos da U.N.I.A. Mas aqueles que têm tomado gentilmente a notícia deste grande movimento, têm sido levados a crer

que este movimento busca não o bom desenvolvimento dentro da raça, mas sim dar expressão àquele que é mais destrutivo e mais daninho para a sociedade e o governo.

Eu desejo eliminar a má interpretação que foi criada nas mentes de milhões de pessoas ao redor do mundo com relação a esta organização. A U.N.I.A. se levanta pela Maior Irmandade; a U.N.I.A. se levanta pelos direitos do homem, não só para Negros, para todas as raças. A U.N.I.A. crê não só nos direitos da raça Negra, também nos da raça branca, a raça amarela e a raça marrom. A U.N.I.A. crê que o homem branco tem tanto direito a ser considerado, que o homem amarelo tem tanto direito a ser considerado, que o homem marrom tem tanto direito a ser considerado como o homem Negro de África. Em vista do fato de que o homem Negro de África tem contribuído ao mundo tanto como o homem branco da Europa, e o homem amarelo e marrom da Ásia, nós da U.N.I.A. exigimos que a raça branca, a amarela e a marrom dêem ao homem Negro seu lugar na civilização do mundo. Pedimos nada mais que o direito de 400 milhões de Negros. Não buscamos, como disse anteriormente, destruir ou romper a sociedade ou o governo de outras raças, mas estamos determinados que 400 milhões de Negros de nós devem unir-se para libertar nossa Terra Mãe das garras do invasor. Nós da U.N.I.A. estamos determinados a unir 400 milhões de Negros para sua própria emancipação industrial, política, social e religiosa.

Nós da U.N.I.A. estamos determinados a unir 400 milhões Negros do mundo para dar expressão a seus próprios sentimentos; estamos determinados a unir 400 milhões de Negros do mundo com o propósito de construir uma civilização própria. E nesse esforço desejamos trazer juntos os 15 milhões dos Estados Unidos, os 180 milhões na Ásia, as Índias Ocidentais e Centro e Sul da América, e os 200 milhões em África. Estamos buscando a liberdade política no continente de África, a terra de nossos pais.

A U.N.I.A. não está buscando construir outro governo dentro dos limites ou fronteiras dos Estados Unidos de América. A U.N.I.A. não está buscando romper nenhum sistema de governo organizado, mas a Organização está determinada a trazer os Negros juntos para a construção de sua própria nação. E por quê? Porque temos sido forçados a fazer isto. Temos sido forçados a isto pelo mundo; não só na América, não só na Europa, não só no Império Britânico, mas sim aonde quer que

se encontre o homem Negro, ele tem sido forçado a fazê-lo por si mesmo.

Falar sobre um Governo é um pouco mais do que alguém de nossa gente pode apreciar neste justo momento. O homem comum não pensa dessa forma, somente porque se vê como um cidadão ou um sujeito de algum país. Ele parece dizer, “*Por que vai ver necessidade de outro governo? Somos Franceses, Ingleses ou Americanos*”. Mas nós da U.N.I.A. temos estudado seriamente esta questão de nacionalidade entre os Negros, esta nacionalidade Americana, esta nacionalidade Britânica, esta nacionalidade Francesa, Italiana ou Espanhola, e temos descoberto que esta não conta para nada quando essa nacionalidade entra em conflito com o idealismo racial do grupo que governa. Quando nossos interesses chocam-se com aqueles da facção governante, encontramos absolutamente que não temos nenhum direito. Em tempos de paz, quando tudo esta bem, os Negros passam tempos duros, aonde quer que vamos, e aonde quer que nos encontremos, tendo esses direitos que nos pertencem, em comum com outros que reclamamos como concidadãos; tendo essa consideração que deveria ser nossa por direito constitucional, por direito da lei; mas nos tempos de dificuldades eles fazem de nós parte da causa, como passou na última guerra, aonde éramos sócios, éramos Negros Britânicos, Franceses ou Americanos. E nos diziam que devíamos esquecer tudo em um esforço para salvar a nação.

Temos salvado muitas nações desta maneira, e temos perdido nossas vidas fazendo isso. Centenas de milhares, milhões de homens Negros, jazem enterrados sob a camuflagem de salvar a nação. Nós salvamos ao Império Britânico; nós salvamos ao Império Francês; nós salvamos a este glorioso país mais de uma vez; e tudo o que nós temos recebido por nosso sacrifício, tudo o que nós temos recebido pelo que temos feito, inclusive deixando nossas vidas, é somente o que estamos recebendo agora, somente o que eu estou recebendo agora.

Você e eu já não valem na América, no Império Britânico, ou em qualquer outra parte do mundo branco; já não vale mais qualquer homem Negro aonde quer que coloque sua cabeça lá fora.

E por quê? Porque temos sido complacentes ao permitirmos ser liderados, educados, ser dirigidos por outro companheiro, que sempre tem pensado em levar-nos no mundo na direção que o satisfaça e o fortaleça em sua posição. Nós temos permitido pelos últimos 500 anos ser uma raça de seguidores, seguindo cada raça que tem ido na direção que lhes deu mais segurança.

A U.N.I.A. está revertendo a ordem das coisas dos velhos tempos. Nós nos negamos a seguir sendo seguidores. Nós estamos liderando-nos a nós mesmos. Isso significa, que se algum salvamento tiver que ser feito, daqui em diante, seja salvar tal governo o tal nação, primeiro vamos buscar um método para salvar a África. Por quê? E por que África? Porque a África se tem convertido na grande recompensa das nações. A África se tem convertido no grande jogo das nações caçadoras. Hoje a África emerge como a maior recompensa comercial, industrial e política no mundo.

A diferença entre a U.N.I.A. e os outros movimentos deste país, e provavelmente no mundo, é que a UNIA busca independência de governo, enquanto que as outras organizações buscam fazer do Negro uma parte secundária dos governos existentes. Nos diferenciamos das organizações da América porque elas buscam subordinar o Negro como uma consideração secundária em uma grande civilização, sabendo que na América o Negro nunca vai alcançar sua mais elevada ambição, sabendo que na América o Negro nunca vai obter seus direitos constitucionais. Todas aquelas organizações que estão promovendo o Progresso do Negro no Império Britânico sabem que o Negro no Império Britânico nunca vai alcançar o estado de seus direitos constitucionais. A que me refiro com direitos constitucionais na América? Se o homem Negro vai alcançar o estado de sua ambição neste país – se o homem Negro vai obter todos os direitos constitucionais na América – então o homem Negro vai ter as mesmas chances na nação como qualquer outro homem para chegar a ser presidente da nação, ou um varredor nas ruas de Nova Iorque. Se o homem Negro no Império Britânico obter todos seus direitos constitucionais, quer dizer que o Negro no Império Britânico tem ao menos o mesmo direito de chegar a ser primeiro ministro da Grã-Bretanha como a ser varredor nas ruas de Londres. Estão eles preparados para dar-nos essa igualdade política? Você e eu podemos viver nos Estados Unidos da América por 100 anos mais, e nossas gerações podem viver 200 ou 500 anos mais, e enquanto houver uma população Negra e uma população branca, enquanto a maioria estiver do lado da raça branca, você e eu nunca vamos ter justiça política, ou ter igualdade política neste país. Então por que um homem Negro com crescentes ambições, depois de preparar-se ele mesmo de todas as formas possíveis para dar expressão da mais alta ambição, se permite estar submetido pelos preconceitos raciais neste país? Se eu sou tão

educado como o homem do lado, se eu estou tão preparado como o homem ao lado, se passei pelas melhores escolas e colégios e universidades, como o outro companheiro, por que não vou ter um justa chance de competir com a outra pessoa pela posição maior na nação? Eu tenho sentimentos, eu tenho sangue, eu tenho uma mente como a outra pessoa; eu tenho ambição, eu tenho esperança. Por que ele vai, por algum preconceito racial, me manter abaixo, e por que eu vou conceder-lhe o direito de levantar-se sobre mim, e estabelecer-se como meu mestre permanente? Aí é onde a U.N.I.A. se diferencia das outras organizações. Me nego a deixar morrer minhas ambições, e todo Negro verdadeiro se recusa a deixar morrer suas ambições para vestir a outras, portanto a U.N.I.A. decide se a América não é o suficientemente grande para dois presidentes, se a Inglaterra não é o suficientemente grande para dois reis, então nós não vamos discutir o assunto; nós vamos deixar um presidente na América, nós vamos deixar um rei na Inglaterra, nós vamos deixar um presidente na França e teremos um presidente em África. Portanto, a U.N.I.A. não busca interferir com o sistema social e político da França, mas pela ordem das coisas, hoje a U.N.I.A. se recusa a reconhecer qualquer sistema político ou econômico em África exceto aquele que estabeleçamos por nós mesmos.

Nós não estamos pregando uma propaganda de ódio contra alguém. Nós amamos o homem branco; nós amamos a toda a humanidade, porque sentimos que não podemos viver sem o outro. O homem branco é tão necessário para a existência do Negro como o Negro é necessário para sua existência. Há uma relação em comum da qual não podemos escapar. A África tem certas coisas que a Europa quer, e a Europa tem certas coisas que África quer, e ao menos que haja um justo e equitativo acordo que dê a cada um o que quiser, é impossível para nós escapar disto. A África tem petróleo, diamantes, ouro e borracha e todos os minerais que a Europa quer, e deve haver algum modo de relação entre África e Europa para um justo intercâmbio, dessa forma não podemos afrontar e odiar a alguém.

A pergunta frequentemente formulada é o que se necessita para redimir uma raça e libertar um país? Se requer o poder do homem, se requer inteligência científica, se requer educação de algum tipo, ou se requer sangue, então os 400 milhões de Negros do mundo o temos.

Requeru o combinado poder do homem dos Aliados para deter a louca determinação do Kaiser de impor a vontade da Alemanha sobre o mundo e sobre a humanidade. Entre os que suprimiram esta louca

ambição havia dois milhões de Negros que todavia não esqueceram como se manejam os homens através das linhas de fogo. Seguramente aqueles de nós que enfrentamos os disparos e defensas da Alemanha em Marne, em Verdun, não esquecemos a ordem de nosso Comandante encabeçado. O grito que fez que saíssemos da América nesse estado de apuro, quando nossos concidadãos brancos da América se negavam a lutar dizendo: *“Nós não cremos na guerra e mais, mesmo sendo cidadãos norteamericanos, e mesmo com a nação em perigo, não vamos ir à guerra”*. Quando muitos deles gritavam e diziam: *“Somos Germano-Americanos e não podemos lutar”*, quando tantos homens brancos se recusavam a responder ao chamado, e se escondiam detrás de qualquer desculpa, 400.000 homens Negros foram alistados sem nenhuma pergunta. Foi porque nos disseram que era uma guerra de democracia; era uma guerra pela libertação das pessoas mais debilitadas do mundo. Nós escutamos esse chamado de Woodrow Wilson, não porque nós gostássemos dele, foi porque as coisas que ele dizia eram de tal natureza que apelavam a nós como homens. Aonde quer que a causa da humanidade se levante necessitando assistência, ali encontrarão ao Negro sempre pronto a servir.

O tem feito desde o tempo de Cristo até agora. Quando o mundo inteiro deu as costas a Cristo, o homem que dizia ser o Filho de Deus; quando o mundo gritava: *“Crucifiquem-no”*; quando o mundo se opunha a ele e lutava contra ele, um homem Negro, Simão, o cireneu, que levantou a cruz. Por quê? Porque a causa da humanidade apelou a ele. Quando o homem Negro viu ao sofredor judeu, suportando sob a pesada cruz, ele estava disposto a ir em Sua assistência, e ele carregou a cruz até as alturas do Calvário. No espírito de Simão, o cireneu, 1900 anos depois, nós respondemos o chamado de Woodrow Wilson, o chamado de uma grande humanidade, e foi por isso que nós nos apressamos à guerra desde a América, desde as Índias Ocidentais, mais de 100.000; foi por isso que nos apressamos à guerra desde a África, 2.000.000 de nós. Nos encontramos na França, Flandres e na Mesopotâmia. Nós lutamos infatigavelmente. Quando os homens brancos se debilitaram e caíram nas linhas de combate, em Marne e em Verdun, quando corriam do carregamento das hordas alemãs, os Negros lutadores do inferno estavam ao pé do canhão de frente ao carregamento, e outra vez gritaram: *“Vai ser um tempo quente na velha cidade esta noite”*.

Fizemos isso tão fervorosamente uns meses depois em nossa aparição na França e nas várias frentes de batalha, tivemos êxito ao

levar as hordas alemãs através do rio, e levando o Kaiser pra fora da Alemanha, e fora de Potsdam na Holanda. Não temos esquecido os fazeres da guerra. Se temos tido mentes liberais para dar nosso sangue de vida na França, na Mesopotâmia, e em outros lados, lutando pelo homem branco, ao que sempre ajudamos, por certo não temos esquecido de lutar por nós mesmos, e quando chegar o tempo em que o mundo lhe de outra vez uma oportunidade de liberdade para África, seguramente 400 milhões de homens Negros vão marchar pelos campos de batalha de África, sob as cores do vermelho, preto e verde.

Podemos marchar, sim, como cidadãos Americanos Negros, como sujeitos Britânicos Negros, como cidadãos Franceses Negros, como cidadãos Italianos Negros, o como Espanhóis Negros, mas podemos marchar com uma maior lealdade, a lealdade de raça. Podemos marchar em resposta ao grito de nossos pais, que gritam pela redenção de nosso próprio país, nossa Terra Mãe, África.

Podemos marchar, sem esquecer a benção da América. Podemos marchar, sem esquecer a benção da civilização. Podemos marchar com uma história de paz detrás e diante de nós, e seguramente esta história será nossa armadura, porque como pode o homem lutar melhor que sabendo que a causa pela qual luta é justa? Como pode o homem lutar mais gloriosamente sabendo que detrás dele há uma história de escravidão, uma história de sangrenta matança e massacre infligida sobre uma raça por sua inabilidade de proteger-se e lutar? Não vamos lutar pela gloriosa oportunidade de proteger-nos e para sempre estabelecer-nos como uma poderosa raça e nação, nunca mais sendo depreciados por homens? Gloriosa será a batalha quando o tempo chegar para lutar por nossa gente e nossa raça.

Dizemos aos milhões que estão em África que se mantenham fortes, porque estão indo 400 milhões de reforços.

Marcus Garvey

Presidente Geral da Associação Universal para o Progresso do Negro

África para os Africanos

18 de abril de 1922

Companheiros homens da Raça Negra, Saudação:

Por quatro anos e meio a Associação Universal para o Progresso do Negro vem defendendo a causa da África para os africanos – ou seja, que os povos Negros do mundo devem concentrar-se sobre o objetivo de construir para si uma grande nação em África.

Quando começamos nossa propaganda rumo a este fim, diversos dos chamados intelectuais Negros que vêm bagunçando a raça, que por mais de meio século disseram que éramos loucos, que os povos Negros do mundo ocidental não estavam interessados em África e não poderiam viver em África. Um editor e líder⁴⁴ chegou a dizer a seu Congresso Pan-Africano que Negros Americanos não poderiam viver em África, porque o clima seria muito quente. Todos os tipos de argumentos foram apresentados por estes intelectuais Negros contra a colonização de África pela raça Negra. Alguns disseram que o homem Negro acabaria por trabalhar sua existência a fora ao lado do homem branco em países fundados e estabelecidos por este último. Portanto, não era necessário para Negros procurar uma independente nacionalidade para eles próprios. As histórias dos velhos tempos da “peste da África”, “clima ruim Africano”, “mosquitos Africanos”, “Africanos selvagens”, foram repetidas por estes “insensatos intelectuais” como um alarme contra nosso povo na América e nas Índias Ocidentais, tendo gentilmente um interesse no novo programa de construção de um império racial próprio nosso em nossa Terra Mãe.

Agora que os anos se passaram e a Associação Universal para o progresso do Negro fez o circuito no mundo com a sua propaganda, nós encontramos eminentes estadistas e líderes da raça branca saindo corajosamente, defendendo a causa da colonização da África com os Negros do mundo ocidental. Um ano atrás, o Senador MacCullum do Legislativo do Mississippi apresentou uma resolução na Câmara com o propósito de peticionar ao Congresso dos Estados Unidos da América e ao Presidente de usarem sua influência em garantir dos Aliados território suficiente em África, em liquidação da dívida da guerra, cujo

⁴⁴ Garvey está se referindo a W.E.B. DuBois.

território deveria ser utilizado para o estabelecimento de uma nação independente para os Negros Americanos. Ao mesmo tempo, Senador France de Maryland deu expressão a um desejo semelhante no Senado dos Estados Unidos. Durante um discurso sobre os “Bônus dos Soldados.” Ele disse: “Temos uma dívida grande com a África, a qual nós temos há muito tempo ignorado. Eu não preciso me estender sobre a nossa peculiar vantagem na obrigação dos povos de África. Milhares de norte-americanos há anos vêm contribuindo para o trabalho missionário que foi realizada por homens e mulheres nobres que foram enviados nesta área pelas igrejas da América”.

A Alemanha de frente

Isso revela uma mudança real da parte de estadistas proeminentes em sua atitude sobre a questão Africana. Segue outra sugestão da Alemanha, da qual o Dr. Heinrich Schnee, um ex-governador da África Oriental Alemã, é o autor. Este estadista alemão sugere, em uma entrevista concedida em Berlim, e publicada em Nova York, que a América assuma os mandatários da Grã-Bretanha e França na África para a colonização de Negros Americanos. Falando sobre o assunto, ele diz: “Quanto à tentativa de colonizar a África com o excedente de população de cor americana, isso, em um longo caminho, resolveria o vexado problema, e, no âmbito do plano que o Senador France expôs, pode permitir que a França e a Grã-Bretanha quitem seus deveres com os Estados Unidos e, simultaneamente, aliviem o fardo das reparações alemãs que está a paralisar a vida econômica.” Com expressões como as acima citadas de estadistas proeminentes do mundo e das exigências feitas por homens, como os Senadores France e McCullum, é evidente que a questão da nacionalidade Africana não é algo forçado, mas é razoável e exequível, como foi o ideal de uma nacionalidade americana.

Finamente um “Programa”?

Eu confio que os povos Negros do mundo estão agora convencidos de que o trabalho da Associação Universal para o Progresso do Negro não é um trabalho visionário, mas muito prático, e que não está tão distante de ser atingido, mas pode ser realizado em um curto tempo, se toda a raça apenas cooperar e trabalhar em direção ao

fim desejado. Agora que o trabalho da nossa organização tem começado a dar os seus frutos, nós achamos que alguns desses “duvidosos Thomases” de três e quatro anos atrás estão procurando misturar-se com a idéia popular de reabilitação da África no interesse do Negro. Eles estão agora avançando “programas” espúrios e em pouco tempo vão se empenhar para forçar-se à opinião pública como defensores e líderes da idéia Africana.

Acredita-se que aqueles que têm seguido a carreira da Associação Universal para o Progresso do Negro não irão deixar-se enganar por esses Negros oportunistas que sempre procuraram viver pelas idéias de outras pessoas.

O Sonho de um Império Negro

É só uma questão de mais alguns anos, quando a África estará totalmente colonizada pelos Negros, como a Europa é pela raça branca.

O que nós queremos é uma nacionalidade Africana independente, e se a América for ajudar os povos Negros do mundo a estabelecer tal nacionalidade, então essa assistência será bem vinda.

Espera-se que, quando chegar a hora dos Negros da América e das Índias Ocidentais estabelecerem-se em África, eles percebam a sua responsabilidade e o seu dever. Não será ir para a África com a finalidade de exercer um domínio sobre os nativos, mas sim devem ter o objetivo da Associação Universal para o Progresso do Negro, de estabelecer na África a cooperação fraternal que tornará o interesse dos Africanos nativos e dos Negros americanos e das Índias Ocidentais único e o mesmo, isto é, vamos entrar em uma parceria para erguer a África nos interesses da nossa raça.

Unidade de Interesses

Todos sabem que não há absolutamente nenhuma diferença entre os nativos Africanos e os Negros Americanos e os das Índias Ocidentais, somos descendentes de uma comum família. É apenas uma questão de acaso que fomos divididos e separados por mais de trezentos anos, mas considera-se que, quando o tempo chegar para nós voltarmos a ficarmos juntos, vamos fazê-lo no espírito do amor fraterno, e qualquer negro que espere ser ajudado, aqui, ali ou em qualquer lugar, pela Associação Universal para o Progresso do Negro, a exercer uma

superioridade arrogante sobre os companheiros de sua raça, comete um tremendo erro.

Esses homens fazem melhor em permanecer onde estão e não tentar tornar-se, de alguma forma, interessados no maior desenvolvimento da África. O Negro teve o suficiente da prática vaidosa da superioridade da raça infligida a ele por outros, assim ele não está preparado para tolerar uma pretensão semelhante por parte do seu próprio povo. Na América e nas Índias Ocidentais, temos Negros que se julgam muito acima de seus companheiros, a fazê-los pensar que qualquer reajuste nos assuntos da raça deve ser colocado em suas mãos, para exercer uma espécie de controle autocrático e despótico, como os outros nos fizeram durante séculos.

Volto a dizer, seria aconselhável para esses Negros tirarem fora suas mãos e mentes da agora popular idéia de colonização da África nos interesses da raça Negra, porque sua identificação com este novo programa não nos ajudará de nenhuma forma, por razão do sentimento existente entre os Negros em todos os lugares de não tolerar a imposição de superioridade de raça ou classe sobre eles, como é o desejo da auto-nomeada e auto-criada liderança da raça que temos tido nos últimos cinqüenta anos.

As Bases para uma Aristocracia Africana

As massas de Negros na América, nas Índias Ocidentais, nas Américas Central e do Sul estão em complacente acordo com as aspirações dos Africanos nativos. Nós queremos ajudá-los a construir a África como um Império Negro, onde cada homem negro, quer tenha nascido na África ou no mundo ocidental, terá a oportunidade de desenvolver-se em suas próprias linhas, sob a proteção das instituições democráticas mais favoráveis.

Será inútil, como antes referido, para os bombásticos Negros, deixarem a América e as Índias Ocidentais para irem para a África, pensando que eles terão posições privilegiadas para impor sobre a raça, tal a aristocracia bastarda que eles têm tentado manter neste mundo ocidental à custa das massas. África deve desenvolver uma aristocracia própria, mas deve ser baseada em serviços e lealdade para com a raça. Vamos todos os Negros trabalhar para esse fim. Eu sinto que é apenas uma questão de mais alguns anos para o nosso programa ser aceito, não só pelos poucos estadistas da América, que agora estão interessados

nele, mas pelos fortes estadistas do mundo, como a única solução para o grande problema da raça.

Não há outra maneira de evitar a alarmante guerra das raças que toda a humanidade é obrigada a engolir, que foi profetizada pelos maiores pensadores do mundo; não há método melhor do que repartir cada raça para o seu próprio habitat. O tempo realmente veio para os asiáticos governarem a si mesmos na Ásia, como os europeus estão na Europa e no mundo ocidental, então é também aconselhável para os Africanos de governarem a si mesmos em casa, e, assim, trazer paz e satisfação para toda a família humana.

(Trechos de artigo publicado no *The Negro World*, em 22 de abril de 1922)

O Louvor Africano de Batalha

O sol africano está brilhando acima do horizonte,
O dia está surgindo para nós, homens pretos distantes e próximos;
Nosso Deus está na linha da frente, e conduz o batalhão celestial,
Avante, façam suas bandeiras brilharem, irmãos de nobres ações.

Há uma bandeira que nós amamos verdadeiramente -
O vermelho, o preto e o verde,
Maior emblema que pode ser declarado,
A mais brilhante já vista.

Quando o mal for rompido, a terra vai tremer,
Nem oceanos, mares, nem lagos estarão a salvo,
O nosso sofrimento foi muito longo, nosso choro subiu até o trono de Deus;
Temos contados diversos erros, e apelamos por uma mudança efetiva.

Então, Senhor, deixe-nos ir para a batalha, com a Cruz na frente;
Os Anjos, grandiosos, de alto a baixo, assistir para sempre
Vamos ver nossos inimigos sucumbirem, ver suas fileiras se dividirem
Porque com Deus não há qualquer obstáculo que não possa ser ultrapassado, Ele provém a vitória.

Todos os filhos de Deus, seja na angústia ou nos castigos,
Não importa onde, com misericórdia, Seu amor está lá;
Então dai-nos coragem para alegres cantar louvores ao Rei,
O Salvador, Cristo, o Senhor, é Ele, de quem os anjos trazem boas novas

OH, África, vitoriosa! Veja, o inimigo vai cair!
O Cristo e Simão levar-nos-ão a vestir a coroa triunfante;
Jesus, lembramos com carinho o sacrifício da cruz,
Então levantamos as nossas bandeiras para nunca mais sofrer.

E então a guerra está finalizada, a vitória é nossa,
Esmagada uma desculpa curvada, como morta, flores caídas
Assim, estabelecer os homens orgulhosos do dia para sempre
Onde os demônios nunca dizem a Deus, “Nós vamos entregar.”

Branco e Preto

Outubro 31, 1927

O homem branco prendeu os pretos como escravos,
E sangrado suas almas em morte viva;
Bispos e padres, e reis, eles mesmos,
Pregaram que a lei era direita e justa;
E assim os povos trabalham e morrem,
E desintegrados na poeira material.
Bom Deus! O esquema é apenas o mesmo
Hoje, entre o preto e branco
Raças dos homens, que galopam após a fama.
E não se pode mudar este algo ensangüentado,
E faça as pessoas brancas enxergarem a verdade
Que os pretos devem ser seu rei,
não branco, mas de seu labor
para governar eles mesmos sua nação?

Mãe Preta

Onde posso encontrar o amor que nunca muda
Sorrisos que são verdadeiros e sempre os mesmos,
Afetuosa não como os estrondos intensos das tempestades,
Disposta sempre a proteger meu honrado nome?
Isso eu encontro em casa, apenas com a Mãe,
Que se importa comigo com ternura paciente;
Ela a cada dor humana preferiria
Salvar-me, e beber a escória da amargura.
Se nos caminhos da vida por acaso tropeçar,
Meus verdadeiros pensamentos devem ser da querida Mãe,
Ela é a rocha que jamais tem rachaduras,
O choro de sua criança, seja longe ou perto.
Esse é o amor maravilhoso sem comparação;
É o melhor dom de Deus para homem mortal;
Você, que conhece a Mãe, deve compartilhar desse pensamento,
Para ela, de todos, é o Anjo do seu Clã.
Minha Mãe é preta, mais encantadora de todas
Sim, ela é tão pura como a nova aurora;
Sua canção de alegria é um claro apelo rítmico
Destes braços de amor do qual eu nasci.
Eu nunca esquecerei você, doce Mãe,
Não importa por onde eu possa vim a vagar
Tu serás sempre uma Charmosa Fada
Para trazer os meus caros pensamentos de volta para as coisas do lar.

Rainha Preta

Oh Bela Rainha Preta, és tu que dá cor para o mundo!
Entre as mulheres és real e Justa!
És como a mais brilhante das jóias,
És tu, Deusa da África, pura por natureza!
Os homens Pretos cultuam em teu virgem santuário de amor,
Porque nos teus olhos estão as virtudes e marcas de uma santa,
Virtude jamais vista em outra mulher, Vestida de seda ou Linho,
Da antiga Vênus, à Deusa mítica Helen.
Quando a cabeça do Ancião se situava na Nação Africana,
Deuses ti guiaram para terras estrangeiras, mas sempre a ti cuidar:
Em um lar honroso, todo perfumado,
A ti reclinou-se, em teu caminho, doces e perfeitas flores foram
colocadas, para que tu florescesse.
Tua maravilhosa beleza faz o mundo enlouquecer,
Trazendo as lágrimas a Salomão, enquanto vislumbrava teu semblante;
Antônio e César, o ancião, choraram aos teus pés,
Preferindo a morte a deixar tua presença.
Tu, em todas as épocas, atraiu o mundo,
E causou em muitos uma sangrenta dor, por ter a ti tentado:
Logo tu que tens exaltado e implorado eminência,
Lutando e defendendo o mundo Africano.
Hoje tu tens sido destronada, através da fraqueza de teus homens,
Embora, em frenesi, todos aqueles que à tua frente estão se obriguem
a sorrir -
Aqueles que estavam entre os monstros não poderiam entender teu
amor -
Assim insultaram teu orgulho atacaram tua boa virtude.
Devido à desunião tu ti tornas-te mãe do mundo,
Deu cor para os cinco continentes,
Tornando o mundo com mais de milhões de cores e raças,
Cuja beleza é refletido através de tua Negritude.
Desde o mais belo indiano à morena européia,
Devem o crédito a tua ensolarada beleza
Que ninguém pode tomar de ti, Oh Rainha de todas as mulheres
És tu que guarda o fardo dos problemas raciais.
Mais uma vez lutaremos e conquistaremos a África para ti,

Restaurando a pérola e a coroa da orgulhosa Rainha Sheba:
Sim, pode significar sangue, pode significar a morte; mas
ainda assim vamos lutar,
Vamos à Vitória, homens africanos.
Anjos Superiores semelhantes a ti reinam no céu,
Porque és a justa rainha das estações, rainha de todo amor:
Nenhuma condição deve fazer-nos esquecer-te,
Pois és tu a Deusa desta terra verde e deste mar azul.

Pois Ele é Deus

As Eternas montanhas são verdes em terras tropicais,
E neves, brancas em zonas temperadas,
Em épocas do ano, quando a natureza fala,
A maioria das mudanças ocorrem, como areias do oceano:
Os planetas e seus sóis revelam uma força
as regras da sua poderosa mudança de tempo -
Este tempo que não teve começo do dia
O tempo que corre todo o seu curso
Todo Poderoso Deus é Mestre sobre tudo
Os montes e vales culminantes, também;
Os oceanos se movem à Sua eterna vontade,
E dessa forma a esfera terrestre,
Quando a natureza muda de humor a humor
E pardais caem, e homens morrem
Só Deus quem sabe o mistério da arte
A arte da vida, o alimento vivo.
Nenhum homem pode morrer,
nem nenhuma montanha pode nunca se mover
Nem mesmo estações vêm e vão voando
Sem o conhecimento do Poderoso Senhor
Que segura o Universo no arvoredo;
A mente finita dos homens devem sempre saber
Que O Deus Supremo é realmente Rei:
A verdadeira sabedoria nós devemos procurar eternamente
E em Sua Graça crescer diariamente
Pois Ele é Deus, e Deus é Deus
E demais deuses jamais serão Deus

Coroação da Santíssima Trindade

No último domingo, uma grande cerimônia tomou conta de Addis Ababa, capital da Abissínia. Foi a coroação do novo Imperador da Etiópia - Ras Tafari. Através de relatos e especulações, a coroação foi uma cena de grande esplendor, e será por muito tempo lembrada por aqueles que estiveram presentes. Muitas das principais nações da Europa mandaram representantes para a coroação, deste modo, mostrando respeito a uma nação Negra em ascensão que é destinada a ter um grande papel na futura história do mundo. A Abissínia é a terra dos Negros e nós ficamos felizes a saber que mesmo que os Europeus tenham tentado convencer os Abissínios que eles não pertencem à Raça Negra, eles aprenderam a pagar na mesma moeda, afirmando que são Negros e orgulhosos disso.

Ras Tafari viajou para a Europa e América e portanto não é estranho à hipocrisia e aos métodos europeus, assim sendo, deve ser reverenciado como um Imperador moderno, e do que compreendemos e entendemos dele, ele pretende introduzir sistemas e métodos modernos no seu país. Ele já está recrutando de diversas partes do mundo, homens competentes de diversas áreas da ciência para ajudá-lo a desenvolver seu país para a posição que deve ocupar entre as outras nações do mundo.

Nós esperamos que Ras Tafari tenha a vida longa para realizar suas maravilhosas intenções. Do que nós ouvimos falar e do que nós sabemos, ele está pronto e disposto a estender a mão e convidar qualquer Negro que deseje se estabelecer no seu reino. Nós sabemos de vários que foram para a Abissínia e que têm dado bons relatos das grandes possibilidades que lá existem, as quais eles estão se esforçando para alcançá-las.

O Salmista profetizou que príncipes saíram do Egito e que a Etiópia estenderia suas mãos a Deus. Nós não temos dúvida que chegou a hora. A Etiópia está agora realmente estendendo suas mãos. Este grande reino do Leste foi escondido por vários séculos, mas gradualmente está crescendo para tomar uma posição de liderança no mundo e é tarefa para nós da Raça Negra, devemos ajudar de todas as formas sustentar a mão do Imperador Ras Tafari.

(Artigo publicado no sábado, 08 de Novembro de 1930, no jornal *The Blackman*)

Deus

(Vida e Lições)

Existe um Deus e nós acreditamos Nele. Não é uma pessoa, nem um ser físico. Ele é um espírito e Ele é a inteligência universal. Nunca neguem a existência de Deus. Deus sendo a inteligência universal criou o universo a partir dessa inteligência. É a inteligência que cria. O homem faz parte da criação da inteligência universal e foi criado à imagem e semelhança de Deus, apenas por essa inteligência. É a inteligência do homem que é como Deus, mas a sua inteligência é apenas uma partícula unitária da inteligência universal de Deus.

Deus, a partir da sua inteligência universal, fez a matéria e fez a mente. Essa matéria é feita por Deus e o homem é matéria e também mente, portanto o homem deve ser à imagem de Deus, pois nada pode existir sem Deus. Tal como Deus fez o universo com sua inteligência universal ou conhecimento, também o homem, com a sua inteligência unitária pode fazer máquinas de escrever, automóveis ou cadeiras, mas não pode fazer o universo pois a sua inteligência unitária não é tanta nem tão grande quanto a inteligência universal. Todas as inteligências unitárias do universo compõem Deus que é o conjunto de toda a inteligência, portanto, nenhum homem pode ser tão grande quanto Deus, pois ele é apenas uma unidade e Deus é o todo.

Nenhum homem pode, pois, medir ou questionar Deus, uma vez que ele não é tão inteligente quanto Deus e, conseqüentemente, não pode compreendê-lo. É presunçoso o questionamento de Deus pelo homem, a partir de sua inteligência unitária.

O homem nunca morre. Nada morre. O homem é feito de corpo e espírito. O espírito é Deus. É a inteligência. O corpo do homem é a matéria. Este muda de matéria viva no homem para outra matéria no solo. É sempre a mesma matéria. Não morre no sentido no qual nós entendemos a morte. Altera-se. Quando uma pessoa adormece e nos deixa, ela vai para a terra que perdura e donde irão ser formados outros homens e outras coisas. Toda a matéria está relacionada, portanto, o homem está relacionado à Terra e a Terra ao homem. Nós comemo-nos a nós próprios vezes sem conta. Quando comemos a maçã, a banana, o figo, a uva, quando bebemos a água, estamos-nos a comer-nos e a bebermo-nos eternamente. Isto significa que nada se perde e nada morre. Deste modo, não tenham medo da morte, pois aquilo a que

designamos de “morte” é apenas “mudança” e todos continuamos no universo, quer seja no espírito em Deus, para onde nossos espíritos vão depois da mudança, ou como matéria que perdura para sempre.

Estamos relacionados com a flor, com a bonita rosa, com as árvores, com os peixes e com os outros animais, tal como estamos relacionados com Deus.

Todos nós surgimos de Deus, que é a inteligência universal. Não sejam mais covardes do que a rosa, a maçã, o coco, a ovelha, o peixe ou a vaca que fazem aquilo que todos devem, aquilo a que chamamos de morte, morrer. Se forem chorar pela morte, então a rosa devia chorar pela morte. Se chorarem serão covardes. Morram como homens, pois não estão de todo perdidos, aqui ainda estão. Apenas choram porque são glutões, porque pensam que não vão ter mais nada para comer e beber, nem tempos alegres. Tal como se têm vindo a alimentar das coisas e de outros seres que vieram aqui perante vocês, também outro alguém tem de se alimentar de vocês para que a criação seja verdadeira. Caso contrário, Deus não seria justo para tudo e todos, e Deus é justo e imparcial e não olha a pessoas ou coisas.

Homem conheça a ti mesmo

Para um homem conhecer a si mesmo é preciso que ele saiba que não há um mestre humano. Para ele a Natureza é sua serva, e tudo aquilo que ele desejar na Natureza ele receberá. Se ele deseja ser um pigmeu, um servo ou um escravo ele assim será. Se ele deseja ser um homem real, em posse das coisas comuns ao homem, então ele será seu próprio soberano. Quando o homem falha ao compreender sua autoridade, ele se rebaixa ao nível dos animais irracionais, e tudo aquilo que o homem real oferecer, mesmo pertença aos animais irracionais, ele aceitará. Se ele disser “vai”, ele vai. Se ele disser “vem”, ele vem. Por este comando, ele desempenha as funções da vida da mesma maneira que, através de um comando similar, a mula, o cavalo e a vaca executam o desejo de seus senhores.

Pelos últimos 400 anos, o Negro tem estado na posição de ser comandado, da mesma maneira que os animais irracionais são controlados. Nossa raça tem estado sem uma vontade, sem um propósito próprio, durante todo esse tempo. Por causa disso, nós desenvolvemos poucos homens capazes de entender o ardor da era em que vivemos. Onde podemos encontrar nesta nossa raça homens verdadeiros? Homens de caráter, homens com determinação, homens confiantes, homens de fé, homens que realmente conhecem a si mesmos. Eu tenho me deparado com tantos fracos que se consideram líderes e que, ao examinar, descobri que eles não são nada além de escravos de uma classe mais nobre. Eles executam a vontade de seus senhores, sem questionar. Para mim, o homem não tem outro senhor além de Deus. O homem na sua autoridade é um senhor soberano. E isso vale tanto para o homem individual como para a raça individual. Este sentimento faz o homem tão corajoso, tão ousado, que se torna impossível para seu irmão se intrometer em seus direitos.

Tão poucos de nós podem entender o que é preciso para fazer um Homem – o homem que nunca vai dizer “morrer”; o homem que nunca vai desistir; o homem que nunca vai depender dos outros para fazer para ele o que ele deve fazer para si mesmo; o homem que não vai culpar Deus; o homem que não vai culpar a Natureza; o homem que não vai culpar o Destino por sua condição; mas o homem que vai sair e fazer com que as condições se adaptem a ele. Oh, quão repugnante a vida se torna quando em cada lugar você escuta pessoas (que tem sua imagem,

que tem sua semelhança) dizer que eles não podem fazer nada, que o Destino está contra eles, que eles não podem aproveitar as oportunidades.

Se 400 milhões de Negros pudessem somente conhecer a si mesmos, saber que neles há uma força soberana, uma autoridade absoluta, então nas próximas vinte e quatro horas nós teríamos uma nova raça, nós teríamos uma nação, um império – ressurgido não pela vontade dos outros de nos ver crescer – mas por nossa própria determinação para crescer, independente do que o mundo pensa.

Uma mensagem de Natal para o povo Negro do mundo

Dezembro 1921

Companheiros da raça Negra, saudações.

A nós é nascido neste dia o Menino Jesus – o Cristo.

Os Pastores e homens sábios estão agora seguindo seu caminho até Belém para presenciar a Maravilha de Deus, porque, ali na manjedoura, se encontra o Bebê Cristo, o qual será o Redentor do mundo.

E assim nossos pensamentos voltam mais de 1900 anos atrás. Nós escutamos o grito “Hosana nas Alturas, abençoado é Ele que vem em nome do Senhor.”

Com todos os preparativos, a raça humana está dando as boas vindas ao mundo à Cristo, que vem para redimir-nos, mas nós ainda nos encontramos em confusão, ainda brigando, ainda explorando, ainda sem piedade e atacando uns aos outros. Mas nesta manhã de Natal nós, todos os membros e irmãos desta grande família humana, não devemos esquecer nossas diferenças, e em um glorioso coro cantar pelo mundo “Paz, Perfeita paz?”

Cristo morreu para libertar a Humanidade

Quando nós consideramos a Irmandade do Homem e a Paternidade de Deus, e que esse Menino de nossa própria carne, do espírito do Grande Criador, foi enviado para nos unir e nos aproximar do nosso Pai comum, ainda assim, nós não admitiremos pela razão de existirem diferenças, mas muito pequenas entre nós, o que nós ganhamos lutando a batalha de homens contra homens? Absolutamente nada mais do que a morte; e não foi este Menino Jesus quem foi enviado a este mundo para nos ensinar a nova vida, a vida do Amor, a Caridade, a Vida de Misericórdia? Que exemplo mais grandioso nós desejamos do que Ele ter dado Sua própria vida? Ele sofreu, Ele morreu para que outros pudessem ser livres. Ainda assim, Ele carregou a cruz diante de nós; ainda assim Ele morreu no Monte do Calvário para fazer-nos livres; ainda assim, superou a morte, a tumba e o inferno para demonstrar-nos que a nova vida é possível para um e para todos, mas ainda nós não saímos dos passos do pecado para entrar na glória do Seu Eterno Reino.

O Espírito de Natal. Ao invés de projetar uma carreira de pecados, nesta Manhã de Natal, nós não deveríamos elevar nossos pensamentos para o grandioso e nobre Pai, quem nos trouxe neste dia Seu Filho Real, o qual o fez nosso irmão, e pediu a Ele que abençoasse a cada um e todos, para que nossos corações pudessem ser tocados com o verdadeiro espírito da primeira manhã de Natal? Esse primeiro dia no estábulo de Belém foi o sinal luminoso de uma nova esperança nascida, pelo nascimento do Príncipe da Paz, que veio a nós em uma era de graça espiritual, que, no seu curso, buscou conectar os homens mais próximos com seu Deus, e ao passar dos anos, mais de 1900 anos, nós tentamos pregar Ele como Ele pregou para nós na Sua inocência, Seu Amor e na Sua Caridade.

Cristo trabalhou durante 33 anos para nos ensinar o caminho da glória, mas no Seu caminho de homem, seus irmãos buscaram a vida que Ele não poderia dar, e O perseguiram, O ridicularizaram, O zombaram, e por último O crucificaram. Mas enquanto que isso foi físico na morte de Cristo, o espírito continuou, e da terra tomou seu vôo para o céu, e dali, provavelmente por toda a eternidade, olhar sobre os pecadores, mundo perverso, e ainda mostrar as bênçãos que nós realmente necessitamos.

Nós nunca teremos sucesso em tirar o Espírito de Cristo do mundo, porque, em alguns de nós, ainda existe uma faísca de amor, caridade e misericórdia que nos une a nosso Deus. Mas nós não deveríamos pedir ao Grande Onipotente, o Grande Criador, nosso Pai Eterno, que envie mais uma vez ao mundo, exatamente nesse tempo e, oh, como nós oramos que fosse nessa manhã de Natal, nosso irmão Cristo, para que assim Ele possa acalmar as brutais tempestades e verdadeiramente verter Suas bênçãos sobre um mundo corrupto, uma raça humana desalmada, e nos tornar súditos adequados para a Vida Eterna?

Louvem o Rei recém-nascido!

Assim, junto com os anjos, permitam-nos cantar “Louvem ao Rei recém-nascido, o Príncipe da Paz, Louvem ao Filho de Retidão, pois contigo há vida, sem Ti há morte”. Porque Tu morreu sobre o Monte do Calvário para fazer-nos bem, para redimir-nos de nossos pecados, nós não poderíamos ter esperança que esse amor continue neste dia? E Ti conhecendo em teu generoso amor para com toda a humanidade, não

poderíamos ainda mais pedir que Teu Espírito ilumine nossos corações e nos traga hoje, pelo toque de Tua graça, o conhecimento da sempre vivente Irmandade do Homem e a Eterna Paternidade de Deus?

Como os anjos agora regozijam no céu por esse nascimento, então nós regozijamos na terra, 400 milhões de nós, que somos membros da raça Negra, sentimos que Tu és o nosso Rei, que Tu és o nosso Salvador, que hás de ser nosso Emanuel. Nós Te amamos porque Tu és o Filho de Deus. Nós Ti louvamos, Ti veneramos e Ti adoramos porque Tu és o Príncipe da Paz.

O Príncipe da Paz nos guia hoje

Deixe os outros no seu pecado, na sua maldade procurar depois a Vida da criança que Tu destes a toda a humanidade. Nós, em nossa simplicidade, encontraremos refúgio em Ti inclusive na Terra do Egito. Sim, o mundo de pecado, onde os homens maus gritavam “Crucifiquemo-nos!”. Mas Senhor, por Tu ser nosso Professor, por Tu ser nosso Príncipe da paz, por Tu ser Nosso Redentor, nós renderemos a Ti toda ajuda possível, inclusive em carregar a Cruz até a altura do Calvário, pois em vida Tu foi nosso amigo; em morte nós sabemos que Tu certamente se lembrará de nós, e agora que Tu estas sentado no lado direito de Deus, o Pai, agora que Tu conquistou a morte, o túmulo e o inferno certamente, em Tua misericórdia, Tu ti lembrará de nós. Então hoje embora centenas de anos tenham se passado desde Tua crucificação, nós sabemos que existe em Teu coração, existe em Tua alma um local aquecido para os Filhos e Filhas de África que no passado carregaram a cruz para Ti até as alturas do Calvário na Sua crucificação.

Nós cantamos e gritamos com os anjos, nós tocamos nossos sinos de alegria, nós tocamos nossas buzinas em prece porque Tu é de fato o Jesus, O Cristo, o Emanuel conosco, o Filho da Retidão, o Príncipe da Paz.

Como filhos e filhas da África, não poderão 400 milhões de nós ao redor do mundo, nesta manhã de Natal, orar pela Redenção da Terra Mãe que abrigou nosso Redentor Abençoado quando os selvagens e malvados homens do mundo buscaram Sua vida; da mesma maneira que os selvagens e malvados homens buscam a vida dos Negos hoje em dia, e os queimam, lincham e matam porque eles não têm a força que torna o homem poderoso. Mas com o Todo-Poderoso Poder de Deus e com a guia e misericórdia do nosso Abençoado Senhor nós sentimos que um

dia a Etiópia estenderá suas mãos, e já será em sua segunda vinda e depois nós todos cantaremos nossas Hosanas, cantaremos nossas preces a Deus pela liberdade, pela libertação e pela vida.

“de Maria nasceu Cristo.

E reuniu todos acima

Enquanto dormem os mortais, os anjos guardam

Seu sentinela e maravilhoso amor

Oh estrelas da manhã, juntas

Proclamem o sagrado nascimento

E cantem preces para Deus nosso Rei,

E paz para os homens da terra.”

A Verdadeira Arte de Amar

Nunca te apaixonas ao ponto de perder controle de ti mesmo. Se assim o fazes, ti converterá em escravo da outra pessoa, e essa experiência por certo fará que percas teu melhor caráter.

Nunca ames a uma pessoa mais por sua aparência física ou personalidade. Primeiro investiga o caráter, disposição, temperamento, conduta e pensamento da pessoa, e quando encontrases essa pessoa, junto com uma boa aparência física, todas as qualidades, ou as maiores possíveis para lhe satisfazer e lhe fazer feliz ao longo da vida, então ama a essa pessoa.

Quando amas a alguém pelas qualidades que tu crê essa pessoa possuir, e essas qualidades não estão plenamente desenvolvidas, ajuda a essa pessoa a desenvolvê-las.

É melhor esperar encontrar a pessoa com a maioria das qualidades que te agradam do que apressar-se em amar por um mínimo dessas qualidades. Apenas supere a tua paixão, todavia continuarás buscando aquelas outras qualidades, as buscarás então em outro lugar e romperás tua felicidade.

Não ponhas tua divina confiança no amor humano, porque o homem é mal e susceptível a mudar.

Nunca ames alguém por companhia, ao menos que essa pessoa tenha a maioria das qualidades que tu gostas e aprecias.

O Negro tem amado inclusive sob severos castigos. Na escravidão o Negro amou a seu mestre, manteve a sua casa, inclusive quando planejavam escravizá-lo. Não somos uma raça de ódio, mas sim amantes da causa humana.

Que os Negros se amem uns aos outros foi um de meus maiores objetivos. Graças a Deus tenho conseguido atingir que 11 milhões conheçam a arte do verdadeiro amor, ambição pessoal e orgulho pessoal. Não é sua falha odiar a seu próprio irmão, é falha de outra pessoa que o ensinou a odiar inclusive a tua própria mãe que lhe trouxe a este mundo, para que se convertam em um grupo desorganizado. Devem ser removidos agora desse abrigo de ódio que está fora de moda e cultivar entre vocês verdadeiro amor, verdadeira camaradagem, ambição pessoal, orgulho pessoal, respeito pessoal, e quando tiverem feito isso, o mundo ao seu redor os respeitará.

(1928)

A fonte de todo o pensamento é o amor – Amor Divino; e como poderemos levantar-nos a uma mais elevada e nobre altura sem emanar esse amor, inclusive no limite humano? É a posse e execução desse amor que faz o homem Negro pensar amavelmente inclusive de um mundo ofensivo. Estes são os pensamentos que inspiram bondade Divina com paciência, sem resistência dos vícios e pecados dos homens. (1932)

Inteligência, Educação, Conhecimento Universal e como conseguir isso

(Vida e Lições)

Nunca debes deixar de aprender. Os maiores homens e mulheres do mundo foram pessoas que educaram a si mesmas fora das universidades, com todo o conhecimento que a universidade dá, e tu tens a oportunidade de fazer o mesmo que os estudantes da universidade fazem: ler e estudar.

Primeiramente, nunca debes deixar de ler. Leia tudo o que possas que seja de conhecimento padrão. Não desperdices teu tempo lendo literatura suja. Quero dizer, não preste atenção nos romances de dez centavos, histórias de velho oeste, nem livros sentimentais baratos. Mas aonde tem uma boa trama e uma boa história em forma de romance, leia. É necessário lê-la com o propósito de obter informação sobre a natureza humana. A idéia é que a experiência pessoal não é o suficiente para um ser humano, para obter todo o conhecimento útil da vida, porque a vida individual é muito curta, assim devemos alimentarmos da experiência de outros. A literatura que lemos deve incluir a biografia e autobiografia de homens e mulheres que alcançaram grandeza em sua trajetória pessoal. Sempre que puder comprar esses livros e possuí-los, quando os ler, faça anotações com lápis ou caneta das frases importantes e parágrafos que gostarias de recordar, assim quando tiveres que retornar ao livro, por algum pensamento que gostaria de refrescar tua mente, não terás que ler o livro inteiro.

Deves ler a melhor poesia para obter a inspiração. Os poetas padrão têm sido sempre os maiores inspirados criadores. De uma boa linha de poesia, poderias obter a inspiração para o percurso de sua vida. Muitos grandes homens e mulheres foram inspirados primeiramente por uma linha atrativa ou verso de poesia.

Há poetas bons e poetas ruins, assim como há bons romances e romances ruins. Selecciona sempre os melhores poetas para teu impulso inspirador.

Leia história incessantemente até que a domines. Quer dizer, tua própria história nacional, a história do mundo, história social, história industrial, e a história das diferentes ciências; mas primeiramente a história do homem; se tu não sabes o que aconteceu antes que vieste

aqui e o que está acontecendo no tempo em que vives, longe de ti, não conhecerá o mundo e será um ignorante do mundo e da humanidade.

Somente poderá fazer o melhor da vida ao conhecê-la e compreendê-la; para conhecê-la deve submeter-te à inteligência de outros que vieram antes de ti e têm deixado seus registros.

Para ser capaz de ler com inteligência, deves primeiramente ser capaz de manejar o idioma de teu país. Para fazer isto, deves estar bem informado de sua gramática e da ciência dela. A cada seis meses, deves ler mais sobre a ciência da linguagem que falas, para assim não se esquecer de suas regras. As pessoas ti julgam por tua escrita e pelo teu falar. Se falas e escreves incorretamente, eles subestimam tua inteligência; e se falas mal e incorretamente, aqueles que ti ouvem, se repugnam e não prestam muita atenção em ti, mas em seus corações rirão pelas tuas costas. Um líder, aquele que deve ensinar aos homens e apresentar qualquer fato de verdade ao homem, deve primeiro ser douto em seu tema.

Nunca leias ou escrevas acerca de um tema do qual não conheces nada, pois sempre haverá alguém que conhece sobre o tema em particular para rir de ti e fazer-te uma pergunta embaraçosa que pode fazer outros rirem de ti. Podes conhecer sobre qualquer tema sob o sol lendo sobre ele. Se não pode comprar os livros logo e possuí-los, vá as bibliotecas públicas lê-os ali, ou peça emprestado, ou una-te a alguma biblioteca circulante em um distrito ou povoado para obter o uso destes livros. Deves fazer isso para que possas referir-te a eles para informação.

Deves ler ao menos quatro horas por dia. O melhor horário de leitura é à tarde, depois que sair de seu trabalho e descansado, e antes das horas de sono; mas faça-a antes da manhã, de forma que o que leu se converta ao teu subconsciente. Quer dizer, plantado em tua memória. Nunca vá para a cama sem fazer alguma leitura.

Nunca mantenha a constante companhia de alguém que não sabe tanto como tu, ou não é tão educado como tu, e de quem não possas aprender algo, ou corresponder ao teu conhecimento, especialmente se essa pessoa é iletrada ou ignorante, pois a constante associação com tais pessoas te resultará a ser levado para dentro da cultura peculiar ou da ignorância dessa pessoa. Sempre trata de associar-te com pessoas com quem possa aprender algo. O contato com pessoas cultas e com livros é a melhor companhia que podes ter e conservar.

Lendo bons livros, manténs a companhia dos autores e dos temas do livro, quando não podes encontrá-los de outra maneira no contato social da vida. NUNCA DESÇA À INTELIGÊNCIA daqueles que estão abaixo de ti, mas, se possível, ajuda a levantá-los a teu nível e sempre trata de superar aqueles que estão sobre ti e ser igual, com a esperança de ser seu mestre.

Continua sempre na busca daquilo que desejas educacionalmente, culturalmente, e nunca desista até que tiveres alcançado o objetivo. Tu podes alcançar o objetivo se outros o fizeram antes de ti; provando eles, ao fazer isso, que é possível.

Em teu desejo de alcançar grandeza, debes primeiro decidir, em tua própria mente, em que direção desejas buscar tal grandeza, e quando tiver decidido em tua própria mente, trabalha incessantemente para isto. Algo em particular que tu possas querer deve estar diante de ti todo o tempo, e tudo quanto for preciso para obtê-lo ou torná-la possível deve ser realizado. Usa tuas faculdades e persuasão para alcançar tudo o que determines em tua mente.

Nunca trates de repetir a ti mesmo em algum discurso uma e outra vez a mesma coisa exceto quando está elaborando novos pontos, pois a repetição é cansativa e incomoda aqueles que ouvem a repetição. No entanto, trate de possuir tanto conhecimento universal que seja possível através da leitura, para assim ser capaz de liberar-te da repetição, ao tratar de conduzir a um ponto.

Ninguém está muito velho para aprender. Por tanto debes tomar vantagem de cada facilidade educacional. Se escutaste que um grande homem ou mulher vai dar uma conferência ou falar em tua cidade sobre um certo tema e a pessoa é uma autoridade no tema, sempre há tempo para ir e escutá-lo. É isso que se quer dizer com aprender com os outros. Deves aprender os dois lados de cada história, para assim ser capaz de debater apropriadamente uma pergunta e manter tua causa com o lado que apóias. Se tu só conhece um lado da história, não poderá discutir inteligentemente nem efetivamente. Como por exemplo, para combater o comunismo, debes conhecer acerca deste, de outro modo as pessoas tomarão preeminência de ti e ganharão uma vantagem sobre tua ignorância.

Qualquer coisa que vás desafiar, debes primeiro conhecer acerca dela, para assim ser capaz de derrotá-la, no momento em que for ignorante sobre algo, a pessoa que tiver inteligência dessa coisa ti derrotará. Portanto, obtém conhecimento, obtém-no rápido, obtém-no

estudiosamente, mas obtenha-o de qualquer modo. Conhecimento é poder. Quando conheces uma coisa e podes sustentar teu fundamento sobre essa coisa e ganhar sobre seus oponentes com relação a essas coisas, aqueles que te ouvem aprendem a ter confiança em ti e confiarão em tua habilidade.

Nunca, portanto, intente contra algo sem ser capaz de defender-te nisto, pois cada vez que és derrotado perde teu prestígio e não és tão respeitado como antes.

Todo o conhecimento que queiras está no mundo, e tudo o que tens que fazer é ir buscá-lo, e não parar até que o tenhas encontrado. Podes achar o conhecimento ou a informação acerca dele nas bibliotecas públicas, se não está em tua própria biblioteca. Trata de ter um livro, e possuí-lo, sobre cada pequeno conhecimento que tu queiras. Geralmente podes conseguir estes livros nas bancas de segunda mão, às vezes por um quinto do preço original.

Sempre tenha uma prateleira bem equipada de livros. Quase toda a informação sobre a humanidade pode ser encontrada na Enciclopédia Britânica. Este é um conjunto de livros caro, mas trata de obtê-los. Compra uma edição completa para ti e mantenha em tua casa, e quando estiver com dúvida sobre algo vá a ela e o acharás ali.

O valor do conhecimento é usá-lo. Não é humanamente possível para uma pessoa deter todo o conhecimento do mundo, mas se uma pessoa sabe como buscar todo o conhecimento do mundo, ele o achará quando quiser.

Um médico ou advogado, mesmo quando aprovado em seu exame na universidade, não conhece todas as leis e não conhece todas as técnicas da medicina, mas têm o conhecimento fundamental. Quando quer um tipo particular de conhecimento ele vai buscar em seus livros médicos, ou em seus livros de lei, ver a referência a uma lei particular, ou como usar uma receita de medicina. Tu deves, portanto, saber onde achar tuas coisas e usá-las como queira. Ninguém saberá de onde obteve, mas terás as coisas, e, ao usá-las corretamente, eles pensarão em ti como uma pessoa maravilhosa, um grande gênio, e um líder confiável.

Na leitura não é necessário ou obrigatório que concorde com tudo que lês. Deves sempre ler e aplicar teu próprio raciocínio ao que tens lido baseado no que já conheces no que toque aos fatos do que está lendo. Tire conclusões acerca do que lês baseado nos fatos. Quando digo fatos, quero dizer coisas que não podem ser disputadas. Pode ser que tenhas lido pensamentos que já são velhos, e opiniões que são

velhas e tenham mudado desde que foram escritas. Deves sempre buscar, para achar os últimos fatos sobre esse tema em particular, e somente quando estes fatos são consistentemente sustentados no que lês, deverás estar de acordo com eles. De outro modo estás intitulado em tua própria opinião.

Sempre tenha o conhecimento da data. Podes reunir isto dos últimos livros, e as últimas publicações, jornais e revistas. Lê tua revista diária a cada dia. Lê uma revista mensal culta a cada mês, uma revista a cada trimestre e assim achará o novo conhecimento do ano inteiro além dos livros que lês, cujos fatos não se alteraram neste ano. Não mantendas velhas idéias, enterra-as, enquanto chegam as novas.

Como ler (Vida e Lições)

Utilize cada minuto que tiver livre lendo. Se você for sair de viagem que lhe tomará uma hora leve algo pra ler nesta hora até você chegar no lugar aonde for. Se estiver sentado esperando alguém, tenha algo no bolso para ler até que a pessoa chegue. Não desperdice tempo. Cada momento que você pensar que possa ter para desperdiçar, leia algo. Leve contigo um pequeno dicionário de bolso e estude palavras enquanto espera ou viaja, ou um pequeno volume sobre um determinado assunto. Leia pelo menos um livro por semana, separado e distinto de seus jornais e revistas. Isto significará que no final de um ano terá lido sobre 52 diferentes assuntos. Depois de cinco anos terá lido 250 livros. Então, poderá ser considerado um bom leitor ou uma boa leitora e haverá uma grande diferença entre você e uma pessoa que não tiver lido nenhum livro. Será considerado inteligente e a outra pessoa será considerada ignorante. Você e essa pessoa portanto estarão vivendo em dois mundos diferentes: um no mundo da ignorância e outro no mundo da inteligência. Nunca te esqueça de que a inteligência governa o mundo e a ignorância carrega fardos. Dessa forma, afaste-se o mais longe possível da ignorância e busque o máximo possível ser inteligente.

Sendo sua linguagem o Inglês, deve estudar a língua inglesa minuciosamente. Para conhecer a língua inglesa totalmente tem que ter conhecimento do Latim, porque a maioria das palavras do Inglês são de origem Latina. Também é aconselhável que conheça a linguagem francesa, porque a maioria dos livros que lê em Inglês têm frases e palavras francesas ou latinas. É inútil ler uma página ou parágrafo de um livro, ou mesmo uma frase sem compreendê-la. Se tiver palavras estrangeiras nele, antes que passe sobre elas, deve ir ao dicionário, se você não conhece o significado. Nunca passe por cima de uma palavra sem conhecer seu significado. O dicionário e os livros de construção de palavras, os quais podem ser obtidos de vendedores de livros, podem ajudar bastante.

Conheço um menino que era ambicioso em aprender. Ele não teve a oportunidade de uma educação escolar inicial, porque tinha que trabalhar dez horas por dia, mas ele determinou que aprenderia, e então ele levou consigo para seu local de trabalho todos os dias uma gramática simplificada, e ele lia e memorizava as passagens e as normas da

gramática no trabalho. Depois de um ano, ele era quase um especialista na gramática de sua língua. Ele conhecia as diferentes partes do discurso, ele podia parafrasear, analisar e construir sentenças. Ele também levava consigo um dicionário de bolso e ele escrevia mais de 25 palavras com seus significados todos os dias e estudava estas palavras e seus significados. Depois de um ano, ele tinha um vocabulário com mais de três mil palavras. Ele continuou fazendo isso por vários anos e quando ele se tornou um homem ele tinha um vocabulário a sua disposição de mais de quinze mil palavras. Ele se tornou um autor, porque ele podia escrever na sua língua, pois tinha o poder da palavra. O que ele escreveu foram suas experiências e ele as registrou com as melhores palavras de sua linguagem. Ele não era capaz de escrever apropriadamente na mesma idade, e então ele levou consigo o que na escola é chamado livro de cópias, e ele praticou a cópia de letras até que foi capaz de escrever com uma mão muito boa. Ele naturalmente se tornou conhecedor de literatura e assim continuou lendo extensivamente. Quando ele morreu, ele era um dos maiores escolares que o mundo já conheceu. Aplique essa história a você mesmo.

Não há nada no mundo que você queira que não possa ter, desde que seja possível na natureza e os homens já tenham alcançado antes. Os maiores homens e mulheres do mundo queimaram o lampião da meia-noite. Quer dizer, quando seus vizinhos e as pessoas de sua casa já foram pra cama, eles estão lendo, estudando e pensando. Uma repetição diariamente disso levará eles a frente e acima de seus vizinhos e pessoas de sua casa. Pratique esta regra. É sábio estudar dois assuntos por vez. De acordo com o interesse um pouco de geografia, um pouco de psicologia, um pouco de ética, um pouco de teologia, um pouco de filosofia, um pouco de matemática, um pouco de ciência em que um pouco de educação acadêmica é construída. Fazendo isto semana à semana, mês a mês, ano a ano, se fará tão instruído nas artes liberais que se fará pronto e apto para seu lugar nos assuntos do mundo. Se você sabe o que outros não sabem, eles irão querer ouvi-lo. Então você se tornará inestimável em sua comunidade e para seu país, porque os homens e mulheres irão querer ouvi-lo e vê-lo onde for.

Como apresentado antes, os livros são a melhor companhia de alguém. Trate de obtê-los e conservá-los. Um método de fazer isso é toda vez que tiver dez centavos ou vinte e cinco centavos de dólar para gastar em bobagens, seja com seus amigos ou com você mesmo, pensa o quanto mais útil esses dez ou vinte e cinco centavos de dólar seriam

investidos em um livro, então invista-os. Poderia ser justamente o que você vinha procurando para dar-lhe uma idéia pela qual poderia ganhar o coração do mundo. Os dez centavos, vinte e cinco centavos, ou um dólar, dessa forma, podem se tornar um investimento no valor de um milhão de dólares. Nunca empreste a ninguém o livro que você quiser. Ou você nunca o recuperará. Nunca permita a ninguém ir a tua estante de livros em sua ausência porque o melhor livro que você pode mais querer pode ser pego e você pode nunca ser capaz de tê-lo do mesmo jeito de novo.

Se você tiver uma biblioteca própria, feche-a quando você não estiver em casa. Passe a maior parte de seu tempo livre na sua biblioteca. Se tiver um rádio mantenha-o em sua biblioteca e usa-o incessantemente para escutar leituras, recitais, discursos e boa música. Você pode aprender muito do rádio. Você pode ser muito inspirado pela boa música (linhas repetidas). A boa música carrega o sentimento de harmonia, e pode fazer você pensar muitos bons pensamentos de escutar boa música.

Leia um capítulo da Bíblia cada dia, Antigo e Novo Testamento. A maior sabedoria da era é encontrada nas Escrituras. Sempre pode citar da Bíblia. É a forma mais rápida de ganhar aprovação.

Real Caráter

*Quando a riqueza é perdida, nada está perdido,
Quando a saúde é perdida, algo está perdido,
Quando o caráter é perdido, tudo está perdido.*

O homem de caráter genuíno é um ótimo construtor. Ele não somente é um construtor dele mesmo, mas, de acordo com suas oportunidades, ele constrói seu entorno. Ele constrói seu ambiente, ele constrói sua comunidade, ele constrói seu país, e, algumas vezes, ele ajuda a construir um mundo.

A maior posse do homem é o caráter. Ele bem pode encarar perder sua riqueza, e até mesmo sua saúde, porque se ele tiver caráter, ele pode recuperá-las. Tão poucos homens prestam atenção ao mais essencial e natural elemento do viver bem. Se mais pessoas se dedicassem-se a desenvolver o bom caráter, existira menos miséria menos infelicidade no mundo.

Todos os homens que conquistaram, em todo caminho e esfera da vida, alcançaram isso com um bom caráter, quer dizer, eles foram homens que encontraram o de mais nobre neles mesmos, que sentiam que o auto-desenvolvimento e auto-crescimento são as melhores expressões de uma existência normal. Aqueles que têm fracassado em desenvolver um caráter de mérito têm-se convertido em extraviados de que todos passam por ele pelo caminho.

Com um caráter genuíno você pode destruir um mundo e reconstruí-lo, você pode afundar nas profundezas e então elevar-se às alturas, você pode conhecer a adversidade e rir-se dela no caminho de volta à prosperidade. É somente um covarde sem caráter que cai permanentemente. O companheiro com um mérito genuíno, com o desejo de honestidade, de autoconfiança, de nobreza, não vê derrota, nem admite desvantagem, nem barreiras, ele deve subir para a superfície. Não podemos inspirar os jamaicanos a desenvolver o mais fino e nobre caráter que os fariam construtores, não somente deles mesmos, mas de seu país? Não podemos apontar para eles os feitos de outros homens que têm levantado-se à mais alta utilidade humana através do desenvolvimento de um real caráter?

A oportunidade de ascender acima do nível dos homens desafortunados é para todo aquele que se enobreça, forçando para fora o

que de bom há nele. O que de bom tiver em você, por favor, ponha para fora. A natureza nunca torna você tão sem alma, nem tão sem caráter, ao ponto de não ter nenhuma virtude que possa ser trazida à superfície. Ociosos, tímidos, desajeitados, sem caráter jamaicanos percebam que vocês têm algo em vocês que vale a pena. Busquem dentro de vocês mesmos e encontrem isso. É um nobre caráter que pode significar uma vida nobre a ser vivida para a bênção da humanidade. Depois de ler isso transforme a sua mente para sair de si mesmo e deixe o mundo conhecer você e de você. Você pode fazer isto.

(Artigo publicado no *New Jamaican*, em 14 de janeiro de 1933)

Olhe para mim no olho do furacão

Companheiros da Raça Negra, Saudações:

Eu tenho o prazer de lhes informar, que o seu servo humilde está, no sofrimento, feliz por vocês e pela nossa causa, na medida do possível, devido às circunstâncias de ser cruelmente ultrajado por um grupo de conspiradores que tramaram fazer o seu pior para humilhá-los, através de mim, na luta pela emancipação real e Redenção Africana.

Eu confio que vocês não tenham dado nenhuma credibilidade às mentiras cruéis de jornais brancos e inimigos, e àqueles que têm falado, fazendo referência à minha rendição. Os mentirosos conspiradores de todas as maneiras fizeram com que parecesse que eu não estava disposto a render-me ao tribunal. Meu advogado me avisou que sem mandato teria que ser entregue em dez ou catorze dias, e que é o costume dos tribunais, e que daria tempo para eu manter as palestras que eu tinha em Detroit, Cleveland e Cincinnati. Fazia dez horas que tinha deixado a cidade, quando os mentirosos passaram a notícia de que eu era um fugitivo. Essa foi a boa notícia que circulou em todo o mundo para desmoralizar os milhões de Negros na América, África, Ásia, nas Índias Ocidentais e América Central, mas os idiotas deviam saber agora que não podem enganar todos os Negros ao mesmo tempo.

Eu não quero neste momento escrever nada que tornaria difícil para vocês encontrarem a oposição do inimigo sem a minha ajuda. Basta dizer que a história do ultraje formará um capítulo esplêndido na história da salvação da África, quando os homens pretos deixarão de estar sob os calcanhares dos outros, mas terão uma civilização e um país deles próprios.

O caso é uma vergonha, e todo o mundo negro sabe disso. Nós não devemos esquecer. Nossos dias podem ser de cinquenta, cem ou duzentos anos adiante, mas deixe-nos observar, trabalhar e rezar, para a civilização da injustiça ser obrigada a se desintegrar e derrubar destruição sobre a cabeça dos injustos.

Os idiotas achavam que poderiam humilhar-me pessoalmente, mas nisto eles estão errados. Os minutos de sofrimento estão contados, e quando Deus e a África voltarem e medirem a retribuição desses minutos, podem multiplicar por milhares de pecadores. Nossos amigos Árabes e Riffians serão sempre vigilantes, como o resto da África e de

nós mesmos seremos. Tenha certeza de que eu plantei bem a semente do nacionalismo preto ou Negro que não pode ser destruída até mesmo pelo jogo sujo que tenha sido direcionado a mim.

Continuem a orar por mim e eu vou sempre ser fiel à minha confiança. Eu quero que vocês, os povos pretos do mundo, saibam que W.E.B. Du Bois e que a cruel organização “odiando-Negro” conhecida como a “Associação para o Avanço das Pessoas ‘coloridas’” são os maiores inimigos que povo preto tem no mundo. Eu tenho tanta coisa para fazer em poucos minutos à minha disposição que eu não posso escrever exaustivamente sobre este ou qualquer outro assunto, mas estejam advertidos contra esses dois inimigos. Não permitam que eles te enganem com belos sons de imprensa, discursos e livros; eles são as víboras que têm planejado com os outros a extinção da raça “preta”. Meu trabalho está apenas começando, e quando a história do meu sofrimento estiver completa, então as futuras gerações de Negros terão em suas mãos o guia pelo qual eles devem conhecer os “pecados” do século 20. Eu, e eu sei que você também, acredito no tempo, e vamos esperar pacientemente por duzentos anos, se necessário, para enfrentar nossos inimigos através de nossa posteridade.

Vocês vão me alegrar muito, se agora vocês forem fazer ainda mais pela a organização do que quando eu estava no meio de vós. Segurem nas mãos daqueles que cuidarem de vocês. Ajudem-nos a fazer o bem, para que o trabalho possa continuar a propagar-se de pólo a pólo.

Estou fazendo também um apelo de última hora para apoiar a Black Cross Navigation and Trading Company. Por favor, enviem e façam seus empréstimos, de modo a permitir que os diretores tenham sucesso na realização do trabalho.

Tudo o que tenho eu dei para vocês. Tenho sacrificado a minha casa e minha amada esposa por vocês. Confio-a a seu encargo, para protegê-la e defendê-la na minha ausência. Ela é a mulher mais corajosa que eu conheço. Ela sofreu e sacrificou-se comigo por vocês; portanto, por favor, não a abandonem nesta hora triste, em que ela está sozinha. Deixei-a sem um tostão e sem ajuda para enfrentar o mundo, porque eu dei tudo a vocês, mas a coragem dela é grande, e eu sei que ela irá agüentar por mim e vocês.

Depois que meus inimigos estiverem satisfeitos, em vida ou morte, eu voltarei a vocês, para servir assim como servi antes. Em vida eu serei o mesmo; na morte, eu serei um terror para os inimigos da liberdade do Negro. Se a morte tem o poder, então contem comigo na

morte para ser o real Marcus Garvey, que Eu gostaria de ser. Se eu puder entrar em um terremoto, ou um ciclone, ou praga ou peste, ou como Deus queira para mim, então tenham a certeza de que eu nunca irei abandonar vocês, ou deixarei que seus inimigos triunfem sobre vocês. Eu não iria para o inferno um milhão de vezes por vocês? Como o fantasma de Macbeth, eu não caminharia sobre a terra para sempre por vocês? Eu não perderia todo o mundo e a eternidade por vocês? Eu não choraria para sempre diante do estrado do Senhor Onipotente por vocês? Eu não morreria um milhão de mortes por vocês? Então, por que estão tristes? Animem-se, e tenham certeza, que leve um milhão de anos, os pecados de nossos inimigos visitarão a milionésima geração destes que dificultam e nos oprimem.

Lembrem-se de que jurei por vocês e pelo meu Deus, servir até o fim de todos os tempos, até a destruição da matéria e a queda dos mundos. Os inimigos pensam que eu estou derrotado. Os alemães derrotaram os franceses em 1870? Napoleão realmente conquistou a Europa? Se sim, então eu estou derrotado, mas eu digo-lhes o mundo ouvirá de meus princípios, mesmo daqui a dois mil anos. Estou disposto a esperar o tempo certo pela minha satisfação e pela retribuição dos meus inimigos. Observe os meus inimigos e os seus filhos e descendentes, e um dia você verá retribuição liquidando em torno deles.

Se eu morrer em Atlanta meu trabalho estará apenas começando, mas eu viverei, no físico ou no espiritual para ver o dia da glória da África. Quando eu estiver morto, embrulhe o manto vermelho, preto e verde em volta de mim, pois na nova vida eu subirei com a graça e a bênção de Deus para levar os milhões até as alturas da vitória com as cores que vocês bem conhecem. Olhem para mim num furacão ou tempestade, olhem para mim em tudo ao seu redor, pois, com a graça de Deus, eu virei e levarei comigo incontáveis milhões de escravos pretos que morreram na América e nas Índias Ocidentais e os milhões em África para ajudá-los na luta pela Liberdade, Libertação e Vida.

A civilização de hoje está indo bêbada e louca com seu poder, e por tal, procura através da injustiça, fraude, e mentira esmagar os desafortunados. Mas se eu sou aparentemente esmagado pelo sistema de influência e indireto poder, a minha causa subirá novamente e atormentará a consciência dos corruptos. Por isso eu estou satisfeito, e, por vocês, eu repito, eu estou feliz por sofrer, mesmo até morrer. Novamente, digo, animem-se, pois dias melhores virão. Vou escrever a história que vai inspirar os milhões que estão vindo e deixe a

posteridade de nossos inimigos contar com as multidões para os feitos de seus pais.

Com as queridas bênçãos de Deus, deixo-vos por algum tempo.
Terça-feira 10 de fevereiro de 1925

Referências:

EMMANUEL, Charles Edwards. Black Supremacy In Rightousness of Salvation. E.A.B.I.C. s/d.

GARVEY, Amy Jaques(org). Philosophy and Opinions of Marcus Garvey, 1923.

GARVEY, Marcus & Universal Negro Improvement Association Papers. Life and Lessons. Los Angeles: University of California Press, 1987.

_____. Selected Writings and Speeches of _____. New York: Dover Thrift, 2004.

KELLY, Vin. His Imperial Majesty, Emperor Haile Selassie of Ethiopia visits Jamaica. Big Broad Massive, s/d.
<http://www.youtube.com/watch?v=8rZIVkBgpg>

LEWIS, Rupert. Marcus Garvey Paladin Anticolonialista. Ciudad de La Habana: Casa de las Americas, 1989.

MACK, Douglas. From Babylon To Rastafari: Origin And History Of The Rastafarian Movement. Frontline Distribution International, 1999.

SALASSI, Kalin Ray. Haile Selassie and the opening of the seven seals. OSP & Research associates school time publications, 1997.

SELASSIE, Haile. My Life and Ethiopia's Progress: The autobiography of Emperor Haile Selassie I, Volume Two: Addis Abeba 1966 e.c., OSP & Research associates school time publications, 1999.

TAFARI, Ras Iadonis. Haile Selassie's Special Black Emissary Dr Melaku E. Bayen. 'Wendim Yadon' of Lion of Judah Local 33.
<http://www.youtube.com/watch?v=uqR0gtzye90>

<http://black-king.net/>

<http://marcusgarvey.com/>

Marcus Mosiah Garvey é um dos mais importantes intelectuais e ativista pan-africano do século 20. Consolidou as mais notáveis e bem-sucedidas organizações da diáspora negra, com caráter transnacional.

É considerado como um líder espiritual e político por milhares de africanos pelo mundo todo, e é visto como o mais importante Profeta para os Rastafaris.

“Como quatrocentos milhões de homens, mulheres e crianças, dignos da existência dada a nós pelo Criador divino, estamos determinados a resolver os nossos próprios problemas, pelo resgate da nossa Terra Mãe África das mãos de exploradores estrangeiros, e encontrar lá um governo, uma nação própria, nossa, forte o suficiente para dar proteção aos membros da nossa raça espalhados por todo o mundo, e exigir o respeito por parte dos povos e raças da terra.”

“Existe um Deus e nós acreditamos Nele. Não é uma pessoa, nem um ser físico. Ele é um espírito e Ele é a inteligência universal. Nunca neguem a existência de Deus. Deus sendo a inteligência universal criou o universo a partir dessa inteligência. É a inteligência que cria. O homem faz parte da criação da inteligência universal e foi criado à imagem e semelhança de Deus, apenas por essa inteligência. É a inteligência do homem que é como Deus, mas a sua inteligência é apenas uma partícula unitária da inteligência universal de Deus.”

Realização:



Apoio:



ISBN:

9788562628443